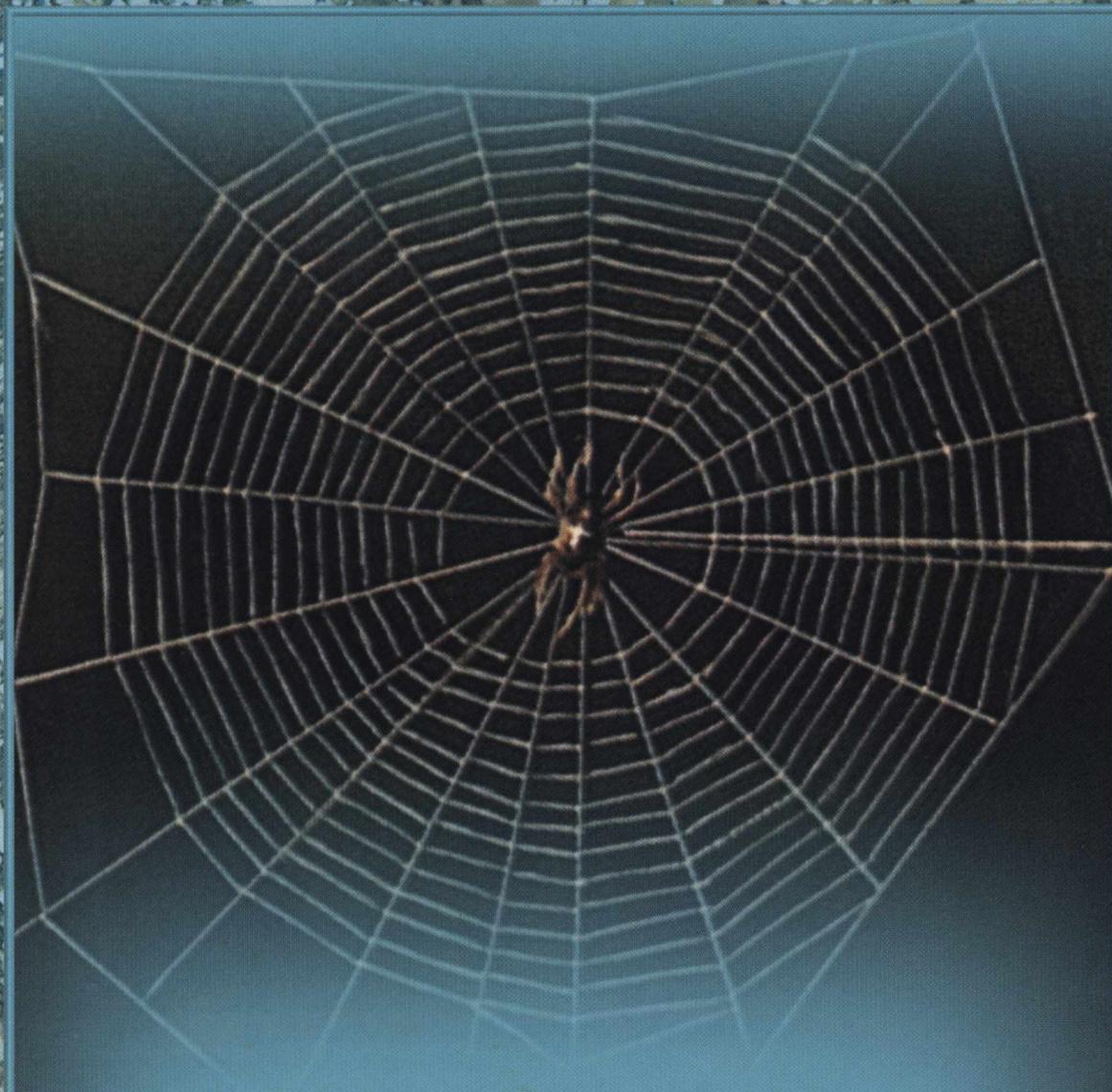


TRAVESSIA

revista do migrante

Publicação do CEM - Ano XIV, número 40, maio-Agosto/2001



REDES

TRAVESSIA

Revista do Migrante

CEM - Centro de Estudos Migratórios (Federação dos CEMs J.B.Scalabrini)

Publicação quadrimestral, voltada ao estudo e divulgação da realidade do migrante a partir dos diferentes ramos do conhecimento: social, político, econômico, educacional, cultural, etc.

Diretor

Sidney da Silva

Editores

Dirceu Cutti

Sidnei M. Dornelas

Jornalista Responsável

Antonio Garcia Peres (MtB 3081)

Conselho Editorial

Carlos B. Vainer

Dulce Baptista

Francisco Nunes

Heinz Dieter Heidemann

Helion Póvoa Neto

José G. Baccarin

José Guilherme C. Magnani

José J. Gebara

Luiz Bassegio

Marilda A. Menezes

Oswaldo M.S. Truzzi

Teresa Sales

Conselho Consultivo

Alfredo J. Gonçalves

Cláudio Ambrozio

Edgard Malagodi

Ermínia Maricato

Marília P. Sposito

Milton Schwantes

Capa:

2M Criação Editorial

Editoração Eletrônica

Dirceu Cutti

Impressão

Gráfica e Editora Peres Ltda - Fone: (11)3609.1387

Endereço para Correspondência

Rua Vasco Pereira, 55 - Liberdade

01514-030 São Paulo/SP - Brasil

Fone: (11)3208.6227 - Fax: (11)3208.2284

E-Mail: cemsp@uol.com.br

Home Page: www.cemsp.cjb.net

www.scalabrini.org

ÍNDICE

REDES SOCIAIS NA MIGRAÇÃO: QUESTIONAMENTOS A PARTIR DA PASTORAL

Sidnei Marco Dornelas.....05

REDES FAMILIARES NA EMIGRAÇÃO VALADARENSE PARA OS ESTADOS UNIDOS

Wilson Fusco.....11

SÃO MIGUEL PAULISTA DOS "BAIANOS"

Paulo Fontes.....17

NÓS DAS REDES

Maria Cristina Silva Costa.....25

REDES TRANSFRONTEIRIÇAS NO MERCOSUL

Rogério Haesbaert

Marcelo Santa Bárbara.....29

NAS REDES DO COMÉRCIO DE RETALHOS

Sueli de Castro Gomes.....33

RELATO DE EXPERIÊNCIA

MIGRANTES DA CONSTRUÇÃO CIVIL EM JOÃO PESSOA

Arivaldo J. Sezyshta

Verônica Pessoa.....38

* * * * *

Nossa Biblioteca.....42

REDES DE SOLIDARIEDADE NO ARANHOL DO MERCADO



Redes podem ser identificadas em inúmeras relações da sociedade contemporânea: técnicas, culturais, políticas, empresariais, criminosas; redes dos bancos, da espionagem e do terrorismo, etc, etc... Consequentemente, elas estão sendo interpretadas nas análises das mais diversas disciplinas: cibernética, economia, sociologia, pedagogia, etnologia, filosofia, geografia, antropologia, entre outras. É comum que as interpretações teóricas e práticas sejam determinadas pelos interesses dos seus atores e do seu contexto.

A princípio as redes apareceram como construções técnicas, sistêmicas e infra-estruturais: redes de transporte, de energia, de telefone, de internet, etc. Nas décadas de 1960 e 1970 ganharam sentido cultural. Para determinados conflitos, interesses e reivindicações, foram criadas formas alternativas de organização. Movimentos sociais, ecológicos, feministas, de saúde, e muitos outros, buscaram garantir criatividade, participação, transparência e igualdade. A rede tornou-se uma metáfora de aconchego pessoal, autogestão, ajuda mútua, descentralização e utopia social sem subordinação às tradicionais hierarquias, instituições formais e burocracias.

Neste percurso, chegamos a uma inflação do uso do conceito rede, o que dificulta mais a análise social. Na "sociedade em rede" tudo está em rede e todo mundo precisa e quer estar em rede. É o que acontece com os migrantes, que também estão sendo estudados nas suas redes sociais. Mas, o que está na base do fenômeno da rede social?

A fragmentação no processo da reprodução social da sociedade de mercado cria cada vez mais esferas separadas e trabalhadores "privados", que, porém, ao mesmo tempo, ficam cada vez mais dependentes um do outro. A produção baseada no trabalho abstrato e na troca entre portadores "autônomos" de mercadorias criou na modernidade - como uma novidade da história da humanidade - o indivíduo "relativamente" separado, socializando-o simultaneamente numa rede material, concreta e real da reprodução social. O secular processo histórico da formação e expansão global da produção de mercadorias, isto é, do trabalho abstrato, é ao mesmo tempo, o processo da formação e expansão da sociabilidade, de uma rede social universal e de múltiplas redes sociais particulares. Assim sendo, o sujeito, aparentemente "livre", está sujeitado "atrás das suas costas" a um processo de dominação social.

A análise atenta dos fenômenos contemporâneos da migração, dos deslocamentos forçados e das restrições ao livre ir e vir, aponta para o fato que a sociedade mundial de mercado está passando da sua longa fase da integração coesiva para a crise e a desintegração social.

A integração, com suas diferenciações territoriais, baseava-se no trabalho. Na medida em que a crise do trabalho virtualiza o valor, ela provoca a perda dos valores sociais. Na decadência das instituições formais do sistema da dominação social, as redes sociais ganham novos conteúdos. Isto deve ser lembrado quando são analisadas as redes sociais dos migrantes: a partir da família, de parentes, de conterrâneos e de outras "conexões cotidianas".

As redes sociais, como entrelaçamentos da sociedade de mercado, servem - muitas vezes com efeitos anti-emancipadores -, para amortecer a queda nas horas das calamidades privadas e públicas. Mas, ao mesmo tempo são as teias, ciladas e armadilhas do aranhol da mercadoria, da troca e do dinheiro.

Heinz Dieter Heidemann

DESEJA ADQUIRIR

TRAVESSIA - Revista do Migrante?

*É fácil assinar a Revista TRAVESSIA
É possível adquirir números avulsos
E ainda há tempo para montar a coleção*

PROMOCÃO

Na assinatura por um ano você tem direito a dois exemplares de sua escolha* entre os números já publicados; por dois anos, a três exemplares e, por três anos, a quatro exemplares.

* Exceto os números 8, 10 e 12.

Formas de Pagamento

Escolha a opção que lhe facilita mais:

a) Cheque nominal à Pia Soc. dos Miss. de S. Carlos

b) Depósito bancário nominal à Pia Soc. dos Miss. de S. Carlos; Banco Bradesco; Agência Tabatinguera nº 0515-0; conta corrente nº 23083-9 e envie-nos cópia do comprovante do depósito.

Valor da Assinatura

- () Ass. válida por 1 ano..... R\$ 20,00
- () Ass. válida por 2 anos..... R\$ 30,00
- () Ass. válida por 3 anos..... R\$ 40,00

Números Avulsos

- Exemplares do nº 1 ao 7.....R\$ 2,00
- Demais exemplares: Nº avulso.....R\$ 5,00
- Quantidade.....R\$ 4,00
- Coleção Completa.....R\$ 95,00

Nosso Endereço

Rua Vasco Pereira, 55 Liberdade CEP:01514-030 São Paulo/SP - Brasil

Fone: (11)3208.6227 Fax: (11)3208.2284

E-Mail: cemsp@uol.com.br - www.cemsp.cjb.net

http://www.scalabrini.org

NÚMEROS PUBLICADOS

- 01 - Sazonais
- 02 - Cidade
- 03 - Fronteira Agrícola
- 04 - Violência
- 05 - Voto
- 06 - Barragens
- 07 - Cultura
- 08 - Trabalho
- 09 - Família
- 10 - Religião e Religiosidades
- 11 - Estrangeiros
- 12 - Educação
- 13 - Pena de Morte
- 14 - Migrar e Morar
- 15 - Tempo e Espaço
- 16 - Desemprego e Subemprego
- 17 - Imagens
- 18 - Novas Tecnologias
- 19 - Identidades
- 20 - Saúde
- 21 - Emigração
- 22 - Retorno
- 23 - Metrópole
- 24 - Índios e Territórios
- 25 - Deslocamentos Compulsórios & Restrições à Migração
- 26 - Mulher Migrante
- 27 - Nomadismos
- 28 - Meio Ambiente
- 29 - Albergue
- 30 - Clandestinidade
- 31 - Festas
- 32 - Memória
- 33 - Mercosul
- 34 - Associações
- 35 - Gerações na Migração
- Nº Especial - O Retorno (Sayad)
- 36 - Um Olhar Retrospectivo
- 37 - Refugiados
- 38 - Bairros e Vizinhanças
- 39 - Assentamentos

REDES SOCIAIS NA MIGRAÇÃO

Questionamentos a partir da Pastoral

Sidnei Marco Dornelas *

Esta reflexão tem por base um primeiro texto que serviu como instrumento de trabalho num encontro de formação de agentes atuantes na pastoral dos migrantes, organizado pelo Serviço Pastoral dos Migrantes (SPM)¹. Na ocasião, o tema “redes sociais de migrantes” foi objeto de estudo, levando a um debate muito fecundo, o que possibilitou desenvolver este artigo, que visa levantar alguns questionamentos em relação a essa temática, percebida como cada vez mais importante na atuação dos agentes pastorais junto aos migrantes. Na verdade, existe uma necessidade de que a realidade das redes seja melhor esclarecida e aprofundada, melhorando assim a aproximação dos agentes em relação aos migrantes, e conseqüentemente, a sua organização comunitária, sócio-cultural e política.

Pudemos perceber que entre os agentes existe uma compreensão das redes que passa por vários enfoques e alcança diferentes níveis de profundidade. Essas variações correspondem às dúvidas, esperanças, inconsistências e riscos pressentidos diretamente pelos militantes no trabalho de organização dos migrantes. Levantamos basicamente quatro tendências. Existem aqueles que, ao tomarem consciência da atuação das redes sociais entre os migrantes, experimentam uma sensação de “maravilhamento” ao descobrirem a multiplicidade de formas com que os migrantes se relacionam, se ajudam mutuamente e encontram soluções para seus problemas, tomando-as de maneira ingênua, como uma entidade a parte, desconectada das contradições inerentes à sociedade mais ampla na qual se inserem. Existem outros que, carregados pelo ím-

peto da militância, perguntam-se como as redes poderiam ser “instrumentos” úteis na mobilização social e política das classes populares, uma necessidade percebida com tanto mais força dado o contexto atual de crise das “esquerdas”, o que leva, por outro lado, à questão sobre a possibilidade (e a conveniência ética) de “instrumentalização” de tais redes. Num outro extremo, há outros militantes que vêem nas redes, e com um certo grau de razão, um entrave à ação política dos agentes de pastoral, no sentido de despertar a consciência de cidadania entre os migrantes, afirmar a importância de sua participação política, da defesa de seus direitos sociais e civis, dos valores do Estado de Direito – isso porque as redes se apresentariam como o nível mais elementar das práticas clientelistas e autoritárias presentes na vida pública brasileira. E por fim, pode-se observar uma grande confusão e desconhecimento em boa parte dos agentes, que tende a assimilar de maneira a-crítica a “rede” entre os migrantes, associando-a às múltiplas formas de redes de trabalho, de movimentos sociais, de empresas, de instituições sociais, entre outras, sem se perguntar o que elas realmente são, e sem fazer uma necessária distinção entre elas e a rede de migrantes propriamente dita.

Gostaríamos de iniciar por este ponto: tentar esclarecer o que seria uma “rede social” e em que sentido poderíamos falar propriamente de uma rede de migrantes. Tendo presente de maneira mais clara a realidade das redes dos migrantes, poderíamos levantar de maneira geral quais seriam as suas formas de inserção na sociedade complexa, com suas conseqüências e contradições. Uma consciência mais lúcida

da da realidade dessas redes permitiria então visualizar melhor a questão de suas potencialidades em relação à ação pastoral e às lutas pela cidadania.

COMO DEFINIR A “REDE SOCIAL”?

Falar de rede social é lembrar da realidade mais elementar que funda qualquer grupo humano, ou seja, aquilo que constitui a relação social. O ser humano constrói a sua identidade como pessoa no seio de uma rede de relações sociais. O modo como se constitui essas relações sociais é que configurará as características próprias desses grupos humanos e dar referenciais para a constituição da identidade social de seus membros. As redes sociais dos migrantes, com todas as suas características marcantes, que tanto surpreendem os agentes de pastoral, não podem fugir a essa regra. Assim, poderíamos definir “rede social” a partir de alguns dos princípios mais elementares das ciências sociais:

“A rede é o conjunto das pessoas em relação às quais a manutenção de relações interpessoais, de amizade ou de camaradagem, permite esperar confiança e fidelidade. Mais do que em relação aos que estão fora da rede, em todo caso. (...) Estabelecendo relações que são determinadas pelas obrigações que contraem ao se aliarem e dando uns aos outros, submetendo-se à lei dos símbolos que criam e fazem circular, os homens produzem simultaneamente sua individualidade, sua comunidade e o conjunto social no seio do qual se desenvolve a sua rivalidade” (Caillé, 1998, pp.18-19).²

Uma tal definição chama a atenção para o fato de que toda rede é constituída de pessoas concretas e de sua necessidade de criarem laços de confiança entre si, através das três obrigações básicas: **dar, receber e retribuir.**³ Através de uma série de trocas simbólicas (bens, presentes, favores, casamentos, filhos, etc) o grupo se constitui, dá forma às suas práticas culturais e a seus princípios de honra e moral, cria as regras básicas de sua sobrevivência como grupo e de seu relacionamento com o mundo exterior. Isto é particularmente visível entre os povos ditos "arcaicos" e os pobres hoje em dia, que vivem na penúria de bens materiais, e que, por isso, reforçam as relações dentro do grupo, como estratégia de sobrevivência e "melhoria" de vida.⁴ Isso é um fato que se constata também entre os migrantes, não importando sua nacionalidade: é no âmbito da rede que o projeto migratório se enuncia, assim como também é aí que se mobilizam os recursos e as estratégias para a sua concretização. As redes são a mediação da relação do migrante com a sociedade de adoção.

A FAMÍLIA COMO UMA REDE SOCIAL ENTRE OS POBRES

A mais fundamental e elementar das redes, sobretudo entre os pobres, é sem dúvida a família. É o que revela o estudo de Cynthia Sarti sobre a moral dos pobres na periferia de São Paulo, cujas famílias ainda trazem a marca de uma migração recente. À margem do ideário individualista próprio da sociedade capitalista, a família pobre se firma em torno de uma rede de obrigações morais primárias:

"A autoridade na família, fundada na complementaridade hierárquica entre o homem e a mulher, entretanto, não se realiza obrigatoriamente nas figuras do pai e da mãe. Diante das frequentes rupturas de vínculos conjugais e da instabilidade do trabalho que assegura o lugar do provedor, a família busca atualizar os papéis que a estruturam, através da rede familiar mais ampla.

A família pobre não se constitui como

um núcleo, mas como uma rede, com ramificações que envolvem a rede de parentesco como um todo, configurando uma trama de obrigações morais que enreda seus membros, num duplo sentido, ao dificultar sua individualização e, ao mesmo tempo, viabilizar sua existência como apoio e sustentação básicos." (Sarti, 1996, pp. 48-49)

A família funda-se, sim, na autoridade do homem, que é também pai, e que deve trabalhar para "prover" a casa, sendo por isso a "autoridade" que dá "respeito" e faz a principal mediação da família com o mundo exterior. Também a mulher, a mãe, tem um papel fundamental, pois é ela quem cuida da casa, é ela que faz a "gestão" da vida familiar e tem o cuidado dos filhos pequenos. Isso sem falar dos filhos, razão de ser de todo casamento e de toda família. Porém, como se percebe na prática, a rede de alianças deve ser muito mais ampla que o núcleo familiar, e abarcar outras tantas alianças: avós, tios, primos, cunhados, padrinhos, etc.⁵

É essa rede que vai sustentar a identidade social de seus membros, e ser a sua garantia diante dos momentos de infortúnio. Através das muitas trocas simbólicas (dar, receber, retribuir) firmam-se laços de solidariedade e estima, mas também inevitáveis obrigações morais, que garantem, de um lado, a respeitabilidade de todos dentro do grupo e diante dos outros olhares da sociedade, e de outro, a segurança diante das precariedades da vida, que são enfrentadas por todos. Dessa maneira, todos os projetos de vida se fazem (também) em relação às obrigações estipuladas por essa rede: o trabalho, o casamento, a mudança de casa ... e também a migração.

O PAPEL DA REDE NO PROCESSO MIGRATÓRIO

É exatamente sob o ponto de vista das redes sociais, que se pode afirmar que o projeto migratório entre os pobres é antes de tudo um projeto "familiar" – o que não significa negar as causas estruturais que o determinam, mas sim compreender que é no universo do grupo familiar amplo, reunindo parentes e compadres, que as pres-

sões de ordem estrutural são vividas, percebidas, representadas e combatidas. A questão da sobrevivência do grupo, a melhoria das condições de vida, as muitas pressões em torno da posse da terra, a seca, o projeto de casamento, etc. tudo pode levar a assumir o projeto de migrar, definitivamente ou temporariamente. A migração alargaria essa rede no espaço, em diferentes localidades, aumentando o leque de alternativas das estratégias de sobrevivência ou melhoria de vida de cada um e do grupo familiar como um todo. E a rede se manteria como sempre se manteve, pela circulação de bens simbólicos, através da renovação das alianças de fidelidade e confiança e o reforço das obrigações que unem uns aos outros, aqueles que ficaram e aqueles que migraram, entre aqueles que ficaram e entre aqueles que migraram.

É a rede social que vai possibilitar também a inserção de cada migrante na sociedade em que virá a se instalar, definitiva ou provisoriamente. É ela que vai mediar o seu ingresso no mercado de trabalho e facilitar o contato com os códigos sociais, culturais e morais e com as outras instituições públicas e privadas da sociedade de adoção. Sarti exemplifica com o caso dos migrantes internos na cidade de São Paulo:

"Embora o trabalho seja o instrumento de integração do migrante ao meio urbano, a migração a que são lançados os pobres – num processo que escapa a seu controle – não se viabiliza, nem se sustenta enquanto processo social, sem a rede de sociabilidade existente em seu local de origem, com base na família e na localidade. A migração, assim, constitui um processo privado, no sentido de ser assegurada por um sistema de lealdades pessoais e familiares.

Expulsos de seu lugar de origem, os pobres conseguem se deslocar graças a esta rede familiar, baseada num padrão tradicional de relações, onde o que conta são as obrigações morais de reciprocidade que os une a seus parentes e a seus iguais." (Sarti, 1995, p. 12)

Em diferentes contextos sociais observa-se como essa rede de favores e obrigações não só intermedeia a busca e o engajamento em algum tipo de trabalho



Foto: Sidnei M. Dornelas

(formal ou não), mas influencia também o tipo de atividade exercida e cobra um controle sobre a destinação da renda auferida. Nesse sentido, é relativamente comum observar como certas etnias de migrantes, ou migrantes provenientes de uma mesma localidade, acabam enveredando por um mesmo nicho de trabalho. Em São Paulo, um exemplo típico é o dos bolivianos que trabalham numa rede clandestina de oficinas de costura (Silva, 1997). Em outros casos semelhantes pode-se constatar que o exercício do trabalho é regulado em função das demandas e obrigações estipuladas por essas redes, sendo as relações de trabalho uma extensão das redes de fidelidade pessoal intrínsecas a esses grupos de migrantes. Assim é que se pode entender as muitas horas de trabalho não-pago, a passividade suportada diante das péssimas condições de trabalho, a subordinação diante do chefe do grupo, enfim, aquilo que surge muitas vezes sob o rótulo de semi-escravidão.

Assim, se a rede com suas relações de reciprocidade intermedia a inserção do migrante no mundo do trabalho, as contradições estruturais do exercício do trabalho na sociedade capitalista, onde o migrante necessariamente se insere, vão também condicionar as relações entre os membros da rede de migrantes. É na perspectiva das redes que se pode entender, por exemplo, a ambigüidade da figura do "gato", como arregimentador de mão-de-obra entre os migrantes temporários (Morales Silva, 99). Para os migrantes oriundos do Vale do Jequitinhonha (MG) que trabalham no corte de cana-de-açúcar e na colheita de outras culturas no interior paulista, o "gato" é na maioria dos casos um migrante com mais experiência, que, ao mesmo tempo que está plenamente incluído no interior de sua rede social de origem, possui relações privilegiadas com os "patrões" no local onde esses migrantes irão vir a se empregar. Se, por um lado, o seu ganho tem origem na superexploração

do salário dessa mão-de-obra que ele arregimenta e encaminha para os distantes locais de trabalho, por outro, ele goza muitas vezes de extrema confiança entre os trabalhadores migrantes, pois é ele quem leva e traz correspondências e encomendas entre a origem e destino, que conhece pessoalmente as famílias dos migrantes e por isso comunica notícias e faz favores para aqueles que partiram e aqueles que ficaram, além de intermediar a relação com o patrão, com órgãos públicos, com autoridades em geral. Se ele está ligado a uma rede de relações de reciprocidade com as famílias dos migrantes, o que o leva a contrair obrigações morais com elas (e estas, relações de fidelidade para com ele), ele também está enredado com as relações contratuais com o patrão, o que o faz partilhar dos interesses econômicos da empresa para a qual trabalha, e tornando-o, portanto, conivente com as violências e injustiças que atingem os trabalhadores. Em contrapartida, o "gato" não é livre dessas

contradições de sua posição de “elo” entre as redes de migrantes e as organizações sociais que exploram a força de trabalho do migrante temporário, ou seja, ele não pode romper com o caráter exploratório de sua posição de arregimentador de mão-de-obra para a empresa agrícola, tomando posição a favor dos migrantes, sem deixar de ser o “gato”.⁶ Nenhuma rede “imuniza” dos efeitos das relações de exploração próprias da sociedade capitalista, ao contrário, por meio das redes de migrantes é que essas relações ganharão características específicas conforme as particularidades da sociedade em que elas se situam.

Por outro lado, é também a partir das redes que se pode entender o trabalho como fundamental para a caracterização da condição própria do migrante, não só em relação à sociedade em que se instala, mas também e principalmente em relação ao meio de onde saiu, pois é o rendimento do trabalho, e a conseqüente “remessa de divisas” para o local de origem, que vai justificar o seu deslocamento e desligamento (temporário ou definitivo) desse mesmo grupo de origem. A remessa de divisas e/ou investimento na localidade que se deixou, vai servir como justificativa da função exercida pela migração: a manutenção da terra, a melhoria das condições de vida, os bens industrializados e modernos, a compra de terrenos e construção de casas, etc.

AS REDES E AS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS DOS MIGRANTES

Não é, entretanto, unicamente através do mundo do trabalho que essas redes de sociabilidade mostram a sua relevância na vida do migrante. As ocasiões em que essas redes se deixam manifestar com mais veemência na sua vida – através de suas trocas simbólicas, que reforçam as alianças de fidelidade e suas obrigações morais – são, sem dúvida, as festas religiosas e as manifestações culturais. São esses os momentos em que o sistema de prestações totais (dar, receber, retribuir) é acionado de diferentes maneiras para renovar simbolicamente os laços que unem os migrantes a seu grupo de origem, também

aqueles internos do grupo de migrantes em terra estranha, e serve mesmo para alargar a rede desse grupo, abrindo-se gradualmente para os outros grupos da sociedade em que se instalaram. Nesse ponto, podemos entender o papel fundamental da prática religiosa para os grupos de migrantes, sobretudo as festas com os seus ritos. São as festas privadas de caráter familiar – batizados, casamentos, etc. – em que o “parentesco de sangue” com suas obrigações já dadas são reforçadas pelos ritos religiosos, que criam o “parentesco espiritual”, o compadrio. São também as festas comunitárias, como as festas de “santo padroeiro”, realizadas ora na localidade de origem, ora na nova terra em que os migrantes se instalaram. Nessas festas, os migrantes voltam como que às suas fontes e renovam ritualmente os laços de fidelidade com seu grupo de origem. Nesse sentido, os rituais e certas figuras, como o festeiro e o compadre, acabam sendo resignificados em função da migração, e das novas exigências que são impostas pela rede social. Na mesma linha de entendimento, poderíamos compreender as outras muitas formas de manifestação cultural dos grupos migrantes.

Ainda aqui, as contradições sociais que constituem a sociedade capitalista perpassam os grupos migrantes com suas práticas culturais, condicionando os modos como se dão os rituais, as características de seus personagens e a função que eles exercem dentro do grupo, em relação à sociedade de origem e àquela em que o grupo está inserido. Sendo em princípio tradicionais⁷, tais práticas culturais tendem a confirmar as relações assimétricas que constituem a rede de migrantes e a sociedade complexa onde o grupo migrante se situa. Percebe-se, por exemplo, que é relativamente comum nas festas patronais dos migrantes que o “festeiro”, isto é, aquele que é escolhido para patrocinar a festa e organizá-la, e portanto que terá uma relação privilegiada com o santo padroeiro e com o grupo migrante como um todo, seja um migrante bem posicionado socialmente, que detenha uma renda alta, goze da simpatia da sociedade em que o grupo se insere, e até mesmo seja um “patrão” que viva da exploração do trabalho de outros migrantes. Se de um lado, um tal festeiro

pode garantir o sucesso da festa e legitimar a imagem do grupo diante da sociedade que hospeda os migrantes, por outro lado revela-se a tendência a reproduzir e mesmo legitimar as relações desiguais e de exploração que existiriam no interior do grupo migrante. A rede não só se reproduziria a si própria com suas relações de reciprocidade, mas também as relações desiguais de subordinação e exploração se reforçariam, sejam aquelas oriundas do meio de origem, sejam aquelas suscitadas pelas relações com a sociedade onde o grupo está inserido. Já as festas no meio de origem, que contam com uma participação forte de migrantes, tendem a introduzir novos elementos culturais das relações sociais entretidas pelos migrantes que voltam para a festa, inclusive traços próprios das relações de prestígio e de subordinação da sociedade de onde os migrantes retornam.

Portanto, pode-se afirmar o caráter “conservador” e tradicional das redes dos migrantes. Porém, é preciso levar em consideração que é através dessas mediações com o trabalho, através de suas práticas culturais, de suas manifestações religiosas e associações de lazer, que os migrantes estabelecem suas relações com a sociedade mais abrangente, com todas as contradições aí implicadas. Se de um lado, através de suas festas e manifestações culturais, os grupos de migrantes reforçam os seus laços com suas origens e com seus pares internamente à rede, por outro, através delas, eles recriam uma imagem positiva de si mesmos diante da sociedade, dão um significado novo à sua identidade social, o que lhes possibilita relacionar-se em termos mais favoráveis com as outras instituições sociais. Se no trabalho – a maioria das vezes desqualificado, informal ou clandestino – a imagem que podem dar aos olhos dos outros (e de si mesmo) é a do homem honesto, pai de família, cumpridor de seu dever e que não causa problemas, apesar de pobre e subordinado, é nas festas que ele revela uma “identidade” mais rica culturalmente, pois é nessas ocasiões que se valoriza diante de seus iguais e também diante dos outros grupos sociais, aos quais muitas vezes se subordina nas relações de trabalho em seu cotidiano. Assim, se num primeiro momento, através das prá-

ticas culturais de tipo conservador, a rede cria estratégias de “resistência” diante da sociedade abrangente, num segundo momento ela vai gerar seus próprios meios de sociabilidade e de “integração” gradual com os outros grupos e a sociedade como um todo.

É nesse sentido que talvez possamos enfocar a problemática da cidadania em relação às redes de migrantes.⁸ Nessa dupla determinação a que estão submetidas as estratégias conservadoras das redes e aquelas de interação com outros grupos sociais, envolvendo o mundo do trabalho e as práticas culturais, é que se apresenta o problema da emergência de uma consciência de direitos entre os migrantes, e a conseqüente prática da cidadania: de um lado, todas as formas de trocas simbólicas, reforçadoras da fidelidade entre pares, de caráter personalista, levando não raro a práticas de exploração e subordinação entre os membros de um mesmo grupo; de outro, o pressuposto individualista e impessoal que regula as relações sociais na sociedade complexa, atuantes no mundo do trabalho, e presentes também no engajamento nos grupos, movimentos e instituições da sociedade moderna (como empresas, sindicatos, partidos, ONGs, pastorais...). Essa necessidade de criar canais que permitam a criação das condições de possibilidade de uma consciência de cidadania leva a reconhecer a importância das instituições que realizam essa mediação, como as igrejas, associações folclóricas, aquelas de caráter educativo, etc. Numa outra perspectiva, com a crise propalada dos movimentos sociais de esquerda ditos “modernos” (como por exemplo, os sindicatos e os partidos políticos), apresenta-se a possibilidade de que, a partir dessa dinâmica das redes, respeitadas suas identidades, possam surgir novas modalidades de prática da cidadania, que preservem valores mais tradicionais dos migrantes e ao mesmo tempo possibilitem uma inserção alternativa na sociedade abrangente.

FRAGILIDADE DAS REDES E O LUGAR DA PASTORAL

Constata-se que as redes dos migrantes não são algo de estático, agindo numa única direção. Elas são dinâmicas e a trama

de suas alianças é complexa, sendo constante a emergência de conflitos em seu interior, e logo, a busca de recomposições. Percebe-se como elas agem segundo a lógica relacional “**nós**” e “**os outros**” (Hoggart, 1970), em que o sistema de prestações totais busca preservar a unidade do grupo, a fidelidade entre os seus membros, e a sua identidade e autonomia perante a sociedade de acolhida. O imperativo de se abrir para outros grupos, seja pela necessidade de sobrevivência (trabalho), seja na procura de legitimação e auto-afirmação (práticas culturais), leva à busca de estratégias de abertura do “**nós**” (a rede de migrantes) em direção aos “**outros**” (instituições públicas, partidos, sindicatos, ONGs, pastorais). Nesse sentido é que elas se relacionam com a sociedade abrangente, criando várias estratégias de “negociação”, que possibilitariam uma integração mediada e gradual de seus membros. O que não impede que o processo seja conflitivo, dadas as contradições de várias ordens que perpassam esse relacionamento, abrindo a possibilidade de rupturas dentro da rede. A ruptura pode vir quando o migrante procura “subir na vida”, afastando-se da moral de reciprocidade que regula as relações internas à rede, assumindo uma postura mais declaradamente individualista própria da sociedade capitalista, ou privilegiando outros círculos de sociabilidade mais prestigiosos socialmente do que aqueles de sua rede de origem. A ruptura pode gerar também uma inserção “degradada” em outras “redes” que se oferecem aos pobres no atual contexto de pobreza e marginalidade em que eles se encontram.

Com efeito, existe uma interpretação que está se tornando recorrente, de que as redes sociais dos migrantes estão em processo de fragilização e mesmo de esgarçamento. Elas estariam sofrendo uma dificuldade crescente em manter os laços de fidelidade entre seus membros, bem como para sustentar as suas tradicionais estratégias de sobrevivência. Seriam muitos os fatores que estariam produzindo esta tendência, entre os quais poderíamos citar: a situação de penúria das classes empobrecidas estaria se agravando diante da nova realidade econômica das últimas décadas; os efeitos do tempo e da distância prolongados levam a um enfraqueci-

mento dos laços entre parentes e conterrâneos; a interação com as práticas culturais da sociedade de adoção leva a um constante redimensionamento dos valores tradicionais da rede, sobretudo entre os filhos de migrantes. Essa fragilização da rede pode levar ao que chamamos de uma interação “degradada” com a sociedade capitalista. Podemos lembrar dois exemplos. A presença cada vez mais evidente das “redes” do crime organizado nas periferias urbanas e aglomerações de população pobre, seduzindo os jovens filhos de migrantes, que rompem com a moral do grupo migrante e aderem à moral violenta das gangues (Sarti, 1996; Zaluar, 2001). Na pastoral, a presença da violência e a coerção exercida por esses grupos é percebida cada vez mais como um sinal evidente do esgarçamento das redes de sociabilidade tradicional entre os migrantes. O outro exemplo diz respeito ao crescimento da população dos assim chamados “trecheiros” e “moradores de rua”. Frequentemente confundidos com migrantes “recentes”, suas histórias de vida, marcadas por rupturas dos relacionamentos familiares, demonstram essa fragilidade das redes sociais, cada vez mais impotentes em manter essa moral da reciprocidade com suas estratégias de sobrevivência. A maioria deles vive apoiada numa outra “rede”, aquela formada pelas instituições de assistência social, públicas e filantrópicas, representadas principalmente pelos albergues e casas de convivência.⁹

É nesse contexto em que se situam as inquietações dos agentes de pastoral em relação às redes no mundo das migrações. Na perspectiva daqueles que se engajam na luta pela cidadania dos migrantes, uma primeira conclusão é que não se pode ter uma visão por demais ingênua em relação às redes sociais. Por um lado, pela sua lógica conservadora, com uma dinâmica personalista marcada pela reciprocidade, elas refletem realmente as relações clientelistas que dominam o espaço público, servindo inclusive de apoio para vários dos “caciques” que dominam a elite política brasileira. Por outro, o processo que produz a migração escapa ao controle dos migrantes e suas redes, sendo esses obrigados a buscar estratégias de sobrevi-

vência e de melhoria de vida, condicionados pela estrutura sócio-econômica que lhes é imposta. Como bem demonstram os exemplos lembrados, as próprias estratégias de sobrevivência e as manifestações culturais dos migrantes são perpassadas pelas contradições da estrutura social que produzem a migração e presidem a inserção social do migrante. Assim, por mais importante que seja o conhecimento da dinâmica das redes para a prática pastoral, ele não dispensa a consciência crítica em relação aos mecanismos sociais que produzem a migração. Considerado isto, não há como não dar razão a uma certa sensação de deslumbramento vivido pelos agentes de pastoral ao descobrirem a imensa criatividade das redes na busca de alternativas para a sobrevivência do migrante, em gestos de solidariedade e manifestações culturais.

Essa riqueza de possibilidades revelada no contato com as redes dos migrantes alimenta a esperança de que através delas possam surgir modos alternativos de organização popular. A grande questão é como fazer com que essas potencialidades possam emergir e serem operacionalizadas, ou na palavra de certos agentes, como elas podem ser "instrumentos" na via de uma renovação do movimento popular. Parece-nos que, justamente, a "instrumentalização" das redes talvez seja um caminho equivocados, porque, na verdade, o que melhor se revela nas suas práticas culturais é a busca da afirmação de sua identidade social. Talvez esteja aí o motivo maior de resistência das redes de migrantes à ação de conscientização política e mobilização social empreendida pelos agentes de pastoral, na sua busca de gestar a consciência de cidadania entre os pobres: buscar na rede um "instrumento" pode significar a manipulação ou a adulteração de uma identidade que procura se auto-afirmar através do resgate de suas tradições. A experiência vem mostrando que não se pode instrumentalizar a identidade de ninguém. Na verdade, o que está em jogo no relacionamento da pastoral do migrante e dos movimentos sociais com as redes de migrantes é a possibilidade e a capacidade de se familiarizar com a **linguagem** dessas redes, com os códigos que regulam suas relações de reciprocidade e

lealdade moral (Sarti, 1996). Se parece improvável trabalhar diretamente com os migrantes sem levar em consideração suas redes de sociabilidade, a tarefa que se impõe cada vez mais é o aprendizado concreto dessa linguagem para se estabelecer uma outra forma de interação com o mundo dos migrantes. É dessa interação renovada, permitindo uma "abertura" alternativa da rede dos migrantes em direção à sociedade abrangente, à consciência de direitos, tornando o migrante sujeito de sua história, que poderão surgir outras modalidades de organização popular que aproveitem as potencialidades criativas das redes originárias dos migrantes.

* *Sidnei M. Dornelas é padre escalabriniano e integra a equipe do CEM.*

NOTAS

1. Trata-se do Coletivo de Formação, encontro que se realizou entre os dias 10 e 13 de maio de 2001, em Cajamar. Esse encontro de agentes de pastoral faz parte de um extenso programa de formação de agentes em Pastoral Migratória, que contém um leque de temas que contempla desde espiritualidade até o estudo da mobilidade do trabalho. O tema "redes sociais de migrantes" foi estudado e debatido durante uma manhã inteira, através da exposição do tema, discussão em grupo e plenário. O conteúdo rico do plenário forneceu vários elementos de reflexão e exemplos concretos que foram reaproveitados na composição desse artigo.
2. Caillé esboça essa definição quando estuda a proximidade entre certas correntes do interacionismo e os estudos de Marcel Mauss.
3. Marcel Mauss formulou o princípio que baseia o "sistema de prestações totais" - dar, receber, retribuir - num estudo clássico intitulado "Ensaio sobre a dádiva", (Mauss, 1974, pp. 37-184. Acreditamos que o uso desse princípio formulado por Mauss - uma espécie de "paradigma", como defendem alguns cientistas sociais (Caillé, 1998) - pode ser útil para a reflexão que a Pastoral faz sobre a sua prática junto aos migrantes. De resto, o uso mais livre dessa conceituação nos foi sugerido através do estudo de Sarti (1996), que se serve dela para um estudo sobre a moral dos pobres na cidade de São Paulo, que aliás também foi uma referência importante para este artigo.
4. Sarti faz uma distinção entre aquilo que os pobres urbanos chamam de "melhoria" de vida e o projeto de "subir na vida", ou seja, o projeto de ascensão social (Sarti, 1996).
5. Seguimos aqui o estudo de Sarti sobre como se organiza a família dos pobres urbanos no Brasil, valendo-se também da colaboração de outros autores (Zaluar, 1985).

6. Durante o plenário do Coletivo de Formação, foi relatado o caso de um arregimentador de trabalhadores "consciente" que procurava ajudar os trabalhadores na defesa dos seus direitos. Devido a essa atividade ele teria sido demitido da empresa. Na sua revolta, ele ameaçava denunciar todas as práticas que era levado a usar para beneficiar a empresa, e ele próprio, contra os trabalhadores migrantes.

7. Entende-se "tradicionais" aqui pelo esforço que fazem os migrantes com suas redes, com suas práticas culturais, em conservar certas tradições próprias de seu meio de origem.

8. Usamos o termo "cidadania" no seu sentido mais amplo, não como cidadania juridicamente estabelecida, mas como usualmente empregada em boa parte dos movimentos sociais, como "consciência de direitos".

9. Durante o mencionado plenário, esses dois exemplos também foram citados de bastante nitidez, sendo que o problema da violência foi sublinhado como um sintoma claro dessa fragilização das redes, e ao mesmo tempo como uma das principais dificuldades para aqueles que hoje trabalham diretamente nas organizações populares em todo o Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAILLÉ, Alain
(1998) "Nem holismo nem individualismo metodológicos. Marcel Mauss e o paradigma da dádiva". In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 13, n. 38, outubro.
- HOGGART, R.
(1970) *La culture du pauvre. Étude sur le style de vie des classes populaires en Angleterre*, Paris, Minuit.
- MAUSS, Marcel
(1974) "Ensaio sobre a dádiva". In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo, EDUSP/EPU, pp.37-184.
- MORAES SILVA, Maria Aparecida
(1999) *Errantes do fim do século*. São Paulo, Fundação da Editora da UNESP.
- SARTI, Cynthia Andersen
(1995) "São os migrantes tradicionais?" In: *Travessia - revista do migrante*, ano VIII, n. 23, set-dez., p. 12.
- SARTI, Cynthia Andersen
(1996) *A família como espelho. Um estudo sobre a moral dos pobres*. São Paulo, Autores Associados.
- SILVA, Sidney A.
(1997) *Costurando Sonhos: Trajetória de um grupo de imigrantes bolivianos em São Paulo*, São Paulo, Paulinas.
- ZALUAR, Alba
(1985) *A Máquina e a Revolta: as organizações populares e o significado da pobreza*. São Paulo, Brasiliense.
- ZALUAR, Alba e LEAL, Maria Cristina
(2001) "Violência extra e intramuros". In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Publicação da ANPOCS, vol. 16, n. 45, fev., pp. 145-164.

REDES FAMILIARES NA EMIGRAÇÃO VALADARENSE PARA OS ESTADOS UNIDOS

Wilson Fusco*

A migração de brasileiros para o exterior, como um processo contínuo e de volume expressivo, é um evento extremamente recente. Os estudos já publicados concordam que o movimento aparece de forma consistente a partir da segunda metade da década de 1980, e a situação de Governador Valadares¹ não é diferente (Sales, 1995 e 1999; Assis, 1995; Soares, 1995; Martes, 1999). Essa característica é acompanhada de configuração e dinâmica próprias de um fluxo em formação, no qual predominam jovens trabalhadores do sexo masculino, que iniciam o movimento com a forte expectativa de voltar a viver no Brasil. Os pioneiros criam novos laços no destino, sem perder as conexões com a origem, facilitando assim o engajamento de novos migrantes no movimento, o que alimenta um processo cumulativo.

A ampliação do contingente populacional disponível para a migração vai aos poucos transformando o quadro inicial, no qual começam a se inserir, cada vez mais, mulheres e indivíduos de diversas faixas de idade, e a reunificação familiar também começa a ser um motivo comum para migrar. As redes migratórias, que ampliam suas conexões no decorrer do processo, passam a desempenhar especial papel na redefinição da expectativa temporal do migrante. Indivíduos que se dispuseram a viver um período limitado de sacrifício e solidão sentem-se mais a vontade, no interior de um grupo de conhecidos, para continuar sua experiência por mais tempo que o planejado, às vezes para o resto da vida.

De acordo com Tilly (1990), os novos fluxos migratórios que têm os Estados Unidos como destino não podem ser explicados somente pelo diferencial de salários (*push and pull theory*) entre este e os países de origem dos migrantes, especialmente porque os processos migratórios são altamente seletivos por origem e tipo de migrante. Essa argumentação chama a atenção para questões às quais os neoclássicos ainda não deram resposta. Por que nos países pobres certos indivíduos migram e outros não? Por que alguns locais específicos no destino atraem mais migrantes que outros, com estrutura de mercado de trabalho semelhante? A resposta, segundo Tilly e Massey, está na criação e atuação das redes sociais, responsáveis pela construção dos vínculos necessários para a emigração, pela veiculação do conjunto de informações e percepções que os indivíduos necessitam para emigrar. O conceito de redes sociais na migração internacional, portanto, pode ser utilizado para completar algumas lacunas deixadas nesse campo teórico.

Este trabalho² pretende contribuir para aprofundar as questões acima, referentes ao fluxo Governador Valadares-Estados Unidos, e ainda analisar outras questões particulares, como o apoio fornecido pelas relações de parentesco e amizade e as estratégias de migração. Para tanto, vamos focalizar a presen-

ça e o uso das redes sociais próprias desse movimento, considerando de forma especial a dinâmica temporal do processo.

CONCENTRAÇÃO NO DESTINO

A rota que leva aos Estados Unidos é a marca registrada do fluxo que parte de Governador Valadares. Segundo a Tabela 1, mais de 85% dos valadarenses escolheram os EUA como destino em sua primeira viagem ao exterior. A proporção de migrantes com experiência nos EUA sobe para 88,7%, quando consideramos também os indivíduos que, tendo inicialmente escolhido outro país em sua primeira viagem,

TABELA 1
País de Destino na Primeira Viagem do Migrante aos EUA.
Governador Valadares, 1997

País de Destino	População Migrante	
	Nº	%
Estados Unidos	440	85,6
Canadá	13	2,5
Portugal	12	2,3
Austrália	7	1,4
Outros	42	8,2
Total	514	100,0

Fonte: Pesquisa amostral
Total de casos: 537
Casos válidos: 514

decidem-se pelos Estados Unidos num momento posterior.

A situação de crise econômica pela qual passou a população de Governador Valadares, associada ao imaginário criado pela presença de norte-americanos na cidade, são os fatores mais freqüentemente utilizados para explicar o início do fluxo para os EUA (Sales, 1999; Assis, 1999; So-

ares, 1995; Scudeler, 1999). Já a distribuição espacial do contingente de migrantes nos limites do território norte-americano é uma questão ainda pouco explorada, que merece algumas considerações.

O reconhecimento dos pontos de destino mais expressivos de um determinado fluxo permite uma caracterização adicional de sua dinâmica. Para citar um exemplo, vejamos a comunidade brasileira em São Francisco, nos Estados Unidos. Segundo Ribeiro (1999), dados do consulado brasileiro mostram que podemos encontrar migrantes de vários estados do Brasil, mas que a concentração de goianos é a expressão mais evidente. E os indivíduos que saem de Governador Valadares, onde se concentram? A Tabela 2 mostra o destino desses brasileiros em sua primeira viagem aos EUA.

Observando os locais de destino com maior concentração de brasileiros, destaca-se, em primeiro lugar, a cidade de Boston, que sozinha é responsável por um terço dessas migrações. Vem em seguida a cidade de New York, com 8,9%; Newark, com 5,2%; e Framingham, que faz parte da região metropolitana de Boston, com 4,7%. No Estado da Flórida se destacam as cidades de Pompano Beach, Deerfield Beach e Miami, porém todas com contingentes de valadarenses que representam apenas 3% sobre o total.

O município de Framingham abriga uma das mais notáveis comunidades de imigrantes brasileiros, prove-

nientes principalmente de Governador Valadares. Segundo Bicalho (1989), 87% dos residentes em Framingham vieram do Vale do Rio Doce. Teresa Sales (1999), que dedicou um capítulo especial à cidade norte-americana, relata o sentimento de identidade provocado pela predominância de brasileiros no local.

"Ao sair novamente à rua, apesar do frio de outono daquele final de tarde apressado em escurecer mais cedo, me sinto brasileira da silva. Tão brasileira depois daquela coxinha de galinha e daquele suco de cajú, que estranhei quando, na rua, me deparei com dois autênticos nativos conversando em inglês." p. 47

Os valadarenses, portanto, formam comunidades importantes em quatro Estados dos EUA, mas a concentração de mais de 51% em Massachusetts evidencia este como o principal ponto de destino desses brasileiros. Essa informação também pode ser encontrada nos trabalhos de Sales (1999), Martes (1998) e Bicalho (1989), que pesquisaram sobre a origem dos imigrantes brasileiros nos Estados Unidos.

Uma vez que a chegada dos brasileiros em território dos Estados Unidos acontece continuamente, podemos concluir que muitos migrantes seguiram paulatinamente para locais onde já se encontravam seus conterrâneos. Este é um dos aspectos das redes sociais, que, segundo Sales "...contribuem não apenas para fornecer os referenciais do local de destino, como a acomodação inicial do imigrante e sua inserção no mercado de trabalho" (Sales, 1999, p. 36).

A Tabela 3 mostra o Estado de destino

TABELA 2 Estados e Principais Cidades de Destino na Primeira Viagem do Migrante aos EUA. Governador Valadares, 1997		
Estado e principais cidades de destino	População Migrante	
Massachusetts	208	51,2
Boston	144	35,5
Framingham	19	4,7
Somerville	9	2,2
Marlborough	11	2,7
Bridgeport	9	2,2
Hudson	5	1,2
Outras	11	2,7
Flórida	61	15,0
Pompano Beach	15	3,7
Deerfield Beach	14	3,4
Miami	14	3,4
Palm Beach	3	0,7
Boca Raton	3	0,7
Outras	12	3,0
New Jersey	59	14,5
Newark	21	5,2
Lincoln	5	1,2
Elizabeth	4	1,0
Outras	29	7,1
New York	46	11,3
New York	36	8,9
Fallsburg	3	0,7
Outras	7	1,7
Outros Estados	32	8,0
Total	406	100,0
Fonte: Pesquisa amostral Total de casos: 456 Casos válidos: 406		

TABELA 3 Estado de Destino segundo o Período de Migração Primeira Viagem aos EUA / Governador Valadares, 1997			
Estado de destino	Período da Migração		
	67 a 86	87 a 89	90 a 97
Massachusetts (%)	45,1	50,6	58,5
Florida (%)	18,9	13,9	12,7
New Jersey (%)	12,3	16,3	14,4
New York (%)	18,0	10,8	5,1
Outros (%)	5,7	8,4	9,3
Total (%)	100,0	100,0	100,0
Total (Nº)	122	166	118
Fonte: Pesquisa amostral / Total de casos: 456 / Casos válidos: 406			

do migrante em função do período da primeira viagem aos EUA. Massachusetts atrai 45,1% dos migrantes que fizeram sua primeira viagem até 1986; essa concentração aumenta para 50,6% no segundo período, e cresce ainda mais no período mais recente, chegando a contar com 58,5% dos migrantes que saíram do Brasil entre os anos de 1990 e 1997. O fluxo que se direciona para o Estado de New Jersey tem um crescimento tímido entre o primeiro e último períodos de primeiras viagens, passando de 12,3% para 14,4%. O que se verifica para os Estados da Florida e de New York é uma diminuição contínua da concentração de migrantes: com 18,9% e 18,0%, respectivamente, no primeiro período, a proporção de indivíduos que escolhem esses Estados como destino em sua primeira viagem cai para 12,7% e 5,1% no último período.

O direcionamento de fluxos migratórios para pontos específicos de destino foi também estudado por Massey (1987). Esse autor descreve a formação de comunidades de migrantes, que ele chamou de "comunidades filhas", como um processo intrínseco da migração. Os primeiros momentos da migração de mexicanos para os EUA comportam uma diversidade muito maior de destinos do que nos períodos mais recentes. É um processo social que leva tempo para operar, de modo que as comunidades filhas se desenvolvem mais devagar no começo, e depois mais rapidamente, quando um volume maior de migrantes sustenta as redes de forma mais sólida, fato que exerce um efeito magnético para as migrações subsequentes.

O desenvolvimento de comunidades estabelecidas nos Estados Unidos é um passo crucial na maturação das redes migratórias. Quando alguns indivíduos se fixam em determinados lugares o processo migratório se transforma, redirecionando os fluxos para regiões específicas (Massey, 1987). Visto desse modo, em todo local que se forma uma comunidade de imigrantes, a atração para novos migrantes é um fato consumado. Mas não é isso que observamos no caso analisado. Enquanto que, proporcionalmente ao total de pessoas em cada período, o Estado de Massachusetts recebe cada vez mais indivíduos, decresce o número relativo de migrantes que se di-

rigem aos outros Estados, com exceção de New Jersey, que mantém certa estabilidade.

O que ocorre é que não basta a aglomeração de pessoas no destino para que existam os benefícios que facilitam e estimulam o ingresso de pessoas num fluxo migratório. A formação de comunidades no destino é uma condição necessária, mas não suficiente. É preciso que se desenvolvam redes de relações confiáveis unindo origem e destino, nas quais o migrante em potencial possa se apoiar. As diferenças verificadas na Tabela 3 podem ser explicadas em função desse argumento, ou seja, as regiões que mais atraem migrantes são as que melhor disponibilizam os recursos característicos das redes migratórias (Fusco, 2000).

USO DAS REDES

Um dos aspectos mais marcantes para o indivíduo que decide pela migração é a sua primeira viagem ao exterior. Desde os preparativos para o embarque, até a chegada no destino, o migrante enfrenta vários desafios. Por isso, é importante sabermos como ele passa pela primeira etapa de seu empreendimento. A Tabela 4 mostra com quem o migrante viajou pela primeira vez aos EUA.

TABELA 4
Tipo de Migração
Primeira Migração Internacional
com Destino aos EUA
Governador Valadares, 1997

Tipo de Migração	Nº	%
Sozinho	347	76,8
Com a família	68	15,0
Grupo de migrantes	26	5,8
Outra	11	2,4
Total	452	100,0

Fonte: Pesquisa amostral
Total de casos: 456
Casos válidos: 452

De acordo com a Tabela 4, 76,8% da população migrante enfrenta a primeira viagem aos Estados Unidos, desacompanhado. Uma parcela correspondente a 15,0% viajou com a família e 5,8% foi em grupo, com outros migrantes. Pelo menos duas conclusões diferentes podem ser alcançadas a partir desses dados, dependendo da perspectiva em que se coloca a melhor estratégia ao migrar. Nesse caso, as possibilidades estratégicas estariam entre enfrentar a primeira viagem só ou em grupo.

Se o problema maior enfrentado pelo indivíduo, no período inicial da sua experiência migratória, ocorresse durante o trajeto da primeira viagem, então ele teria mais segurança se pudesse contar com a companhia de parentes ou outros migrantes. Nesse caso, poderíamos supor que a estrutura de relações sociais que liga Governador Valadares aos Estados Unidos é frágil, e não oferece condições satisfatórias ao desenvolvimento do processo migratório.

Por outro lado, poderíamos partir do princípio de que o migrante valadarense considera que a viagem solitária é a estratégia de menor risco. Na verdade, as características desse movimento, tais como a distância entre origem e destino e a predominância de ilegais no fluxo, indicam que o indivíduo tem mais chances, ao enfrentar a primeira experiência migratória, viajando sozinho. E para que o migrante possa concretizar seus planos, ele precisa contar com uma rede de relações sociais bem desenvolvida, na origem e no destino. Dessa forma, podemos deduzir que a estrutura de laços sociais é bastante forte na comunidade de migrantes valadarenses, e dá condições para que a estratégia de viagem mais apropriada seja adotada. Dentre as duas hipóteses apresentadas, acreditamos que esta última corresponda melhor à realidade, e basearemos nossa argumentação nos demais resultados do *survey*.

Cabe ressaltar que a estratégia de migração individual não se confunde com a decisão individual de migrar. O primeiro caso diz respeito à opção de migrar sem acompanhantes, de acordo com os motivos descritos acima. Já a segunda situação diz respeito à idéia de que o indivíduo decide sozinho pela migração, sem o consen-

TABELA 5
Fonte de Recursos Financeiros para o Migrante Primeira Migração Internacional com Destino aos EUA Governador Valadares, 1997

Origem dos Recursos	Nº	%
Próprios	201	45,2
Parentes	178	40,0
Amigos	38	8,6
Igreja	1	0,2
Agência	18	4,1
Empresa	2	0,4
Banco	5	1,1
Namorado	2	0,4
Total	445	100,0

Fonte: Pesquisa amostral
 Total de casos: 456
 Casos válidos: 445

so de seus familiares. Como dissemos antes, acreditamos que a decisão de migrar é, na maior parte das vezes, coletiva, e ocorre de acordo com a estratégia familiar.

Assistência financeira

Até que o imigrante consiga seu primeiro salário, geralmente ele passa por um período de carência. Antes mesmo de embarcar, os gastos com passagens e documentação começam a selecionar quem vai e quem fica. Depois, no destino, a assistência financeira para os primeiros dias de acomodação aumenta as chances dos "novatos". Após analisar os dados sobre assistência financeira ao migrante mexicano, Massey afirma que "(...) família e amigos são um inestimável recurso sócio-econômico para migrantes nos EUA" (Massey, 1987, p.152).

No survey realizado em Governador Valadares foi incluída uma questão sobre a principal fonte de recursos que o migrante

utilizou em sua primeira viagem aos Estados Unidos. Os resultados estão na Tabela 5.

A Tabela 5 mostra a importância que têm as redes migratórias para o ajuste inicial do migrante. Mais da metade dos indivíduos solicitou ajuda financeira em sua primeira viagem. Dentre esses, 40,0% recorreram a parentes, 8,6% a amigos, 4,1% a agências de viagens, e o restante está distribuído entre alternativas inexpressivas. Os serviços oferecidos pelas agências de viagens configuram-se mais como arranjos institucionais do que relacionais, mas as informações necessárias para sua utilização estratégica passa certamente pelas conexões sociais. Esses números cumprem, portanto, uma parte do objetivo de evidenciar a presença e o uso das redes sociais na migração de valadarenses aos EUA.

Os mesmos dados, agrupados segundo o período da primeira viagem do migrante, permitem uma visão dinâmica do uso das redes, como mostra a Tabela 6. Evidencia-se a crescente utilização dos recursos financeiros disponibilizados pelas redes sociais. Enquanto que a proporção de migrantes que utilizou somente recursos próprios decaiu continuamente de 49,2%, no primeiro período, para 42,8%, no período mais recente, o índice que mostra a ajuda oferecida por parentes eleva-se de 36,2% até 42,8%. É nítida a importância

TABELA 6
Fonte de Recursos Financeiros para o Migrante segundo o Período da Primeira Migração Internacional com Destino aos EUA Governador Valadares, 1997

Origem dos Recursos	Período		
	61 a 86	87 a 89	90 a 97
Próprios (%)	49,2	44,1	42,8
Parentes (%)	36,2	40,8	42,8
Amigos (%)	9,2	9,2	6,1
Agência viagem (%)	5,4	1,7	6,1
Outra (%)	—	3,9	2,2
Total %	100,0	100,0	100,0
Total (Nº)	130	179	131

Fonte: Pesquisa amostral
 Total de casos: 456
 Casos válidos: 440

TABELA 7
Fonte de Recursos Financeiros para o Migrante segundo o sexo na Primeira Migração Internacional com Destino aos EUA Governador Valadares, 1997

Origem dos Recursos	Sexo	
	Masc.	Fem.
Próprios	47,8%	42,3%
Parentes	37,3%	44,6%
Amigos	9,1%	7,7%
Agência viagem	3,3%	4,8%
Outra	2,5%	0,6%
Total %	100,0	100,0
Total (Nº)	276	168

Fonte: Pesquisa amostral
 Total de casos: 456
 Casos válidos: 444

que têm os laços familiares para um indivíduo que deseja levar a termo seu projeto de migrar, mas o efeito principal desse modo de exposição dos dados é o de mostrar, no tempo, o aumento da influência das redes sociais no processo migratório de Governador Valadares.

As pessoas que migram de Governador Valadares para os Estados Unidos, de forma geral, aproveitam bem a assistência financeira disponibilizada pelos laços sociais. No entanto, os homens apresentam uma proporção maior de indivíduos que contam somente com recursos próprios do que as mulheres (47,8% e 42,3%, respectivamente), conforme podemos observar na Tabela 7. Supondo que homens e mulheres tivessem condições econômicas semelhantes antes de ingressar no movimento, as mulheres levam vantagem ao migrar, quanto ao uso desse benefício da rede migratória. Além disso, os laços familiares representam um apoio superior às mulheres, que

conseguiram ajuda financeira através de parentes numa proporção de 44,6%, contra 37,3% entre os homens.

Conhecidos no destino

Vimos anteriormente que a maioria dos valadarenses viaja sozinha na primeira experiência migratória (tabela 4). Para que um indivíduo nessa situação tenha melhores condições de se ajustar ao novo ambiente, é muito importante que ele tenha um ponto de apoio confiável no destino. Vejamos, pelos números da Tabela 8, como o migrante valadarense se enquadra nessa questão.

A variável "conhecia no destino" mostra os laços sociais que o potencial migrante possuía antes de ingressar no movimento. Somente 19,8% relatou não conhecer ninguém nos Estados Unidos em sua primeira viagem, o que destaca a importância de se ter um vínculo pessoal no

Conhecia no Destino	Nº	%
Parentes	254	56,1
Amigos	106	23,4
Pessoas da Igreja	1	0,2
Ninguém	90	19,9
Outra	2	0,4
Total	453	100,0

Fonte: Pesquisa amostral
Total de casos: 456
Casos válidos: 453

destino. Muitos relataram ter ligações com amigos nos EUA (23,4%), mas as conexões familiares predominam (56,1%). A Tabela 8 mostra como os laços sociais unem origem e destino do fluxo valadarense, além de evidenciar o parentesco como o principal componente das redes sociais daquela cidade.

Uma vez mais, os dados da *survey* confirmam a presença das redes migratórias e demonstram de que modo os migrantes se articulam para dela fazerem uso. Para destacar novamente a dinâmica dessas redes, os mesmos dados da Tabela 8 foram redistribuídos, segundo o período da primeira viagem do migrante, na Tabela 9.

Conforme as redes "amadurecem" com o passar do tempo, esperamos que os migrantes relatem um número cada vez maior de laços sociais nos EUA. De acordo com a Tabela 9, o índice de pessoas que declarou não conhecer ninguém no destino cai continuamente. No primeiro período, no qual o movimento ainda não contava com muitos pontos de apoio no destino, 29,5% das pessoas que decidiram pela migração não conheciam ninguém nos Estados Unidos, antes de viajar pela primeira vez. Já no segundo período, esse número cai para 19,7%, ao mesmo tempo em que se observa a ampliação do movimento na cidade. O processo migratório vai de

Conhecia no Destino	Período		
	61 a 86	87 a 89	90 a 97
Parentes (%)	43,9	56,8	66,4
Amigos (%)	25,8	23,0	21,6
Ninguém (%)	29,5	19,7	11,2
Outra (%)	0,8	0,5	0,7
Total %	100,0	100,0	100,0
Total (Nº)	132	183	134

Fonte: Pesquisa amostral
Total de casos: 456
Casos válidos: 449

tal modo envolvendo a população, até que quase todos tenham pelo menos um conhecido morando nos EUA. No período mais recente, somente 11,2% do total de migrantes não conhecia ninguém no destino.

As conexões familiares, como tem sido apontado, aparecem novamente como destaque das redes migratórias. A proporção de indivíduos, que possuam parentes nos EUA antes de embarcar, cresce de 43,9% no período inicial, para 66,4% no último período. Os migrantes pioneiros, naturalmente, tinham menos laços familiares no destino. Com o tempo, a experiência migratória é incorporada pela população, até que os migrantes

subsequentes tornam-se aptos a utilizar as cada vez mais numerosas conexões de parentes nos Estados Unidos.

Na corrente migratória mexicana, analisada por Massey, os laços de parentesco

Conhecia no Destino	Sexo	
	Masc.	Fem.
Parentes (%)	50,5	65,1
Amigos (%)	26,3	18,6
Ninguém (%)	22,8	15,1
Outra (%)	0,4	1,2
Total %	100,0	100,0
Total (Nº)	281	172

Fonte: Pesquisa amostral
Total de casos: 456
Casos válidos: 453

são considerados como uma das mais importantes bases da organização social da migração, mas somente as ligações familiares masculinas são destacadas, já que esta é uma característica do fluxo México – EUA (Massey, 1987). As mulheres brasileiras, neste caso, levam vantagem e utilizam-se mais dos laços familiares que os homens, conforme indicam os dados da Tabela 10.

Conforme podemos observar na Tabela 10, as mulheres que não conheciam ninguém no destino compõem 15,1% do total feminino, enquanto que dentre os homens, 22,8% se identificaram com a mesma situação. As mulheres, portanto, contavam com o apoio de pessoas conhecidas nos EUA, antes mesmo de viajar, numa proporção superior aos homens. Quanto ao tipo de laço existente, os homens se apoiam mais nas relações de amizade do que as mulheres (26,3% contra 18,6%). O grupo feminino, por sua vez, frui dos laços familiares com maior intensidade do que o masculino (65,1% contra 50,5%).

CONCLUSÃO

Um importante passo no amadurecimento das redes migratórias ocorre quando alguns migrantes começam a se estabelecer nos Estados Unidos. Quando as novidades percorrem a região de origem, mais indivíduos se encorajam e seguem os passos dos pioneiros. A existência de regiões com concentração de parentes, amigos e conhecidos, por sua vez, acelera o desenvolvimento das redes, dando a elas uma forte base nos EUA. No entanto, os pontos de destino encontram-se em diferentes fases quanto à estrutura das redes em cada local. Observamos que a rede social que liga Governador Valadares a Massachusetts é a que melhor disponibiliza seus recursos, e que é essa região nos EUA que mais atrai os migrantes valadarenses.

Quando esses migrantes chegam nos Estados Unidos, obter algum trabalho remunerado passa a ser a preocupação mais imediata. Devido à baixa qualificação de sua mão-de-obra, em termos do país receptor, o migrante brasileiro se insere nos patamares mais baixos do mercado de trabalho norte-americano. Seja no mercado secundário ou no mercado informal, dependendo da perspectiva teórica adotada,

o fato é que o migrante valadarenses encontra emprego em ocupações de mais baixo *status* hierárquico, em nichos reservados aos imigrantes. E esses empregos são obtidos através das redes de relações presentes na comunidade migrante. Informações são trocadas, postos de trabalho são vendidos ou sugeridos, e os brasileiros vão chegando e ampliando mais e mais o alcance das redes migratórias.

Como vimos, a migração de valadarenses para os Estados Unidos é fortemente baseada numa organização social que a apóia e sustenta. Massey diz que "(...) a migração internacional é um processo social organizado através de redes forjadas diariamente pelas conexões interpessoais que caracterizam todos os grupos humanos" (Massey, 1987, p. 169). Percebemos a presença dessas conexões cotidianas transformadas no contexto das migrações, e a ampliação do uso das redes com o passar dos anos. As redes migratórias tendem a se tornar auto-suficientes com o tempo devido ao capital social que elas geram aos migrantes em potencial. Contatos pessoais com parentes, amigos e conterrâneos dão aos migrantes acesso a empregos, hospedagem e assistência financeira nos Estados Unidos.

* *Wilson Fusco é Pesquisador do NEPO (Núcleo de Estudos de População)-UNICAMP e doutorando em Demografia no IFCH-UNICAMP.*

NOTAS

1. Este artigo tem por base a dissertação de mestrado intitulada "Redes Sociais nas Migrações Internacionais: o caso de Governador Valadares", defendida em dezembro de 2000 no Programa de Mestrado em Sociologia do IFCH-UNICAMP.
2. Os dados utilizados neste trabalho resultam de uma pesquisa de campo por amostragem aleatória realizada em Governador Valadares/MG, em julho/agosto de 1997. O trabalho de campo aconteceu em duas etapas: a primeira, na qual foram visitados 2566 domicílios, com o objetivo de localizarmos aquelas residências em que pelo menos um morador tivesse experiência migratória internacional; a segunda etapa consistiu na aplicação dos questionários em 467 domicílios, os quais foram encontrados na primeira etapa.
3. Este é um depoimento da própria autora, em seu livro *Brasileiros Longe de Casa*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, G. O.

(1995) *Estar aqui, estar lá...uma cartografia da vida em dois lugares*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFSC.

ASSIS, G. O.

(1999) "Estar aqui..., estar lá... uma cartografia da emigração valadarenses para os EUA". In: REIS, R.; SALES, T. (orgs.). *Cenas do Brasil migrante*. São Paulo, Editora Boitempo.

BICALHO, J. V.

(1989) *Yes, eu sou brazuca*. Governador Valadares, Ibituruna.

FUSCO, W.

(2000) *Redes Sociais na Migração Internacional: o caso de Governador Valadares*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, IFCH-UNICAMP.

MARTES, A. C. B.

(1998) *Imigrantes brasileiros em Massachusetts*. Tese (Doutorado) - USP.

MARTES, A. C. B.

(1999) "Os imigrantes brasileiros e as igrejas em Massachusetts". In: REIS, R.; SALES, T. (orgs.). *Cenas do Brasil migrante*. São Paulo, Editora Boitempo.

MASSEY, D. S. et al.

(1987) *Return to Aztlan*. Los Angeles, University of California Press.

RIBEIRO, G. L.

(1999) "O que faz o Brasil, Brazil: jogos identitários em São Francisco". In: REIS, R.; SALES, T. (org.). *Cenas do Brasil migrante*. São Paulo, Editora Boitempo.

SALES, T.

(1995) "O trabalhador brasileiro no contexto das novas migrações internacionais". In: VV.AA. *O trabalho no Brasil no limiar do século XXI*. São Paulo, Editora LTr.

SALES, T.

(1999) *Brasileiros longe de casa*. São Paulo, Editora Cortez.

SCUDELER, V.

(1999) "Imigrantes valadarenses no mercado de trabalho dos EUA". In: REIS, R.; SALES, T. (orgs.). *Cenas do Brasil migrante*. São Paulo, Editora Boitempo.

SCUDELER, V.

(1999) *A inserção de imigrantes brasileiros no mercado de trabalho dos EUA*. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Economia/UNICAMP.

SOARES, W.

(1995) *Emigrantes e investidores: redefinindo a dinâmica imobiliária na economia valadarenses*. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação do IPPUR/UFRJ.

TILLY, C.

(1990) "Transplanted networks". In: YANS, M. V. *Immigration reconsidered: history, sociology, and politics*. Nova York, Oxford University Press.

São Miguel Paulista dos “baianos”

Paulo Fontes*

Vilarejo de Caem, município de Jacobina, interior da Bahia, dezembro de 1947. Ansioso, Artur Pinto de Oliveira despede-se da família e deixa para trás a casa e o sítio onde vivera seus primeiros 17 anos de vida. O rapaz, cheio de esperanças de uma vida melhor e com “aquele sonho de estudar na cabeça”, contaminara-se com a “febre da época”: São Paulo. “Naquele tempo todo nordestino sonhava em vir para São Paulo. São Paulo virou o céu, era o paraíso”, lembra mais de 50 anos depois.

Artur seguia os passos de um irmão mais velho, que se mudara alguns meses antes e já estava trabalhando como operário na Cia. Nitro Química Brasileira. Intensa correspondência entre ele e a família demovera as resistências do pai em permitir que seu outro filho também seguisse para a capital paulista. Naquele dia no final dos anos 40, Artur juntou seus parcos pertences e partiu para uma longa jornada.

A viagem, de fato, era longa e extenuante. Da sede do município em Jacobina, ele tomou um trem até Juazeiro. De lá, atravessou o rio e na vizinha cidade de Petrolina, já no estado de Pernambuco, comprou a passagem mais barata e embarcou no vapor que descia o rio São Francisco até a cidade mineira de Pirapora. Foram 15 demorados dias de viagem. O período de seca no interior nordestino exigia que o barco fosse conduzido vagarosamente para não encalhar nas areias do rio.

Juntamente com outras centenas de migrantes, Artur espregia-se na segunda classe do barco localizada no porão. Aquilo “era como um navio negreiro dos escravos africanos” comparou, “você não via nada. Cheio de gente, uma promiscuidade danada, uma escuridão, um mau cheiro...”.

A viagem só não foi pior porque Artur, conversador, fez amizade com “um senhor de Goiás, uma pessoa formada, muito educada e comunicativa” e passou aqueles dias discutindo “porque o Nordeste era paupérrimo e as pessoas todas migravam para outras regiões”. Mesmo tão jovem, Artur já tinha as suas “teses de achar o porque que não se resolvia os casos no Nordeste” e propunha o aproveitamento das águas do São Francisco e do Amazonas para um amplo sistema de irrigação na região.

Provavelmente seduzido pela curiosidade do menino, o goiano afeiçoou-se de Artur e convidava-o periodicamente para almoçar no restaurante da primeira classe. Chegados em Pirapora, despediram-se. Um rumando para Goiás e o outro para sua nova vida mais ao sul do país. De Pirapora para São Paulo foram mais três dias de viagem de trem. No início de janeiro de 1948, Artur desembarcava na famosa estação do norte no bairro paulistano do Brás. De lá, mais um trem, e finalmente chegava ao seu destino, São Miguel Paulista, onde “não tinha uma rua sequer asfaltada”. Era ali que Artur trabalharia por mais de 40 anos e tem morado toda a sua vida.¹

Também em 1948, Augusto Ferreira Lima deixou sua terra natal. Filho de um pequeno proprietário que vivia de suas plantações de laranjas em Alagoinhas, agreste baiano, Augusto, aos 25 anos, decidira que era hora de tentar a sorte no Sul.

Desde criança trabalhando no laranjal da família, Lima, aos dezesseis anos empregou-se na Ferrovia Leste Brasileiro. Por dois anos, dividiu seu tempo entre a plantação e a colocação de dormentes na construção e manutenção da linha férrea. Mais tarde, aprendeu o serviço de topógrafo e

por mais sete anos continuou a trabalhar na roça e na ferrovia.

Ir para São Paulo, no entanto, era desejo antigo. A vontade era reforçada periodicamente pelas visitas de conhecidos que voltavam para rever as famílias no interior da Bahia. Lima recorda-se que era um acontecimento ver “chegar um baiano (...) metido num terno bacana e gravata. Naquele tempo [em São Paulo], tinha que usar mesmo”. Aquilo chamava a atenção das “garotas, enquanto nós, lá, tínhamos que sair naquela roupinha. Isso aí trouxe um bocado de vontade humana do caboclo correr para São Paulo”. As histórias sobre a cidade, sua grandiosidade, a abundância de trabalho, as opções de lazer, tudo isso também seduzia Lima. Lembra-se como hoje de um conhecido, de nome Evelino, contando as excursões para Santos, da bela viagem de trem pela Serra do Mar. A primeira vez que tirou férias, já em São Paulo, Augusto Lima repetiria Evelino e passaria de trem para o litoral santista.

Com o dinheiro economizado do salário na ferrovia, Lima comprou sua passagem para São Paulo. Era um caminhão, o famoso pau-de-arara. De tão lotado, foi necessário amarrar três tábuas para fora do veículo. E foi assim que, durante 11 dias, viajou para a capital paulista.

Vindo pela estrada Rio-São Paulo, a única existente à época, a primeira parada na cidade era na igreja de São Miguel Paulista. Tendo um conhecido na região, com o qual havia mantido contato, Lima pegou sua “mala de papelão”, jogou seu “patuá nas costas” e desceu ali mesmo. Pivava pela primeira vez no bairro onde moraria desde então, vislumbrando ao longe as chaminés da Nitro Química, fábrica onde trabalharia durante os 37 anos seguin-

tes.²

As trajetórias de Artur e Augusto não são incomuns. Na verdade, são relatos paradigmáticos de experiências similares de milhões de brasileiros e brasileiras. A grande migração de trabalhadores das regiões rurais para as cidades é um dos fatos marcantes da história social brasileira na segunda metade do século XX. Entre 1950 e 1980, estima-se que mais de 38 milhões de pessoas saíram do campo, alterando profundamente o perfil sócio-econômico do país (Hasenbalg, 1991, p. 9).³

A região metropolitana de São Paulo (como principal receptora) e o Nordeste (como região de origem de grande parte dos migrantes) possuem papel central nesse processo.⁴ A figura do trabalhador nordestino escapando da fome, miséria e, periodicamente, das secas chegando à metrópole industrial em busca de emprego e melhores condições de vida tornou-se um símbolo da migração no imaginário social brasileiro. São Paulo transformou-se no local de moradia e emprego para milhões de nordestinos. A velocidade desse processo impressiona. Nos 20 anos que separam 1950 de 1970, a cidade triplicou seu tamanho enquanto que, no mesmo período, a população de origem nordestina cresceu dez vezes (Weffort, 1988).

Se, de um lado, é negável que tais migrações internas tornaram-se objeto largamente estudado nas instituições governamentais e universidades, particularmente no final dos anos 60 e durante os 70, por outro a análise específica das influências do processo migratório na formação da classe trabalhadora brasileira ainda carece de maior pesquisa e sistematização, em que pese as iniciativas pioneiras de sociólogos do trabalho durante os anos 50 e 60 (Hasenbalg, 1991).

Partindo do estudo de caso do bairro paulistano de São Miguel Paulista e da Nitro Química, grande fábrica ali localizada, esse artigo é parte de uma pesquisa de maior fôlego que, justamente, procura explorar as relações entre as tradições e costumes dos migrantes nordestinos de origem rural e o processo de formação da classe trabalhadora em São Paulo, particularmente nos anos 50. São Miguel Paulista e a Nitro Química são lugares particularmente interessantes para examinar

essa questão. A grande maioria das operárias e operários da empresa era composta de migrantes nordestinos e, em consequência, São Miguel Paulista tornou-se (e é até hoje conhecido como) o primeiro “bairro nordestino” da capital paulista.

‘SÃO MIGUEL, O NORDESTE EM SÃO PAULO’

A história do bairro paulistano de São Miguel Paulista foi alterada profundamente nos anos 30, quando ali se instalou a Companhia Nitro Química Brasileira. Aldeamento indígena e missão jesuíta nos séculos 16 e 17, a região, embora um dos mais antigos bairros da cidade de São Paulo, pouco se desenvolveu nos séculos seguintes, permanecendo como um pequeno núcleo habitacional no extremo leste do município.

Seduzidos pelo baixo custo dos terrenos, pela proximidade de uma estação ferroviária e de grandes reservatórios de água do rio Tiête, os empresários José Ermírio de Moraes e Horácio Lafer viram no bairro a localidade ideal para a instalação da grande fábrica química que haviam acabado de adquirir nos Estados Unidos. Com o generoso apoio do governo Vargas, mais de 18 mil toneladas de equipamentos e maquinaria foram transferidas da fábrica original na Virgínia para São Miguel. Em 1937, após dois anos de construções e instalações, a fábrica iniciou seu funcionamento.

A Segunda Guerra Mundial traria uma grande expansão para os negócios da empresa. Apoiada na fabricação de raíom, fio artificial largamente utilizado na indústria têxtil de então, a Nitro Química transformou-se na maior produtora de raíom do país. Em 1946, com mais de 4 mil operários e operárias, a empresa era uma das maiores indústrias paulistanas e uma das mais lucrativas companhias do Brasil (Telles, 1981, p.31).

Nesse período, um ambicioso plano de expansão econômica foi elaborado pelos dirigentes da empresa. Seu objetivo era tornar a companhia a “CSN do setor químico”, ou seja, a grande fábrica nacional de base deste ramo industrial. Os anos 50 foram, então, marcados por grandes inves-

timentos na produção e pela ampliação do serviço social, setor responsável pela assistência aos trabalhadores e seus dependentes nas áreas de saúde, moradia, alimentação e lazer, considerado por muitos como exemplar no país. Tal projeto, entretanto, fracassou e em finais dos anos 50, a Nitro Química iniciaria um longo processo de decadência econômica (Fontes, 1997).

Ao longo dos anos 40 e 50, porém, milhares de trabalhadores migrantes do interior de São Paulo, Minas Gerais e, principalmente, do Nordeste foram atraídos pela grande quantidade de empregos oferecidos pela empresa. São Miguel Paulista passou a ter um vertiginoso crescimento, tornando-se uma das regiões com maior incremento populacional da cidade. Com não mais de 4 mil moradores em meados dos anos 30, o bairro contava com cerca de 105 mil em 1957 (Azevedo, 1958 e Arantes Neto, 1978, p.12). Em 1980, o censo apontava 320 mil habitantes.

A predominância de migrantes nordestinos fez a fama do bairro desde os anos 40. Conhecido como “Bahia Nova”, a região consolidou-se como um dos principais locais de moradia dos nordestinos na cidade até os dias de hoje. Em uma matéria sobre a história do bairro redigida em meados dos anos 80, um jornalista relata que “ao andar em certos pontos de São Miguel o visitante sente-se como se estivesse no Nordeste”. “As ‘casas do norte’ proliferam”, prosseguia o repórter, e “ainda se vêem grupos de forró tocando em bares e barbearias”. São Miguel Paulista “é uma verdadeira capital nordestina”, concluía, lembrando que dentre os “moradores do bairro, 80% vieram do Nordeste” (Nascimento, 1987).

Certamente todo o assombroso crescimento do bairro e sua identificação com a migração nordestina em São Paulo não pode ser somente atribuído à instalação da Nitro Química. A expansão de São Miguel deve ser associada ao crescimento da cidade de São Paulo como um todo. A ampla oferta de terrenos e o intenso processo de loteamentos desenvolvido no bairro a partir dos anos 40 possibilitava a muitos migrantes o relativamente fácil acesso à moradia mais barata e própria.

A partir de meados dos anos 40, a questão da habitação era um grande problema

para os trabalhadores em geral, e particularmente para os recém-chegados a São Paulo. A escassez de residências e o incremento dos aluguéis nas regiões centrais da cidade obrigavam grande parte da população pobre a instalar-se em regiões cada vez mais afastadas e com poucos recursos. O grande influxo migratório nos anos 50 acelerou ainda mais a criação de distritos e bairros na periferia da cidade.

Para a maioria dos trabalhadores, a possibilidade da casa própria em São Paulo somente podia ser realizada através da autoconstrução da moradia em lotes periféricos adquiridos à prestação e desprovidos de toda infra-estrutura. Esse "padrão periférico de crescimento urbano" (Kowarick e Bonduki, 1988; Sader, 1988; Bógus, 1992), marcou o desenvolvimento da cidade entre os anos 40 e 80.

São Miguel Paulista foi um dos principais bairros onde tal tipo de crescimento ocorreu. Inúmeros loteamentos transformaram-se em distritos e vilas com pouca ou quase nenhuma infra-estrutura urbana e com residências construídas, no mais das vezes, pelos próprios moradores. Entretanto,

a existência de uma grande indústria proporcionava características distintas ao bairro. Entre o final dos anos 30 e o início dos 60, a Nitro Química foi a maior provedora de empregos na região. Ao contrário de outros distritos periféricos, desde sempre considerados como "bairros-dormitório", São Miguel nesse período possuía características de uma verdadeira cidade industrial dentro do município de São Paulo.

Assim, por exemplo, grandes deslocamentos em transporte coletivo, um dos principais problemas dos trabalhadores em São Paulo já nos anos 50, eram evitados e a possibilidade de trabalhar perto da moradia era vista, portanto, como uma grande vantagem pelos habitantes de São Miguel, região distante cerca de 35 quilômetros do centro da cidade.

No entanto, o contínuo crescimento da população residente e a decadência da indústria alteraram essa situação. Se a Nitro Química ainda possuía uma grande importância simbólica e histórica para o bairro, do ponto de vista econômico e da geração de empregos, seu papel foi cada vez me-

nor desde meados dos anos 60. São Miguel Paulista, porém, ainda continuaria atraindo nordestinos em novas levas migratórias ao longo das décadas de 70 e 80.

BERÇO DOS NORDESTINOS

Grande parte das análises sobre a migração dos trabalhadores rurais nordestinos para São Paulo e outras cidades industriais do Sudeste brasileiro enfatizou as motivações econômicas desse processo. De acordo com essa visão, a situação de miséria no campo, a concentração fundiária e o avanço do latifúndio sobre as terras dos pequenos proprietários, assim como as alterações das relações de trabalho, o alto índice de crescimento demográfico nordestino e as periódicas secas seriam alguns dos fatores que imporiam a migração como última saída ao trabalhador rural. Este, por sua vez, atraído pelos empregos e maiores rendimentos da vida urbana, pela possibilidade de acesso aos direitos sociais e trabalhistas negados no campo, bem como pela maior oferta de educação e saúde, tornaria-se proletário, preenchendo, dessa

Foto: Biblioteca Adelço de Almeida do Sindicato dos Químicos e Plásticos de São Paulo.

Operários-Migrantes da Nitroquímica / São Miguel Paulista, Anos 40



forma, a demanda por mão-de-obra do processo de industrialização.

Não há dúvidas sobre a importância desse quadro sócio-econômico como pano de fundo do processo migratório e do desenvolvimento capitalista brasileiro. Entretanto, a supervalorização dos fatores econômicos acaba por perder de vista o papel dos próprios migrantes enquanto agentes envolvidos nesse processo. Em muitos desses estudos os migrantes são vistos apenas como cifras, passiva força de trabalho que se transfere passivamente das regiões menos para as mais desenvolvidas.

Os migrantes rurais nordestinos não eram apenas reflexo de forças econômicas determinadas externamente, embora estivessem imersos nelas. Eles também foram agentes do seu próprio movimento e dessa forma, através de estratégias diversas, contribuíram na moldagem do processo migratório.

Os depoimentos das trabalhadoras e trabalhadores de São Miguel Paulista nos revelam a existência de uma articulada **rede social** para a efetivação da migração. A comunidade de origem, a família e os amigos e amigas desempenhavam papel determinante nessa rede. Dona Zezé Santos de Oliveira, por exemplo, chefe do correio local durante mais de trinta anos entre as décadas de 40 e 70, notava que entre as centenas de pessoas que todos os dias desembarcavam dos paus-de-arara na frente do posto do correio, “ninguém vinha aereamente. Vinha porque o compadre estava [morando no bairro]”. Augusto Lima, relatando a sua própria chegada em São Miguel Paulista, recorda-se que “quem tinha conhecido por aqui descia e procurava a casa de seus amigos”.⁵

Uma certa imagem da migração, vista como um movimento desordenado, ‘irracional’, feito às pressas, não corresponde à experiência da maior parte dos migrantes. A mudança, decisiva para a vida dos envolvidos, era, na maior parte das vezes, meticulosamente pensada e preparada da melhor forma possível tanto no âmbito familiar como no da comunidade.

Informações sobre São Paulo, suas oportunidades de emprego e possibilidades de moradia eram fundamentais para a decisão de migrar. O estabelecimento de uma rede de comunicação entre os

migrantes e seus locais de origem freqüentemente orientava o processo migratório. Correspondências, fotos, cartões-postais tinham papel importante para o fornecimento de dados e criação de um “imaginário cultural do local de destino” (Thomson, 1999, p.28). Irene Ramalho, adolescente no interior de Minas Gerais, lembra-se que sonhava dia e noite com São Paulo porque “eu tinha os meus irmãos morando aqui em São Miguel, e eles escreviam as cartas para nós lá”. Geraldo Rodrigues de Freitas, já trabalhando em Santos, decidiu mudar-se para a capital paulista no final dos anos 40 pois “tinha uma pessoa conhecida aqui [em São Miguel] e ele escreveu para mim (...) [dizendo] que eu tinha emprego garantido na Nitro”. “Sempre tinha um amigo que escrevia e encontrava”, acrescenta Augusto Lima.⁶

Também a visita de trabalhadores a seus parentes e amigos no interior nordestino, além de acirrar o desejo de migrar entre os mais jovens e aqueles que haviam ficado, era uma ocasião importante para troca de experiências e possíveis planejamentos de novas migrações. Foi o caso de Afonso José da Silva que, acompanhado do “tio Fernando, (...) guarda na Nitro Química” e do primo Zacaria, que também trabalhava na fábrica e “falava que [São Miguel] era bom, que se ganhava dinheiro”, além de mais 12 conterrâneos de Senhor do Bonfim, Bahia, veio para São Miguel Paulista aos 20 anos de idade em 1948.⁷

Movimentos migratórios não eram novidade para um grande contingente de famílias nordestinas. Migrações sazonais do sertão e do agreste para o corte de cana de açúcar na zona da mata eram constatadas desde antes dos anos 30 (Andrade, 1964 e Menezes, 1999, p.7). Transferências temporárias ou definitivas do campo para pequenas e médias cidades e migrações regionais no interior do próprio Nordeste também eram comuns. No entanto, a distância e o tamanho da empreitada que a mudança para São Paulo implicava exigiam uma boa articulação e preparação em relação ao passo a ser dado. A família e as relações sociais na comunidade de origem tinham importância central neste processo.

Muitas vezes, isso significava um

fracionamento provisório da unidade familiar. O risco envolvido na migração, particularmente a de longa distância, impunha uma estratégia de deslocamento parcelado por parte das famílias migrantes (Durham, 1976). Em geral, os jovens solteiros freqüentemente em contatos com amigos, conterrâneos ou parentes distantes. Quando haviam oportunidades, a possibilidade de migração para cidades menores ou para regiões agrícolas antes de uma possível vinda para São Paulo era sempre levada em conta. Esse ‘estágio’ no processo migratório era considerado como mais uma alternativa ao risco e insegurança que a vinda direta poderia significar (Almeida e Mendes Sobrinho, 1951, p.27).

Migrações temporárias faziam parte das estratégias de obtenção de recursos de milhares de famílias nordestinas (Scott, 1986). As primeiras gerações de migrantes em São Paulo possuíam alta mobilidade espacial. Para muitos, provavelmente a maioria, a mudança era vista como algo provisório, parte de um plano de sobrevivência e ascensão familiar. Daí as altas taxas de retorno. No final da década de 50, cogitava-se que cerca da metade dos migrantes nordestinos voltava para suas regiões de origem. Alguns estudiosos, porém, questionavam essa taxa, considerando-a bastante modesta (Fischlowitz, 1959, p. 97).

Redes sociais baseadas na família e nos laços de amizade e comunitários eram fundamentais para o migrante. Eram elas que o encaminhavam para cidades e bairros, e muitas vezes, diretamente para o trabalho em empresas específicas. Era esse o caso em São Miguel Paulista e na Nitro Química.

Em seus primeiros anos de existência, o agenciamento de trabalhadores no interior de São Paulo e do Nordeste foi uma estratégia usada pela Nitro Química para a arrematadação de mão-de-obra. A partir dos anos 40, porém, tal prática já não era tão comum (Fontes, 1997, pp.79-84). Os próprios contatos entre os trabalhadores e seus parentes, amigos e conterrâneos passaram a desempenhar um papel decisivo na composição do quadro de funcionários da empresa. Oscar Alonso de Souza, empregado na Nitro entre 1954 e 1993 e um dos chefes do departamento pessoal du-

rante grande parte desse período, explica assim a grande presença nordestina em São Miguel Paulista:

“Como é que vinha do Nordeste? (...) é fato que veio nordestino para cá (...). Vinha e arrumava uma colocação na Nitro Química porque alguém indicou. Por sua vez ele procurava trazer um parente, pai, mãe, irmão, amigo, enfim... E assim foi crescendo a comunidade nordestina aqui na região”.⁸

A fama da Nitro Química como uma empresa “boa de dar emprego” e que proporcionava uma série de “benefícios sociais” era certamente um grande fator de atração. “A gente vinha aqui porque essa fábrica aí pegava muita gente”, explica Gerolino Costa Jacobina.⁹ De fato, a grande maioria dos depoimentos destaca a facilidade em conseguir trabalho e a rapidez na contratação. Augusto Lima lembra-se que:

“Era só você descer para lá e passar na portaria. Cheguei, encostei na portaria, dentro de cinco minutos a turma falou: ‘Oh, contrerrâneo, (...) quer trabalhar, encosta’. Naquele tempo, (...) era [direto] para a produção”.¹⁰

Esse quadro de abundância de trabalho era reforçado pela idéia de que a empresa beneficiava os migrantes, particularmente os nordestinos, na hora da contratação. “Pode entrar, vai trabalhar, nós queremos é baiano assim, novo, do sangue quente”, teria dito o médico da companhia a Augusto Lima, logo após o exame que aprovou a sua contratação. “Aqui era um berço. A Nitro Química foi um berço dos nordestinos”, atesta Afonso José da Silva.¹¹

Embora não formal, a política de contratação de parentes e de indicações dos empregados era estimulada pela própria empresa. Contribuía para a criação de laços de confiança e responsabilidade, reforçando o discurso patronal de constituição de uma “grande família nitrina” (Fontes, 1997). A empresa apostava no papel vigilante que familiares e amigos exerceriam um sobre os outros em caso de embates e conflitos no local de trabalho.¹² Por fim, a imagem de companhia que ajudava os nordestinos migrantes e a conseqüente afluência de trabalhadores eram extremamente úteis para uma empresa com grande necessidade de mão-de-obra e, ao mes-

mo tempo com altíssimas taxas de rotatividade no emprego.¹³

Entretanto, a contratação de parentes, amigos e contrerrâneos podia muitas vezes significar a manutenção e o aprofundamento de lealdades e solidariedades em geral anteriores ao próprio emprego na Nitro Química. Frequentemente tais relações chocavam-se com os interesses e desejos da empresa.

Para além da abundância de emprego e de seu sistema de benefícios, as péssimas condições de trabalho são outro forte elemento presente na memória dos trabalhadores de São Miguel. A imagem da Nitro Química é recorrentemente associada a acidentes e altos índices de insalubridade. Protestos e luta contra tal ambiente de trabalho foram constantes desde a sua fundação.

Acidentes, mutilações e mortes são unanimemente apontados pelos trabalhadores de diferentes gerações como suas piores recordações. Famoso pela insalubridade, o setor de fiação, onde eram produzidos os fios de raio, era uma espécie de símbolo da precariedade das instalações da empresa. Um sistema de ventilação inadequado não conseguia dispersar os gases tóxicos formados no processo de manufatura do fio e contaminava os operários. Era para essa seção que a maioria dos novos contratados era enviada. “Pior seção da fábrica”, relembra José Cecílio Irmão. O operário “trabalhava dois, três dias. Enchia a cara de gás e ia para o seguro. Os olhos ficavam vermelhos. Você ficava maluco. (...) Você não agüenta. Usava colírio, batata (...) para refrescar”.¹⁴

Roniwalter Jatobá, jornalista e escritor, morou em São Miguel Paulista no início dos anos 70, e em uma das suas crônicas, registrou assim a infelicidade de um operário do setor de fiação da Nitro Química:

“Segunda de noite, a fábrica: seção F-5 [fiação de raio], Nitro Química, o gás rondando os olhos, entrando nas vistas marejadas, cegueira. A voz do feitor apressando (...) a dor nas vistas. (...) No rumo de casa, tateando pelas ruas, chegava, depois o bálsamo da batata crua sobre os olhos, sugando o gás, a verdura empretecendo” (Jatobá, 1988).

A periculosidade da fábrica era largamente conhecida em São Miguel. Quan-

do, em junho de 1947, um reator na seção de trotil explodiu causando a morte reconhecida de nove operários, violeiros e poetas de cordel saíram pelas ruas e bares do bairro cantando a história da “terrível explosão que sacudiu a Nitro Química Brasileira” que ocorrera supostamente pela “manipulação de ácido em demasia”.¹⁵ O temor de novas explosões e os cotidianos acidentes com vítimas, algumas vezes fatais, fazia parte do cotidiano dos operários e moradores. Quando a fábrica “tocava aqueles apitos curtos”, recorda-se um morador do bairro, entrevistado no final dos anos 70, “a gente já sabia que era incêndio, então ficava todo mundo meio apavorado porque inclusive falaram que se a Nitro Química explodisse (...) a cidade inteira ia junto com a fábrica (...). Então todo mundo tinha medo, e houve acidentes graves aí. Eu conheci explosão [em que] faleceu o pai do nosso amigo... família Martins” (Arantes Neto, 1978, p.11).¹⁶

A despeito do serviço social e dos decantados benefícios da empresa, muitos trabalhadores avaliavam que aquelas condições de trabalho eram uma demonstração de como eles podiam ser descartáveis para a Nitro Química.

A suportabilidade de tal ambiente de trabalho dependia em grande medida da criação de padrões de sociabilidade que abrandassem a dureza do cotidiano da fábrica. A informalidade das relações entre os trabalhadores através de brincadeiras e jogos em meio à produção cumpriam um papel decisivo para uma “reinvenção criativa” do trabalho (Lopes, 1988, p.82). Brincadeiras parecem fazer parte da cultura do chão da fábrica. Paul Willis, em seu estudo sobre a cultura fabril em indústrias inglesas nos anos 70, observou entre os operários uma forte disposição para jogos e brincadeiras, particularmente os de caráter físico (Willis, 1979, p.193). Na Nitro Química, José Cecílio Irmão lembra que “tinha muita brincadeira (...). O peão não tem jeito, ele acha uma brecha para tudo. Mexia com o camarada, cutucava, enfim, batia, lutava boxe”. Apelidos também eram frequentes no chão da fábrica. José Ferreira da Silva, funcionário da companhia entre 1946 e 1966, conta que na seção onde trabalhava havia “140 operários e quase todos tinham apelidos, até os

chefes".¹⁷

As relações informais, base de várias práticas de solidariedade e auxílio mútuo entre os trabalhadores do campo e os migrantes, continuavam a ser fundamentais para os operários da Nitro Química. Os laços de parentesco e amizade, a procedência comum das mesmas regiões do interior do Nordeste e a concentração de moradias no mesmo bairro, assim como a experiência comum de migração e aprendizado sobre a nova cidade e o novo trabalho vivenciado nas mesmas duras e extenuantes condições foram fatores que possibilitaram a formação de uma extensa rede de convivência e sociabilidade entre os trabalhadores de São Miguel Paulista nos anos 40 e 50.

As redes sociais eram consolidadas e ampliadas no interior da fábrica. Um trabalhador relata que na Nitro "tinha uma amizade boa, sadia. Eram todos amigos (...) cada um com seu apelido". Tais relações de amizade ultrapassavam os portões da empresa. Quando alguém contava no local de trabalho que:

"Ia matar um porco, quando a gente saía do serviço, acompanhava ele (...). Matava o porco, comprava a carne, pagava no pagamento. Ia na casa dele e comia. Tinha muito disso".¹⁸

Estudiosos das primeiras gerações de migrantes que se tornaram operários em São Paulo questionaram a existência de ações coletivas no interior das empresas. Observaram a existência de vários grupos de amigos, que expressavam sua amizade em "conversas, caçoadas, brincadeiras de mão (...) e às vezes um convívio fora do recinto da fábrica". Tais relações de amizade seriam baseadas no convívio comum, em laços de parentesco ou pelo fato de serem originários da mesma cidade ou região. Isso se daria pela proveniência rural desses trabalhadores, "onde a oportunidade de participação em ação coletiva que existe é na base de laços de parentescos e de vizinhança" (Lopes, 1964, pp.57 e 69).

De acordo com essa visão, a persistência de tais valores no ambiente urbano prejudicaria a formação de laços comuns e ações organizadas que expressassem a formação de uma classe. Os trabalhadores se uniriam através de uma "forma de solidariedade afetiva e pessoal, e não o sentimen-

Foto: Biblioteca Adelço de Almeida / Sindicato dos Químicos e Plásticos de São Paulo



Piquete durante greve de 1957

to de pertencer a mesma classe" (Rodrigues, 1966, p.75).

Entretanto, para os trabalhadores da Nitro Química em São Miguel Paulista, as amizades e o conjunto de relações sociais tecidas desde os lugares de origem e ampliadas na fábrica e no bairro eram justamente a base para a elaboração de coesão e solidariedade. Eram essenciais para a formação de uma identidade de classe. As relações pessoais podiam abrir espaço para o questionamento das políticas da empresa consideradas injustas e eram elementos centrais na criação de ações coletivas nos locais de trabalho e moradia. José Ferreira da Silva, líder sindical na região entre o final dos anos 1950 e 1964, destaca a importância dessas relações para a organização dos trabalhadores:

"Naquele tempo, a gente sabia aonde morava o colega de seu departamento. Adoecia o colega, [nós íamos] visitar (...). iam três, quatro colegas ver como estava o camarada. Era muito solidário. Quando era punido um colega (...) o outro procurava saber o que tinha acontecido. [Foi aí] que eu comecei a assumir. Aquela amizade que

nós fomos tendo entre todo mundo fazia a gente trocar idéia um com o outro. Então foi crescendo aquela união, aquela amizade e quando era para reivindicar qualquer coisa a gente [começou] a tirar comissão".¹⁹

Fazer parte das redes sociais desenvolvidas na fábrica e no bairro e compartilhar de referenciais culturais e experiências comuns era fundamental para a formação de lideranças e, por exemplo, possibilitou a construção de legitimidade para a ação sindical na região no período entre 1945 e 1964. Adelço de Almeida, trabalhador da Nitro e presidente do sindicato dos químicos entre 1956 e 1964, acreditava que a sua "procedência de nordestino" lhe dava muito "acesso àquela baianada". "Eles acreditavam muito em mim", explica, "porque eu também ia beber cachaça, dançar forró, fazer farra".²⁰

Para além da fábrica, o bairro era um espaço fundamental de articulação das redes sociais e de experiências comuns entre os trabalhadores de São Miguel Paulista. Local de moradia, lazer e trabalho, era no bairro que também se situava

toda uma gama de relações pessoais com familiares, amigos e conterrâneos que municiaava os migrantes com conhecimentos e contatos essenciais para sua sobrevivência. Na vizinhança e vilas, nos bares, pensões e ruas, os trabalhadores de São Miguel conservavam suas relações familiares e de amizades trazidas do Nordeste, criavam novas relações e aprofundavam contatos, muitas vezes iniciados na fábrica. O bairro era, assim, o lugar decisivo para a ressocialização do migrante na cidade e um espaço de trocas de experiências e “produção de cultura” (Hoggart, 1973).²¹

O processo de migração baseado nas redes de contatos e relações pessoais entre os migrantes estimulava a proximidade de moradia entre migrantes de mesmas famílias e regiões. Pesquisas sociológicas realizadas durante os anos 70 destacaram como a proximidade de moradia dos familiares era uma característica importante dos migrantes que se dirigiram para São Paulo nas décadas anteriores. De acordo com um desses levantamentos, quase 70% dos trabalhadores de baixa renda na cidade possuíam parentes morando no mesmo bairro ou no mesmo quarteirão (Hogan e Berlinck, 1974, p.30). Certamente, esse era o caso de São Miguel Paulista, onde muitas vilas e quarteirões eram quase que completamente habitadas por pessoas procedentes das mesmas cidades e regiões no Nordeste (Tamagno, 1984, p.56).

A greve dos trabalhadores da Nitro Química, em outubro de 1957, foi um momento privilegiado para a percepção da articulação entre as redes sociais dos trabalhadores na fábrica e no bairro. Durante dez dias, as operárias e operários da empresa paralisaram suas atividades reivindicando aumento salarial e melhores condições de trabalho. A greve foi intensamente reprimida pela polícia em seus primeiros dias, sendo registradas várias cenas de violência em toda a região. Apesar disso, o movimento grevista seguiu forte e, com a intermediação do delegado regional do trabalho e do governador Jânio Quadros, conquistou um reajuste de 20%, fato considerado como uma inegável vitória dos trabalhadores (Fontes, 1997).

Em 1957, a greve ultrapassou em muito os limites da empresa. Quase todo o

bairro viu-se envolvido no movimento. Piquetes tomavam conta das ruas de São Miguel com o apoio da maioria dos moradores. Os contatos informais e as redes sociais dos trabalhadores cumpriram um papel decisivo na formação dos piquetes e na ampliação da paralisação (Fontes, 1999).

A sub-sede do sindicato dos químicos foi transformada em um verdadeiro ‘quartel-general’, onde os trabalhadores e a população em geral reuniam-se, organizavam e tomavam decisões em relação à greve. A solidariedade ao movimento expressava-se não apenas na participação em piquetes e assembleias, mas também em ações de auxílio mútuo, como a montagem de uma cozinha e refeitório coletivo que substituiu o restaurante da empresa durante a greve. Era um “entusiasmo danado”, lembra Augusto Ferreira Lima, “o sindicato passava a noite toda lotado de gente, (...) não só trabalhador como morador de São Miguel.(...) A greve não foi tão forte com o sindicato como foi com os moradores que ajudaram a fazer a greve”.²²

DIVERSIDADES E IDENTIDADES

Se, por um lado, é evidente a constituição de uma ampla rede social em São Miguel Paulista com grande repercussão política e cultural, convém, por outro, não exagerar a dimensão das relações solidárias entre os trabalhadores do bairro. Embora bastante homogêneo para os padrões da cidade de São Paulo, São Miguel comportava diversas diferenciações internas que periodicamente davam margem para tensões e disputas.

Longe de uma comunidade homogênea e harmoniosa, os trabalhadores de São Miguel Paulista eram um grupo diversificado e complexo. Redes sociais desenvolvidas e as experiências comuns de migração, trabalho e vida no bairro e na cidade criavam, no entanto, bases para linguagens e identidades comuns. Ao longo dos anos 50, quando o Nordeste virou uma “questão nacional” (Penna, 1992) no imaginário político e social do país, muitos migrantes reapropriaram-se da idéia de uma ‘nordestinidade’ e associaram sua

identidade regional à de trabalhadores.

Os preconceitos, discriminações e dificuldades cotidianas foram respondidos com a criação de um imaginário de valorização da sua capacidade de trabalho. “O nordestino quando ele pega uma coisa para trabalhar ele trabalha mesmo”, orgulha-se Afonso José da Silva. A associação do nordestino à idéia de um ‘povo trabalhador’, que tinha na solidariedade e na disposição para o trabalho duas de suas principais características é recorrente nos vários depoimentos dos migrantes em São Miguel.

Aos muitos que os consideravam simplórios ou ignorantes, os nordestinos rebatiam mostrando sua importância para o desenvolvimento do país. Apropriavam-se da idéia de progresso, destacando o seu papel na história da cidade.

“Naquele tempo (...) paulista queria sombra e água fresca, não trabalhava em três horários. Três horários não era com eles. (...) ‘Deixa para a baianada trabalhar’, era assim que eles falavam. Então o progresso veio criado pelo homem do norte, que entrava embaixo do sol a sereno, do galho da água de tudo, caía, morria, mas não afastava, tava ali. Trouxe o progresso para São Paulo. Não quero dizer só o homem nordestino não, porque nesse meio do nordestino [também] estava o mineiro. (...) São Paulo de cinquenta anos para cá foi levantado e erguido a cabeça devido a mão dos nordestinos”.²³

As teses da inadaptação ao trabalho industrial das primeiras gerações de migrantes rurais para São Paulo sustentaram a não identificação desses trabalhadores com a condição operária (Lopes, 1964 e Durham, 1976). Se, por vezes a situação de operário podia não ser desejada, tendo em vista as muitas vezes terríveis condições de trabalho, o autoritarismo das chefias, o extenuante ritmo da produção, a experiência desses migrantes na grande cidade, seus valores culturais e suas redes de relações sociais reforçaram sua identidade enquanto trabalhadores. E era enquanto trabalhadores que os migrantes nordestinos em São Miguel Paulista compartilharam de uma linguagem de classe que reforçava seu papel enquanto dignos produtores de riquezas, construtores de desenvolvimento para a cidade e para o

país e, portanto, também como cidadãos portadores de direitos.

* *Paulo Fontes é Doutorando em História Social/Unicamp.*

NOTAS

1. Informações retiradas do depoimento de Artur Pinto de Oliveira concedido ao autor em 16/4/1998. Cópias das transcrições de todos os depoimentos citados nesse artigo podem ser encontradas na Biblioteca Adelço de Almeida do Sindicato dos Químicos e Plásticos de São Paulo.
2. Informações retiradas dos depoimentos de Augusto Ferreira Lima concedidos ao autor em 18/5/1998 e 1/6/1998.
3. Artigo na revista do Departamento Intersindical de Estudos Sócio-Econômicos (Dieese) calculava que durante os anos 50, cerca de 30% dos migrantes em média eram do sexo feminino (Krause, 1962, p.27). De resto, o fenômeno migratório teve semelhante impacto em outros países da América Latina no mesmo período. Fischlowitz, (1959), por exemplo, estima a migração de 26 milhões de trabalhadores rurais para as cidades latino-americanas entre 1945 e 1959.
4. Isso, de forma alguma, significa menosprezar a importância da migração de mineiros (Minas Gerais, durante anos, foi o estado de origem da maior parte dos migrantes para São Paulo e sempre manteve um intenso fluxo de migração) ou de trabalhadores do interior paulista. Além disso, cidades como Brasília, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Salvador, Recife, Fortaleza e regiões como o norte do Paraná e a amazônica constituíram-se como importantes receptores de trabalhadores do interior nordestino. Dados sobre as correntes migratórias de vários estados brasileiros para o município de São Paulo entre 1900 e 1970 podem ser vistos em Hogan e Berlinck (1974, p.28).
5. Depoimentos de Maria José dos Santos Oliveira concedido ao autor em 26/8/1998 e de Augusto Ferreira Lima.
6. Depoimentos de Irene Ramalho, Geraldo Rodrigues de Freitas (concedidos ao autor em 21/5/1998 e 15/11/1994) e Augusto Ferreira Lima.
7. Depoimento de Afonso José da Silva concedido ao autor em 15/10/1997.
8. Depoimento de Oscar Alonso de Oliveira, concedido ao autor em 22/12/94.
9. Depoimento de Gerolino Costa Jacobina concedido ao autor em 15/10/1997.
10. Depoimentos de Augusto Ferreira Lima
11. Depoimentos de Augusto Ferreira Lima e Afonso José da Silva
12. Exemplos de estratégias semelhantes podem ser encontrados na Companhia Docas de Santos e na Fábrica Nacional de Motores no interior fluminense (Silva, 1995 e Ramalho, 1989).
13. Houve um decréscimo das taxas de rotatividade na empresa ao longo dos anos 40 e 50. Em 1939, por exemplo, a empresa tinha uma impressionante taxa anual de rotatividade em torno de 200%. Em 1957 esse número havia caído para 20% (Ravaglia, 1988, p.9).
14. Depoimento de José Cecílio Irmão.
15. Arquivos da Companhia Nitro Química Brasileira. Poesia de cordel: *A grande explosão da Nitro Química Brasileira*, 15/8/1947.
16. O medo de explosões na fábrica sempre esteve presente em São Miguel Paulista e foi tristemente reafirmado recentemente quando em 15 de novembro de 1997, uma explosão no setor de nitrocelulose causou a morte de um operário, ferimentos em mais quatro trabalhadores e uma série de danos materiais em residências e estabelecimentos comerciais nas imedia-

ções.

17. Depoimento de José Ferreira da Silva concedido ao autor em 8/12/1994.
18. Depoimento de José Cecílio Irmão.
19. Depoimento de José Ferreira da Silva concedido ao autor em 8/12/1994.
20. Depoimento de Adelço de Almeida concedido ao autor e a Hélio da Costa em 25/4/1994.
21. Um dos primeiros a chamar a atenção para o importante papel do bairro na formação de uma cultura dos trabalhadores na Inglaterra foi Richard Hoggart (1973).
22. Depoimentos de Augusto Ferreira Lima.
23. Depoimentos de Afonso José da Silva e Augusto Ferreira Lima.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Vicente Unzer de & MENDES SOBRINHO, Octávio Teixeira
(1951) *Migração Rural-Urbana: Aspectos da convergência de população do interior e outras localidades para a capital do estado de São Paulo*. São Paulo, Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, p.27.
- ANDRADE, Manoel Correia de
(1964) *A Terra e o Homem no Nordeste*. São Paulo, Brasiliense, p. 99.
- ARANTES NETO, Antonio Augusto
(1978) *Produção cultural e revitalização em bairros populares: o caso de São Miguel Paulista*. São Paulo, dezembro, p. 12 (mimeo).
- AZEVEDO, Aroldo de
(1958) *A Cidade de São Paulo - Estudos de Geografia Urbana*. São Paulo, Brasileira, vol. 5
- BÓGUS, Maria Lúcia
(1992) "Urbanização e metropolização: o caso de São Paulo". In: BÓGUS, Lúcia Maria e WANDERLEY, Luiz Eduardo (orgs.) *A luta pela cidade em São Paulo*. São Paulo, Cortez.
- DURHAM, Eunice
(1976) *A Caminho da Cidade*. São Paulo, Perspectiva, p. 63.
- FISCHLOWITZ, Estanislau
(1959) *Principais problemas da migração nordestina*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, p. 26.
- FONTES, Paulo
(1997) *Trabalhadores e cidadãos. Nitro Química: a fábrica e as lutas operárias nos anos 50*. São Paulo, Annablume e STI Químicas e Plásticas de São Paulo.
- FONTES, Paulo
(1999) "Centenas e estopins acesos ao mesmo tempo: A greve dos 400 mil, piquetes e a organização dos trabalhadores em São Paulo (1957)". In: FORTES, Alexandre et Al. *Na Luta por Direitos - Estudos recentes em História Social do Trabalho*. Campinas, Edunicamp.
- HOGAN, Daniel e BERLINCK, Manoel
(1974) "O desenvolvimento econômico do Brasil e as migrações internas para São Paulo: uma análise histórica". *Campinas: Cadernos do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - Unicamp*, p. 28.
- HOGGART, Richard
(1973) *As utilizações da cultura. Aspectos da vida da classe trabalhadora com especiais referências a publicações e divertimentos*. Lisboa, Presença.
- HASENBALG, Carlos A.
(1991) *A pesquisa sobre migrações, urbanização, relações raciais e pobreza no Brasil: 1970-1990*. Rio de Janeiro: Iuperj, Série Estudos, p. 9 (mimeo.)
- JATOBÁ, Roniwalter
(1988) *Crônicas da vida operária*. São Paulo, Global.
- KOWARICK, Lúcio e BONDUKI, Nabil
(1988) "Espaço urbano e espaço político: do populismo à redemocratização". In: KOWARICK, Lúcio (org.). *As lutas sociais e a cidade - São Paulo: passado e presente*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- KRAUSE, Walter Paul
(1962) "Migração e Imigração", *Revista de Estudos Sócio-Econômicos*, p. 27.
- LOPES, José Sérgio Leite
(1988) *A tecelagem dos conflitos de classe na cidade das chaminés*. São Paulo, Marco Zero, p.82.
- LOPES, Juarez Brandão
(1964) *Sociedade Industrial no Brasil*. São Paulo, Difel, pp. 57 e 69.
- MENEZES, Marilda
(1999) *Trajetórias Migratórias na Região Nordeste do Brasil*. Campina Grande, UFPB, p. 7. (mimeo)
- NASCIMENTO, Gilberto
(1987) "São Miguel: o Nordeste em S. Paulo", *O Estado de São Paulo*, 28 de agosto.
- PENNA, Maura
(1992) *O que faz ser nordestino. Identidades sociais, interesses e o "escândalo" Erundina*. São Paulo, Cortez.
- RAMALHO, José Ricardo
(1989) *Estado-patrão e cultura operária: o caso FNM*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- RAVAGLIA, Fábio
(1988) *Contribuição à história da Cia. Nitro Química Brasileira: 1935-1985*. São Paulo, p. 9 (mimeo).
- RODRIGUES, Leôncio Martins
(1966) *Conflito industrial e sindicalismo no Brasil*. São Paulo, Difel, p. 75.
- SADER, Eder
(1988) *Quando novos personagens entraram em cena*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- SCOTT, R. Parry
(1986) "A lógica migratória camponesa e o capital: o Nordeste brasileiro". In: DUARTE, Renato (org.) *Emprego rural e migrações na América Latina*. Recife, Fundação Joaquim Nabuco e Massangana, p. 88.
- SILVA, Fernando Teixeira da
(1995) *A carga e a culpa. Os operários das docas de Santos: direitos e cultura de solidariedade*. São Paulo, Hucitec, Santos / Prefeitura Municipal de Santos.
- TAMAGNO, Liliána
(1984) *Nordestinos experiencing São Paulo: time, space and identity in relation to internal migration*. Uppsala, Uppsala University, Master thesis, p. 56.
- TELLES, Jover
(1981) *O movimento sindical no Brasil*. São Paulo, Ciências Humanas, p. 31.
- THOMSON, Alistair
(1999) "Moving stories: oral history and migration studies", *Oral History*, vol. 27, nº 1, p. 28.
- WEFFORT, Francisco
(1988) "Nordestinos em São Paulo: notas para um estudo sobre cultura nacional e cultura popular". In: VALLE, J. Edênio (org.) *A cultura do povo*. S. Paulo, Cortez e Instituto de Estudos Especiais, p. 17.
- WILLIS, Paul
(1979) "Shop floor culture, masculinity and the wage form". In: CLARKE, John; CRITCHER, Chas. e JOHNSON, Richard (orgs.). *Working-class culture. Studies in history and theory*. Londres, Hutchinson, p.193.

NÓS DAS REDES

*Maria Cristina Silva Costa**

FAMÍLIAS DE MIGRANTES

Em pesquisa com um grupo de quarenta e seis trabalhadores rurais temporários de Ribeirão Preto (SP), em sua maioria ex-camponeses e migrantes recentes do campo para a cidade, constatei o que estudos anteriores já revelavam: o destacado papel desempenhado pelo parentesco, na migração de pessoas de origem rural e em suas tentativas de integração no contexto urbano.

A família, de grande importância na estruturação do universo tradicional camponês, mantém-se como um valor que permanece e se renova na cidade. Mas, a organização interna dela e a maneira como é concebida revelam adequação às condições urbano-industriais, justapondo-se atributos de duas ordens culturais diversas: tradicional e moderna. Esta mescla expressa, sem dúvida, a transição social e cultural vivida no deslocamento do universo rural ao urbano e na transformação de camponeses (colonos, pequenos sítiantes, meeiros, etc.) em trabalhadores rurais proletarizados.

De maneira geral, para o grupo pesquisado - assim como para outros segmentos das classes populares (Durham, 1973 e 1980; Macedo, 1979) - embora a família, na cidade, não se configure como unidade de produção econômica, fundamento de sua relativa autonomia no mundo rural, permanece núcleo de grande importância, que até se fortalece no mundo urbano. Isto porque ela garante, por um lado, como unidade de rendimentos, a solução conjunta das questões de sobrevivência. Por outro lado, enquanto unidade de consumo, torna-se o centro para a definição coletiva de projetos de vida e de estratégias visando assegurar determinado nível de consumo de bens.

Acresce a estes aspectos, o fato de que as redes de parentes e amigos estabelecidas nas localidades de origem atuam como pré-

requisitos, entre migrantes, para a fixação na cidade, facilitando a busca de moradia e de ocupações para os que chegam, com base em compromissos morais sedimentados pela proximidade dos laços afetivos.

E mais, para os migrantes, a vida na cidade acaba por resultar em intensificação dos laços de parentesco, não apenas pelo potencial de mobilização dessas relações para enfrentar as múltiplas carências de um grupo egresso do mundo rural, como também pela segurança emocional que a convivência familiar proporciona, perante o mundo urbano desejado, mas que segrega, isola e hostiliza aqueles que não são portadores dos saberes, condutas e habilidades por ele requisitados.

Na transição experimentada por migrantes pobres, as redes de relações pessoais e a família, muito importantes no universo holista camponês - estruturado eticamente sobre valores como hierarquia e honra no convívio familiar, reciprocidade nas trocas, liberdade e autonomia no trabalho - são acionadas, porém não como um apego irracional a padrões do passado (Costa, 1993; Sarti, 1994).

A ORGANIZAÇÃO DA VIDA FAMILIAR

Muito significativa, no que diz respeito à importância do parentesco e aos ajustes empreendidos na transição para o mundo urbano, é a experiência de cinco sujeitos da pesquisa, todos aparentados e provenientes de áreas rurais próximas, no Paraná, que habitam uma granja desativada, na periferia de Ribeirão Preto.

Inicialmente, deslocaram-se para a cidade um tio (José) e seu sobrinho (Antônio), para trabalharem no corte de cana durante duas safras consecutivas. Ficaram sabendo por "um colega de bar" da existência da granja, onde o tio conseguiu em-

prego de vigia e moradia para os dois. No ano seguinte, a família de Antônio (pais e oito irmãos) mudou-se para a granja. Posteriormente, um irmão de José e do pai de Antônio transferiu-se para o mesmo local, com sua mulher e filho. Após três anos, chegou outro irmão, que se separara da esposa no Paraná.

Quando as contatei, dezesseis pessoas unidas em uma grande família habitavam os cômodos (alugados) da granja. Neste caso, o grupo familiar concentrou-se em redor dos dois membros da família que primeiro migraram e facilitaram a migração dos demais, encaminhando a solução das questões relativas aos primeiros ajustamentos à vida urbana.

Contudo, ao organizar-se como rede de parentesco consanguíneo e afim em torno do mesmo espaço de moradia representado pela granja, o grupo acabou constituindo uma "família extensa", na qual a ajuda mútua é acionada sempre que necessária e a partilha dos recursos do local se faz segundo regras de convivência bem definidas.

Mas, não foram apenas estes os que ampliaram seus laços familiares: ao todo, vinte e seis, dos quarenta e seis sujeitos pesquisados, constituíram "famílias extensas". Também no popular "João de Barro" (Bairro Alto), que concentra grande número dos "bóias-frias" de Guariba, muitas famílias articulavam-se como "famílias extensas", no início da década de noventa, quando as pesquisei.

Como "família extensa" refiro-me a dois tipos distintos de teias de parentes reunidos em um mesmo espaço de convívio doméstico e compartilhando recursos. As famílias extensas do primeiro tipo são compostas por duas gerações, cujos vínculos se estabelecem sobre o parentesco traçado em linha colateral (tios, sobrinhos, primos, isto é, grupos de irmãos, suas esposas ou esposos e filhos); o segundo tipo

é formado por três gerações, com parentesco traçado em linha direta (avô, pai/mãe, filho, isto é, um casal mais velho, seus filhos, genros e noras, netos).

Tais agrupamentos familiares aproximam-se das "famílias compostas" definidas por Lia Fukui como famílias "formadas por vários grupos familiares reunidos em um único grupo doméstico e unidos por parentesco ou aliança" (1979, p. 131). As "famílias compostas" que, segundo a autora, tendem ao tipo família extensa são encontradas, todavia, em caráter minoritário nos bairros rurais de sítiantes tradicionais.

Mello e Souza (1987), por sua vez, descreve "blocos familiares" rurais existentes no passado em comunidades "caipiras" e constituídos através da justaposição de parentes prolongando a família nuclear, sem configurar, porém, uma unidade doméstica. As mudanças provocadas pela exposição à influência urbana e pelo avanço do capitalismo no campo, ao acarretarem o enfraquecimento da estrutura dos grupos de vizinhança nos bairros rurais, promoveram, de acordo com o autor, o fortalecimento desses "blocos familiares" camponeses como estratégia grupal de resistência à pauperização. Os blocos familiares assim redefinidos correspondem a grupos de solidariedade perpassada pelo parentesco, que compensam a debilitação dos laços de vizinhança entre os não-parentes.

As "famílias extensas" do primeiro tipo analisado entre os trabalhadores rurais migrantes fixados em Ribeirão Preto (agrupamentos por justaposição de irmãos e respectivas famílias) assemelham-se aos blocos familiares descritos por Mello e Souza, compostos por várias famílias elementares ou conjugais, mais indivíduos isolados, comportando-se, sob determinados aspectos, como um grande grupo doméstico. Diferenciam-se dos blocos familiares formados nos bairros rurais exatamente porque estabelecem, na cidade, uma unidade residencial coesa, ainda que a maior parte das famílias conjugais disponha de acomodações isoladas no interior de espaços habitados coletivamente (na granja mencionada e em cortiços).

O segundo tipo de família que designo como "extensa" - unidades conjugais vin-

culadas pelo parentesco em linha direta - vive reunido em um grupo doméstico de convívio íntimo, sob um mesmo teto ou num conjunto de moradias localizadas em um único terreno (habitantes de favelas). Diferentemente das famílias extensas do primeiro tipo, na maioria dos agrupamentos familiares de três gerações existe uma cozinha única, com a convergência parcial de rendimentos das famílias conjugais e o preparo de alimentos a cargo de uma das mulheres do grupo.

Mesmo não configurando unidades de produção - a não ser no sentido restrito da produção de valores de uso -, as redes de parentes organizadas como famílias extensas dos dois tipos encontrados comportam-se como unidades de consumo e de rendimentos, em grau maior ou menor, de solidariedade e ajuda mútua.

No entanto, as informações dos que assim vivem deixam muito claro ser esta forma de aglutinação familiar contraditória com o padrão ideal predominante entre eles, que é o da família conjugal completa (marido, mulher e filhos). É possível depreender, pois, que a ampliação dos grupos familiares, distante da conformação desejada pelos sujeitos, faz parte das estratégias de sobrevivência no contexto urbano. Para eles, a família ampliada representa maior vigor para a adaptação às exigências e aos estímulos da vida na cidade, bem como resistência à pobreza e ao descenso da condição relativamente autônoma de camponeses para a de trabalhadores rurais subalternos e temporários.

De maneira correlata, cabe notar que as famílias extensas encontradas entre esses migrantes rurais não correspondem à persistência de valores ou padrões de organização tradicionais da família camponesa. Ainda que a família extensa patriarcal tenha sido a forma predominante nas classes senhoriais, não se pode reconhecê-la como característica da cultura cabloca, nem da organização familiar nas camadas pobres da sociedade rural, à exceção de áreas de colonização estrangeira. De acordo com Durham (1973, p. 62), o nomadismo decorrente da "instabilidade do modo de apropriação da terra" e a ausência de mercados e de incentivos para o aumento da produtividade estariam na base do predomínio da família conjugal entre

os camponeses brasileiros.

Mello e Souza (1987), que indica uma aproximação da "família caipira" de parceiros paulistas com as relações familiares, valores, formas de sociabilidade e padrões patriarcais, apresenta, entretanto, como unidade fundamental de agrupamento tradicional do caipira, não a família extensa, mas o "bairro" rural. Este se estrutura sobre relações vicinais e envolve sociabilidade e solidariedade duradouras de grupos familiares elementares interdependentes, não necessariamente aparentados. É apenas num contexto de crise da sociedade tradicional que tais relações deixam de operar ou enfraquecem muito, ficando as formas de solidariedade e de cooperação restritas ao circuito do parentesco dentro do bairro ou entre bairros.

Embora o autor destaque a permanência, no passado, de filhos casados na residência paterna (entre pequenos proprietários e posseiros), prolongando a sujeição filial, nota que a tendência à mobilidade, associada à precariedade da posse da terra e à agricultura itinerante atua "no sentido de fechar sobre si mesma a família nuclear" (op. cit., p. 253). Com relação aos blocos familiares, antes um prolongamento das famílias nucleares e depois, com o enfraquecimento da estrutura do grupo de vizinhança, transformados em unidade fundamental de estruturação da solidariedade, o autor ressalta que eles não se confundem com a família extensa. Constituem, isto sim, blocos de solidariedade interfamiliar, fundamental quando os parceiros das trocas restam limitados a indivíduos e famílias elementares relacionados entre si pelo parentesco.

De maneira geral, a literatura sobre a família camponesa brasileira demonstra a precedência do padrão conjugal entre os lavradores pobres, ao contrário da forma tradicional de organização familiar da aristocracia rural. De estrutura complexa e comportando pelo menos três gerações, que compõem uma unidade de produção e de reprodução em sentido amplo, a família extensa aparece como característica de comunidades camponesas em outros países, mas não no Brasil, onde a segmentação dos grupos domésticos em famílias nucleares estabeleceu-se como padrão.

Visto por este ângulo, não seria pertinente, portanto, afirmar que a construção de famílias extensas por migrantes rurais na cidade corresponde à persistência de formas de organização familiar tradicionais características da sociedade rural brasileira.

A FORMAÇÃO DAS REDES

Pelo ângulo das histórias de vida dos sujeitos pesquisados, verifica-se que existem apenas referências isoladas ao convívio temporário ou permanente em famílias extensas, no meio rural. São poucos os relatos de união de famílias elementares vinculadas pelo parentesco em situações de meação e de arrendamento, vivendo e produzindo em conjunto nas terras de trabalho e morada.

Os relatos da vida anterior, "na roça", revelam o predomínio da dispersão dos grupos familiares elementares, agora unificados na cidade. Entre os trabalhadores rurais migrados do Paraná, por exemplo, a convergência recente articulada na granja da periferia de Ribeirão Preto inova a configuração familiar: as teias de parentescos que antes reunem grupos domésticos que antes viviam dispersos em fazendas diversas.

Com a mudança do campo para a cidade, transformaram-se, de colonos e meeiros, em assalariados/diaristas; de produtores que garantiam a subsistência com relativa autonomia, em carpideiros de cana, dependentes do salário e do comércio urbano, para a aquisição dos alimentos. Os grupos domésticos restritos aglutinaram-se, dando origem à família ampliada e assim tornada apta a enfrentar os desafios da cidade e as condições de seu ingresso nela.

No espaço "urbano" da granja, como também na favela e em outras áreas, esses egressos do mundo rural constroem a comunidade possível sobre redes de sociabilidade que unem parentes na família extensa, podendo incluir amigos e vizinhos. Na vivência de tipo comunitário assim erigida, a cooperação, a ajuda mútua e normas internas de convívio e controle social diferenciam os "de dentro" e os "de fora", com as marcas de pertencimento assentadas nas relações íntimas e pessoais.

Os filhos que se casam constroem no-

vos barracos na favela, junto ao dos pais, ante a impossibilidade de conseguirem ocupar outros terrenos e a inexistência de alternativas para solucionarem o problema habitacional. É comum, aliás, que filhos adultos ainda solteiros constroam um cômodo isolado dos outros, para servir de dormitório, o que, aparentemente, já representa uma preparação do *status* de casado.

Na construção, consertos e ampliação das casas e dos barracos, todos cooperam, até crianças e vizinhos, sob a liderança do principal interessado. Nesses momentos, as redes se ampliam com a inclusão de amigos e vizinhos, parceiros do trabalho nos canaviais e da luta paciente pela sobrevivência, indicando a extensão, para outras esferas, dos laços estabelecidos nas atividades produtivas e denotando identidades estabelecidas por interesses comuns.

Predominando sobre as redes organizadas e imbricando-se nelas, acentua-se o parentesco como o vínculo mais importante. Não só a família como instituição social fundamental tem a sua importância reafirmada na cidade, mas o próprio ajustamento ao mundo urbano impõe novas exigências aos grupos familiares, provocando modificações, que redundam até mesmo no surpreendente alargamento verificado.

A junção das unidades familiares permite articular os recursos, de maneira a assegurar a reprodução física e social, face à segregação imposta pelas condições em que se dá sua inserção na vida da cidade. Diante da instabilidade característica da ocupação de trabalhador rural temporário, a ampliação da família e a multiplicação das atividades produtivas de seus membros asseguram a sobrevivência de todos, nos momentos cíclicos de redução do ganho e de desemprego.

As dificuldades de obtenção de moradia podem ser contornadas, se o agrupamento familiar se mantiver unido: edifica-se mais um cômodo ou dependência junto à casa, mais um barraco no terreno, ou, ainda, recursos provenientes da remuneração de vários componentes da família engajados no processo produtivo são capitalizados para a aquisição de casa ou terreno.

Ante a carência de creches e de outras instituições que possam atender aos neces-

sários cuidados das crianças pequenas, a família ampliada também representa uma garantia para os seus membros. Remunerado ou não, este trabalho costuma ser desenvolvido por parentes não inseridos no mercado formal de trabalho.

Unidos em redes de cooperação e solidariedade, que perpassam as relações de parentesco e fundem várias unidades conjugais em uma família extensa, esses migrantes recentes extraem de sua bagagem cultural os laços significativos que lhes asseguram, em novo arranjo, formar o "nós" fortalecido sobre o qual assentam as bases da nova vida. De modo semelhante aos blocos familiares analisados por Antônio Cândido, a convergência dos grupos familiares permite melhor enfrentar as carências e a situação de crise experimentadas em seu ingresso na ordem da modernidade, passando a rede familiar a atuar na cidade como "cápsula protetora" de seus membros, à maneira da comunidade rural em relação ao campesinato (Mendras, 1978).

* *Maria Cristina Silva Costa é Doutora em Antropologia Social e docente da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, USP.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COSTA, M. Cristina S.
(1993) *Vidas em Trânsito: trabalhadores rurais temporários na periferia de Ribeirão Preto*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Antropologia, FFLCH/USP.
- DURHAM, Eunice R.
(1973) *A Caminho da Cidade*. São Paulo, Perspectiva.
- DURHAM, Eunice R.
(1980) "A Família Operária: consciência e ideologia". In: *Dados*, vol. 23, nº 2, pp. 201-212, Rio de Janeiro, Campus.
- FUKUI, Lia F. G.
(1979) *Sertão e Bairro Rural (Parentesco e Família entre Silitantes Tradicionais)*. São Paulo, Ática.
- MACEDO, Carmen C.
(1979) *A Reprodução da Desigualdade*. São Paulo, Hucitec.
- MELLO E SOUZA, Antônio C.
(1987) *Os Parceiros do Rio Bonito*. São Paulo, Duas Cidades.
- MENDRAS, Henri
(1978) *Sociedades Camponesas*. Rio de Janeiro, Zahar.
- SARTI, Cynthia A.
(1994) *A Família como Espelho: um estudo sobre a moral dos pobres na periferia de São Paulo*. Tese de Doutorado, Departamento de Antropologia, FFLCH/USP.

estudios migratorios latinoamericanos

Una revista cuatrimestral
publicada por el
Centro de Estudios Migratorios
Latinoamericanos - CEMLA

AÑO 15

ABRIL 2000

NUMERO 44

Estudios en homenaje a Gianfausto Rosoli, cs.

Prefacio

Fernando J. Devoto

Las dimensiones globales de la migración italiana: siguiendo el rastro de la diáspora a través de las sociedades italianas, 1835-1908

Samuel Baily

Famiglia ed emigrazione. Ovvero quel che Williamson è autorizzato a non sapere

Ercole Sori

Los molisanos y la formación de la comunidad italiana de Montreal, 1900-1930

Bruno Ramirez

La guerra lontana: el primer conflicto mundial y los italianos d'Argentina

Emilio Franzina

Hacer la América: ¿sueño o pesadilla?

Rudolph J. Vecoli

Coming to grips with international population movements in the western hemisphere

Lydio F. Tomasi

Le rimese degli emigrati e lo sviluppo economico dell'Italia (1861-1914)

Luigi de Rosa

Mercados, redes sociales y estrategia empresariales en los orígenes de los grupos económicos. De la Compañía General de Fósforos el Grupo Fabril (1889-1929)

Maria I. Barbero

Notas para una tipología de los liderazgos en la inmigración española en Uruguay, 1870-1960

Carlos Zubillaga

"Socialismus Radicem fixit in Dioecesi": los socialistas y las asociaciones obreras en los informes de los obispos canadienses y estadounidenses a la Santa Sede (1914-1922)

Matteo Sanfilippo

Ruoli amministrativi sociali del comune nel Piemonte tra Ottocento e Novecento

Dora Marucco

Gianfausto Rosoli, un intelectual entre dos mundos

Fernando J. Devoto

Alfabetización e iniciativas educativas para los emigrantes entre el 800 y el 900

Gianfausto Rosoli

Gianfausto Rosoli: bibliografía anotada

Alicia Bernasconi - Carina Silberstein

CRITICAS BIBLIOGRAFICAS

AA. VV., The World in my Hand. Italian Emigration in the World 1860-1960

Alejandro Fernandez

Gianfausto Rosoli, Las políticas migratorias italianas: prácticas de convivencia, intolerancias y estado. Un análisis a partir de una obra postrera de Gianfausto Rosoli

Dedier Norberto Marquiegui

Avenida Independencia, 20
1099 Buenos Aires - Argentina

E-mail: cemla@ciudad.com.ar
Internet: <http://www.scalabrini.org/~cemla>

REDES TRANSFRONTEIRIÇAS NO MERCOSUL

Rogério Haesbaert*
Marcelo Santa Bárbara**

A migração de brasileiros para os vizinhos do Prata acelerou-se nas últimas décadas e, mesmo antes da criação do Mercosul, já representava um amplo processo que impunha a organização espacial de conexões de vários tipos, ultrapassando as linhas de fronteira internacional. Se nos anos 70 e 80 a migração rumo ao leste paraguaio foi uma constante, nos anos 90 vieram se somar os fluxos, menos volumosos, mas economicamente relevantes, rumo ao Pampa uruguaio e argentino (Haesbaert e Silveira, 1999).

Este artigo pretende sistematizar dados de uma pesquisa muito mais ampla, em fase final de execução¹, relativos aos fluxos de diversas ordens que se desdobram por sobre as linhas fronteiriças do Brasil com os vizinhos do Mercosul. Estes fluxos – econômicos, culturais e até mesmo políticos, de caráter legal ou ilegal, configuram aquilo que denominamos “redes transfronteiriças”.

REDES E FRONTEIRA

Para falar de redes transfronteiriças precisamos, primeiro, definir o que entendemos por fronteira. Podemos nos referir a três noções distintas de fronteira: a fronteira político-administrativa, para cuja noção – linear – seria mais adequado utilizar o termo limite, limite internacional; a fronteira econômica, área de expansão de novos modos ou formas de produção, como o que ocorre com a difusão da economia capitalista; e a fronteira como fronteira

cultural, o “front” de um grupo ou de uma cultura que avança e a “linha de contato” com a cultura que é subjugada².

Os três sentidos de fronteira acima aludidos servem para ser incorporados à nossa designação de redes transfronteiriças. Os migrantes que participam destas redes, ao mesmo tempo que transpõem os limites internacionais, a fronteira política, recriam a fronteira econômica, expandindo a modernização agro-industrial capitalista para novas áreas, e estabelecem uma relação cultural conflitiva com os antigos grupos locais, como o índio ou o camponês descendente de guaranis, no caso paraguaio. Assim, novas relações sociais e novos hábitos culturais vão sendo conflitivamente implantados, levados no bojo da difusão de complexos agro-industriais, como o da soja, no Paraguai, que modificou radicalmente a paisagem da região leste daquele país, e o da rizicultura irrigada no Pampa uruguaio e argentino, que modificou em muito as relações de trabalho, até então dominadas pela estrutura social tradicional das grandes estâncias de criação extensiva.

A modernização e a integração ao mercado capitalista internacional caminham lado a lado com a reprodução, mesmo do outro lado da fronteira (política), das mesmas práticas excludentes e concentradoras de um capital que, antes de tudo, busca o maior lucro ao menor custo. É assim que, ao lado da reconcentração fundiária, são registrados imensos danos ecológicos: a floresta tropical do leste paraguaio quase desapareceu, inundada pelos campos de soja, e muitas várzeas do interior uruguaio

perderam rapidamente sua condição de ecossistemas privilegiados na biodiversidade do Pampa. A vida dos nativos guaranis paraguaios, num relativo equilíbrio com o seu meio, é relegada a um segundo plano: cada vez eles ficam mais reclusos nas proximidades das poucas áreas florestais remanescentes, ou alimentam os fluxos migratórios para os principais centros urbanos.

Num mundo em que é cada vez mais rara essa integração entre homem e meio, espaço político, econômico e cultural, como um dia ocorreu no espaço indígena, não é fácil identificar espaços “integrados-integradores”, onde a paisagem reflita uma unidade entre as diversas esferas da vida humana. Esta era a leitura feita pelos geógrafos franceses da Geografia mais tradicional, identificando “regiões homogêneas” mundo afora. Hoje é o tempo da mobilidade, da des-integração, da descontinuidade, dos fluxos, enfim, o espaço e o tempo das “redes”.

A lógica reticular ou das redes domina nosso cotidiano, ao ponto de alguns autores, como Castells (1999), denominarem a nossa sociedade de “sociedade em rede”. Da rede de televisão à rede urbana, da rede de capitais à rede de informações, tudo parece circular e se conectar. Mas o que vemos, na realidade, são redes muito distintas, variáveis conforme o tipo de fluxo que elas movimentam e os grupos ou classes sociais que elas envolvem. Dessa forma, facilmente identificamos quem está efetivamente “conectado” nas redes dominantes, e quem está excluído delas. Entre os excluídos, como é o caso de muitos

migrantes, pode-se falar mais em desconexão do que em conexão, e eles muitas vezes são obrigados a criar suas próprias redes, "paralelas" (para outros "ilegais"), como forma de resistência ou, simplesmente, de sobrevivência.

A DIVERSIDADE DAS REDES "BRASILEIRAS"

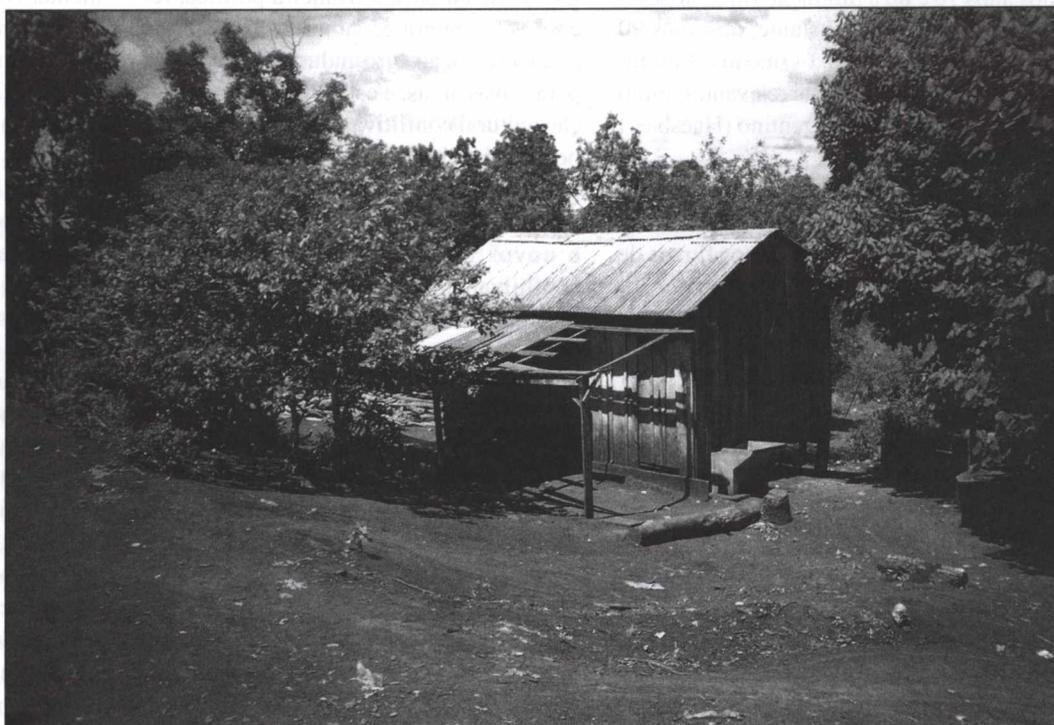
Entre os brasileiros que migram para os vizinhos do Prata podemos identificar vários tipos de redes, variáveis conforme as classes sociais, os produtos e as informações nelas envolvidas. Como geógrafos, priorizamos as redes geográficas, ou que manifestam uma base espacial, concreta, bastante nítida. Assim, foi possível construir um grande quadro (v. quadro 1) em que sintetizamos as redes construídas pelos migrantes, nas mais diversas esferas da vida social, do econômico ao político e ao cultural. Estas redes são vitais na sobrevivência do grupo, mas elas são diferenciadamente vividas, partilhadas, dependendo, sobretudo, da condição sócio-econômica do migrante. Para os mais pobres, muitas dessas redes são construídas e acionadas como uma estratégia (às vezes única) de sobrevivência, para os mais ricos, elas são o veículo da alternância, da opção entre diferentes modos de vida.

Vejam um exemplo, em relação às redes que envolvem uma conotação política, ligadas à questão formal da cidadania. Muitos migrantes brasileiros mantêm seus títulos eleitorais e sua documentação brasileira - mas, ao contrário dos mais ricos, não como uma forma de "dupla nacionalidade". Para o mais pobre, isto está relacionado a um mínimo de garantias sociais numa vida precária, marcada



San Alberto (Alto Paraná) Paraguai

Foto: Marcelo S. Bárbara



Colônia Jamaica (La Paloma) Paraguai

Foto: Marcelo S. Bárbara

pela difícil legalização de sua situação nos países vizinhos. Muitas vezes, é uma questão de sobrevivência, pois o acesso a algum serviço público em termos de saúde e educação pode, em último caso, com a documentação brasileira, estar acessível do outro lado da fronteira.

Por outro lado, há sempre a esperança de que, se não der certo no país vizinho, resta a possibilidade do retorno, como se a manutenção da nacionalidade brasileira fosse também uma estratégia de resistência. Se for preciso votar num vereador ou deputado no Brasil com a promessa de que

Quadro 1. REDES TRANSFRONTEIRIÇAS "BRASILEIRAS" NOS VIZINHOS DO MERCOSUL

TIPOS DE REDES

CARACTERÍSTICAS GERAIS

<i>Ideológico-culturais</i>	<p>A manutenção de vínculos de ordem cultural-identitário entre os migrantes brasileiros nos países vizinhos e destes com o Brasil representa um amálgama fundamental na sua manutenção enquanto grupo. A utilização do idioma português e a difusão dos veículos de comunicação brasileiros são instrumentos da reprodução destes laços. Em áreas como San Alberto e Santa Rita, no Paraguai, Colônia Alicia e Colônia Aurora, na Argentina, e Vila Encina, no Uruguai, o português (ou o espanhol "carimbado" pelo português, como dizem os uruguaios) é o principal idioma de comunicação. Além disso, rádios locais têm programações exclusivamente em português (vide a Pioneira 93.5 em San Alberto) e as redes de rádio e televisão brasileiras muitas vezes são mais difundidas que as dos países vizinhos. Em nível de cultura e da identidade regional é muito representativo o avanço do tradicionalismo gaúcho em localidades paraguaias, com Centros de Tradições Gaúchas (CTG) em Santa Rita e San Alberto (aqui com o nome "híbrido" de "Centro de Tradições Guaranis"), vinculados à rede do gauchismo paranaense, pois pertencem à região tradicionalista de Guarapuava, no Paraná.</p>
<i>Parentesco</i>	<p>Grande parte dos migrantes brasileiros mantém fortes laços afetivos e de parentesco com os familiares que vivem, principalmente, na região Sul do Brasil. Muitos laços familiares são mantidos pela continuidade dos casamentos com habitantes das áreas de origem do migrante. São constantes, também, as viagens transfronteiriças, nos dois sentidos.</p>
<i>Movimentos Sociais</i>	<p>Redes de movimentos sociais também se articulam como redes transfronteiriças. É marcante a atuação do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) e da Pastoral do Migrante, especialmente no Paraguai. Diversos representantes do MST, em La Paloma e San Alberto, têm orientado e encaminhado "brasiguaios" para acampamentos no oeste do Paraná e sul do Mato Grosso do Sul. A Pastoral do Migrante, baseada em Foz do Iguaçu (PR), atua na obtenção de carteiras de imigração e apoio jurídico para brasileiros ilegais no Paraguai. Também há contatos entre o MST e a associação de pequenos produtores argentinos. Fazendeiros uruguaios revelam temor com a possibilidade da entrada do MST no país, a partir de Bagé (RS).</p>
<i>Político-eleitorais</i>	<p>Muitos imigrantes mantêm o título eleitoral brasileiro. Existem milhares de eleitores que, embora residam em território paraguaio, argentino ou uruguaio, continuam votando no Brasil. Em Foz do Iguaçu calcula-se que cerca de 10 mil "brasiguaios" venham participando das eleições (<i>A Gazeta do Iguaçu</i>, 10/09/1996). Muitos vereadores no Brasil (em cidades como Foz do Iguaçu - PR e Dionísio Cerqueira - SC) são eleitos graças a promessas feitas a migrantes brasileiros no Paraguai e na Argentina, oferecendo assistência médica em hospitais ou vagas em escolas.</p>
<i>Serviços</i>	<p>É muito comum os migrantes recorrerem aos serviços de educação e saúde no Brasil, principalmente no caso paraguaio, onde estes serviços geralmente são mais precários, gerando assim fluxos temporários bastante intensos ao longo da fronteira. Por outro lado, a condição de dupla cidadania torna-se uma estratégia para o usufruto de benefícios como os financiamentos à produção, ora demandados em território brasileiro, ora no país vizinho. Muitos também, mesmo residindo no outro país, têm aposentadoria e benefícios previdenciários garantidos pelo Estado brasileiro.</p>
<i>Econômicas (legais)</i>	<p>Estas talvez sejam as redes de caráter transfronteiriço mais antigas, e que independem da figura do migrante para se fortalecerem. Envolvem o intercâmbio de produtos, incrementado em muito com a criação do Mercosul, alguns dos quais diretamente ligados à presença da migração brasileira (especialmente a soja, no caso paraguaio, o arroz, no caso argentino e uruguaio, e, nos três países, o gado). Muitas vezes são os mesmos empresários brasileiros que possuem estabelecimentos (empresas ou cooperativas) dos dois lados da fronteira. No caso do pampa argentino-uruguaio é um processo bastante antigo e que envolve inclusive figuras conhecidas do mundo político, como João Goulart e Leonel Brizola. Ressaltem-se também os circuitos financeiros, cada vez mais pronunciados, envolvendo aqui tanto operações legais quanto ilegais.</p>
<i>Econômicas (ilegais)</i>	<p>Muitos migrantes, sem outra alternativa, acabam se envolvendo com o tráfico de várias tipos, comandado através de redes hierarquizadas que chegam até a escala global. Destacam-se o contrabando de drogas, madeiras, produtos agrícolas, automóveis, etc. O rio Paraná, via lago da represa de Itaipu, é o espaço mais utilizado pela contravenção e o crime organizado entre o Brasil e o Paraguai. Outra rede ilegal que envolve máfias brasileiro-paraguaias é a da prostituição. No caso argentino, com presença maior de reservas florestais ao longo da fronteira, é freqüente o contrabando de madeiras-de-lei através de rios como o Peperi-Guaçu e o Uruguai. Produtos valorizados nos dois lados da fronteira, como o arroz (produzido no Uruguai e Argentina) e a soja (produzida no Paraguai), também participam de redes de comércio ilegal. É conhecido o caso da soja brasileira contrabandeada para o Paraguai e que volta para ser exportada como soja paraguaia pelos portos brasileiros.</p>

uma vaga na escola ou a assistência hospitalar será garantida, a rede transfronteiriça pode ser acionada. Já houve casos em que a ponte da Amizade, entre o Brasil e o Paraguai, foi interdita em dia de eleições para evitar a "procissão" de políticos brasileiros patrocinando transporte para os eleitores do outro lado da fronteira. O povo humilde sendo usado, mais uma vez, como massa de manobra.

Por sua vez, entre os que têm uma situação econômica mais estruturada, e que têm acesso a crédito bancário, como o migrante brasileiro Paulo (nome fictício), que entrevistamos em San Vicente, na província argentina de Misiones, manter a nacionalidade brasileira, mesmo já tendo conseguido a argentina, representa a possibilidade de buscar financiamentos tanto nos bancos argentinos quanto no Banco do Brasil, driblando assim, um pouco, as vicissitudes das conjunturas econômicas – ou, no caso dos mais ricos, conseguindo uma lucratividade muito maior.

Há redes que prescindem do deslocamento físico do migrante. Não são propriamente "redes de migrantes", mas servem como pano de fundo para moldar vários comportamentos sociais. As redes de televisão, por exemplo, que não precisam de uma infra-estrutura física contínua para se expandirem, alcançam facilmente o lado paraguaio, uruguaio e argentino da fronteira, e entram "sem pedir licença". Assim, vemos muitas famílias uruguaias assistindo a rede Globo e envolvendo-se, indiretamente, com problemáticas e práticas culturais do lado brasileiro. Quanto aos migrantes brasileiros, entre eles a televisão representa um importante amálgama de manutenção da coesão sócio-cultural. Não há dúvida que, desta forma, desenha-se um "subimperialismo" cultural brasileiro transfronteiriço, e que a retomada de identidades fortes, como a guarani, no Paraguai, pouco tem conseguido suplantar.

A própria identidade do migrante acaba refletindo esta condição de "habitante transfronteiriço", como se ele não estivesse nem de um lado, nem de outro, não fosse nem brasileiro, nem paraguaio. Como se ele, numa visão extrema, habitasse mais a rede (transfronteiriça) do que o território (nacional) bem delimitado. Assim, fi-

guras como a do brasiguaião, que na origem significava apenas o brasileiro que não conseguiu terras no Paraguai e retornou ao Brasil em busca da sobrevivência, transformaram-se em identidades mais gerais dos migrantes brasileiros no exterior, reveladoras dessa condição ambivalente, de indivíduo com dois territórios, um indivíduo dividido, inseguro, mas também, por outro lado, dependendo da situação, um indivíduo que dispõe de estratégias múltiplas de sobrevivência. Sua condição de participante (mesmo eventual) de uma rede transfronteiriça constitui uma espécie de "capital" a que ele pode recorrer, dependendo das circunstâncias.

Transgredindo os limites do Estado-nação, o migrante dessas redes transfronteiriças, "brasiguaião" ou "brasentino", pode ser visto como "aquele que vive dos dois lados da fronteira". Como dizem muitos pesquisadores, é a rede que permite compreender melhor os processos sociais contemporâneos, por manifestar a ambivalência, a flexibilidade e, ao mesmo tempo, a insegurança do nosso tempo. A rede revela o caráter dinâmico, o mundo de relações mutáveis em que estamos mergulhados, e supera a antiga idéia de identidades fixas, refletidas num território bem definido.

Mas nunca podemos esquecer que a rede em si não é um agente ou um sujeito, mas apenas uma forma ou um veículo pelo qual se realizam relações sociais. Por trás (ou por dentro) dela encontram-se os verdadeiros atores: capitalistas, políticos, intelectuais, migrantes, refugiados. Por isso, nem todas as redes são "abertas", "flexíveis", veiculadoras da multiplicidade que os ricos dizem usufruir. Na fronteira do Brasil com os vizinhos do Mercosul podemos identificar redes transfronteiriças de diversas ordens, desde aquelas que representam uma maior maleabilidade para o migrante, até aquelas que, ao contrário, reforçam sua fragilidade e sua dependência (como as redes do contrabando, da prostituição, do narcotráfico). Cabe-nos analisar e, de alguma forma, estimular aquelas redes através das quais o migrante efetivamente se organiza, se fortalece e se autonomiza enquanto grupo, enquanto indivíduo e enquanto ser humano.

* Rogério Haesbaert é doutor e professor de Geografia da Universidade Federal Fluminense.

** Marcelo de Jesus Santa Bárbara é licenciado e mestre em Geografia pela mesma Universidade.

NOTAS

1. Trata-se da pesquisa "A Região frente aos processos de Globalização e Fragmentação: a formação de uma região transfronteiriça entre os países vizinhos do Mercosul", com auxílio do CNPq e coordenada por Rogério Haesbaert. Marcelo Santa Bárbara foi bolsista de iniciação científica neste projeto e realizou dissertação de mestrado sobre o tema da identidade brasiguaiã.

2. José de Souza Martins (1997:150) afirma que "o que há de socialmente mais relevante para caracterizar e definir a fronteira no Brasil é (...) a situação de conflito" e, "nesse conflito, a fronteira é essencialmente o lugar da alteridade", do encontro com os outros – como os índios e os camponeses pobres.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASTELLS, M.
(1999) *A sociedade em rede*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- HAESBAERT, R. e SILVEIRA, M.
(1999) *Migração brasileira no Mercosul. Travessia-Revista do Migrante*, nº 33, janeiro-abril, p.5.
- KOHLHEPP, G.
(1982) "Problems of dependent regional development in Eastern Paraguay with special relevance to Brazilian influence in the pioneer zone of the Amambay plateau". *Applied Geography and Development* nº 22, Tübingen.
- MARTINS, J. de S.
(1997) *Fronteira: a degradação do Outro nos confins do humano*. São Paulo, Hucitec.
- SANTA BÁRBARA, M.
(2001) *Des-caminhos brasileiros em terras paraguaias: territórios e jogos de identidades*. Dissertação de Mestrado, UFF.
- SOUCHAUD, S.
(2000) *La formation d'un espace "bresiguayen" dans l'est du Paraguay: Migration pionnières brésiliennes et organisations socio-espaciales dans l'orient du Paraguay*. Tese de Doutorado, Univ. de Poitiers.
- SPRANDEL, M.
(1992) *Brasiguaios: Conflitos e Identidades em Fronteiras Internacionais*. Tese de Mestrado, Rio de Janeiro, Museu Nacional.

NAS REDES DO COMÉRCIO DE RETALHOS

Sueli de Castro Gomes*

O comércio de retalhos e resíduos têxteis está localizado nas ruas do Brás, antigo bairro industrial e operário da cidade de São Paulo¹. Esse bairro hoje, concentra um grande número de indústrias e lojas de confecções, que vendem no atacado e no varejo para as "sacoleiras" de todas as partes do Brasil. O comércio de retalhos² nasce nos interstícios das antigas indústrias têxteis e estende-se, posteriormente, para os rejeitos das confecções, as quais fornecem diariamente toneladas de resíduos e retalhos para serem comercializados pelos "retalheiros". Uma parte desses retalhos e rejeitos é comprada por costureiras da

Grande São Paulo e até mesmo por "sacoleiras", sendo que a maior parte dessa mercadoria é enviada para Santa Cruz do Capibaribe – cidade do interior pernambucano, que possui um pólo de confecções de "sulanca" - vestuário de qualidade inferior, consumido, predominantemente, por uma população de baixa renda. O nordestino de menor poder de consumo passa a ser consumidor do "lixo", do rejeito das confecções do Centro do Sul.

Entre os retalhos de informações, percebemos uma rede de pessoas e mercados em torno do comércio de retalhos e resíduos e dessa maneira, inicia-se nossa teia de investigações.

QUEM SÃO OS RETALHEIROS?

A maioria das pessoas que trabalham nessa atividade é constituída de migrantes nordestinos, podendo ser divididos de acordo com os locais de origem: o primeiro grupo está ligado a uma família da cidade de Ibirajuba - Pernambuco, que tem uma dimensão maior que o segundo grupo, o da família de Iguatu - Ceará; o terceiro grupo, que tem outra característica, é formado por migrantes de Santa Cruz do Capibaribe, também do estado de Pernambuco, e cidades vizinhas. Esse último grupo de migrantes surge seguindo o fluxo desse comércio, pois todos os dias

saem caminhões levando toneladas de resíduos e retalhos para Santa Cruz, que serviam, no retorno, de transporte para o migrante, conforme afirma o depoimento de um comerciante:

"Cada caminhão de tecido trazia cinco ou seis".

Assim, a formação desse comércio está também mediada por redes sociais de parentesco ou apadrinhamento, entrelaçadas por redes econômicas e redes territoriais, no caso, as famílias de Iguatu e Ibirajuba. Para entendermos o comércio de retalhos como uma das formas de inser-

Os resíduos (rejeitos das confecções) são deixados nas calçadas, onde crianças ficam tomando conta até as peruas e/ou caminhões, no final da tarde, passarem para efetuar a compra. Cada "catador" tem seus pontos de coleta fixos nas confecções.



Foto: Sueli de Castro Gomes

ção de migrantes em São Paulo, encontramos essas redes que nos fornecem elementos para analisar o seu papel como apoio ao migrante que acaba de chegar e, simultaneamente, contribuem para a ampliação desse comércio.

UM POUCO DE SUA HISTÓRIA

O embrião da atividade do comércio de retalhos aparece, inicialmente, com um pequeno grupo de espanhóis que reaproveitavam o resíduo ou rejeito das confecções do Brás, picotavam o produto em uma máquina chamada a "Máquina do Diabo" e o vendiam como estopa, ou para fazer "enchimento" de colchão, banco de automóvel, pois por volta dos anos 50 não existia a espuma sintética. A partir da década de 60, o aproveitamento desses resíduos passou a ser feito, predominantemente, por nordestinos, que, no caso, não picotavam, mas revendiam para seus conterrâneos, que aproveitavam para costurar uma confecção mais popular, a chamada *sulanca*. Até esse momento, os resíduos das confecções eram considerados "lixo" e eram "catados" nas calçadas pelos retalheiros com carrinhos de madeira, como vemos hoje os catadores de papelão e de latinhas. Nos anos 70, esses rejeitos passam a ser comprados e vendidos por um preço mínimo por muitas confecções. Hoje existem, aproximadamente, 300 unidades comerciais instaladas no Brás.

Este bairro é uma das áreas de grande concentração de nordestinos em São Paulo. Explica-se, tal fato, por representar o Brás, historicamente, a primeira porta de entrada na cidade: é lá que se encontra a Estação do Norte (atualmente Estação Roosevelt), bem como a antiga Hospedaria do Imigrante - que a partir da década de 1930 passou a receber em maior número os migrantes nacionais, conforme determinavam as políticas migratórias. Posteriormente, foi a influência exercida pela proximidade da também antiga rodoviária da capital paulista, que passa a receber os grandes fluxos de migrantes nordestinos. Cite-se que os primeiros nordestinos que iniciaram o comércio de retalhos chegaram em São Paulo por volta da década de 1950.

O COMÉRCIO

O comércio de retalhos, criado pelo grupo de migrantes nordestinos, consiste em adquirir das confecções do Brás, o seu rejeito. As peças maiores são chamadas de retalhos, e as menores, de resíduos. Os retalhos podem ser bobinas inteiras de tecidos com defeitos, ou com uma cor fora de moda; enquanto os resíduos são os tecidos que podem já ter sido usados nas confecções e tornam-se sobras. Atualmente, esse comércio que já acontece há mais de 30 anos, compra os retalhos não só das confecções (boa parte controlada por coreanos), mas também das indústrias têxteis. Essas indústrias, no passado, estavam na maior parte concentradas no Brás, onde predomina a indústria de confecções. Hoje, a indústria têxtil se encontra dispersa pelo interior paulista e em outros estados. Assim, essa atividade passa a envolver cada vez mais outros espaços, pois os comerciantes também compram os retalhos das indústrias de Americana, Campinas, Santos, etc, e, ao mesmo tempo, vendem para Goiás, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e, principalmente, Pernambuco. Forma-se, assim, uma grande rede de pessoas e mercadorias que tem como ponto de referência ou *nó*, o Brás. Esse bairro configura o *nó* que interliga essa rede. Interessa-nos, pois, a definição de *nó*:

"... 'unidade físico-espacial', um sistema ambiental-local dotado de sua própria coesão interna, graças à qual ele é capaz de participar de uma coesão mais ampla da rede" (Dematteis, apud Haesbaert, 1995, p.182).

O conceito de rede aparece como uma nova configuração espacial, característica da modernidade. As reflexões sobre o *nó* e a rede foram importantes para o entendimento das mudanças no Brás: o que era no passado um bairro, território contínuo e coeso, hoje tornou-se um *nó* da rede, ou um território onde se localiza essa atividade comercial, suporte em que a rede pode se apoiar. A modernidade trouxe a racionalidade do espaço, transformando-o em vértices, arestas, linhas, *nós* e aglomerados. A rede de migrantes e a rede do comércio de retalhos são redes que se superpõem e têm o seu ordenamento, formam uma malha de homens e mercadorias

ou uma malha de múltiplos territórios, se não vejamos:

"... 'um conjunto de nós pertencentes a diferentes redes', 'um conjunto de sujeitos fisicamente coexistentes, mas que pertencem a redes de organização diferentes e cujos interesses podem divergir à escala local (...). Assim o espaço físico de cada cidade seria a sede de vários 'nós' pertencendo a sistemas diferentes, cada um com forma de enraizamento local (relações 'verticais') distintas" (Dematteis, apud Haesbaert, 1995, p.182).

AS RELAÇÕES "FAMILIARES" DE TRABALHO

Nas relações de trabalho, que identificamos nas unidades de comercialização, o que predomina é a mão-de-obra familiar. Inicialmente, muitos formaram uma "sociedade", em geral constituída por parentes e só depois cada sócio foi adquirindo a sua própria loja. O ganho que a família tem é voltado para os gastos com aluguel, roupa, alimentação, muitas vezes inexistindo a remuneração para os parentes pertencentes à unidade familiar. O pai é geralmente o "chefe" da unidade, responsabilizando-se em ajudar os filhos a terem o seu próprio negócio. Essa organização interna aparece de forma evidente nas entrevistas de nossa pesquisa, como veremos abaixo:

"Pago não. Eu ajeto eles por aqui. É coisa que se sabe. Essa casa mesmo é deles tudo. Porque eu comprei pra eles trabalhar mais eu. Eu mesmo arrumo um cantinho. Cheguei na Almirante Barroso, ali quando eu comprei essa casa deixei lá uma filha mais velha..." (Sr. Zagaia).³

Poucos se identificam como funcionários, quando o indivíduo se reconhece como tal é porque mantém com o proprietário uma relação de parentesco mais distante tal como: sobrinho, primo, tio. Alguns depoentes destacam a idéia da "ajuda"; a idéia de auxiliar o parente ou conterrâneo está muito presente nesses retalheiros. A solidariedade nas redes aparece nos depoimentos, apontando para a precariedade na área de origem e a possibilidade de ajuda por meio dessa atividade.

Outro aspecto que a rede de relações traz é o aumento progressivo de pessoas

no ramo do comércio de retalhos e, portanto, o aumento de unidades comerciais. Há uma concentração dessa atividade em determinadas ruas, de forma a atrair o maior número de compradores, tornando esse espaço uma referência; facilita-se, assim, a circulação dessa mercadoria.

O problema a ser investigado é o de entender a contradição que esse comércio apresenta - quanto maior o número de unidades, maior a concorrência no mercado. Paralelamente, entretanto, não havia a preocupação explícita desse comerciante-migrante com a competição, mas sim com o estímulo de inserir o conterrâneo nessa atividade. Como explicar a coexistência da competição desse mercado com o exercício da solidariedade?

A solidariedade está presente entre os migrantes que vieram de uma mesma região com dificuldades de emprego e em precárias condições de vida, encontrando-se em São Paulo sem meios de sobrevivência. Esses elementos evidenciam a coexistência dessas duas condições: solidariedade e concorrência. Neste sentido, são significativos os depoimentos a seguir:

"São grande, tem muito lugar para trabalhar. Acho que isso é egoísmo, quem quer só pra si; que adiantava ficar sozinho..." (D. Mira)

"A princípio eu pensava que podia prejudicar, quando chegava um outro concorrente. Mas agora não. Dizem, segundo os comerciantes mais antigos, que até valoriza, tem mais procura, tá assim, todos têm direito a um raio de sol." (D. Marta - comerciante)

"Isso é besteira. Veja bem, o nordestino quando vem do Norte para cá, o maior objetivo dele é tirar o pessoal da desgraça que tá lá... Mas o pessoal que vem do Nordeste, do agreste, eles passam é fome lá, então quando o cara vem para cá - tem um rapazinho que chegou esses dias, é de Itabira. Lá no Nordeste, ele tá com 20 anos e nunca viu uma nota de 50... Então o cara chega aqui, começa a ver dinheiro. Começa a faturar 10, 15, 30..., e fica nisso. Então ele começa a ver dinheiro, demais que depressa ele chama o pessoal que tá por lá passando fome, e começa a vir. Aqui nessa rua, João Boemer, se vê uns buraquinhos com 10,

15 pessoas lá dentro trabalhando, parece um ninho de rato, todo mundo juntando lá dentro, homem por cima dos trapos, por cima dos resíduos. Então não é uma questão de concorrência, realmente é uma questão de sobrevivência. Então se eu tenho meu irmão que mora lá na casa do chapéu e eu sei que ele tá passando uma situação difícil: 'Vem pra cá!' Outro passando...: 'Vem pra cá que a gente se vira!'. O cara nunca traz pensando que vai ser mais um concorrente, mas pensando que vai ser mais um que tá deixando de passar fome. É isso." (Xique-Xique)

A questão da concorrência para o conterrâneo e parente é descartada, mas observando o dia-a-dia do correntista⁴, vemos que ela aparece claramente, quando ocorre o chamado "furo", isto é, o correntista sabe de uma loja que irá vender retalhos, a um bom preço, mas outro correntista obtém essa mesma informação e rapidamente toma a frente e acaba por fechar negócio. Isso transparece até mesmo nas entrevistas por nós aplicadas em que alguns relatavam ter medo de espião: "tinha muito disso lá". Ou ainda:

"Existe o 'furo', eu nunca fiz isso, mas teve muito grandão que já passou na polícia por causa disso (...). O 'furo', é por exemplo: eu tenho um negócio por telefone, você sabe, corre logo na minha frente pra fechar negócio". (Francisco)

"... a concorrência entre os corretores é também ferrada, também eles briga - Ah! Minha boca, se 'furo' minha boca!..." (Zé)

"Já passa a perna, passa primeiro. Às vezes é avisado antes de você ir na loja, (...), às vezes ganha troco por fora, já pra te avisar antes, entendeu. É assim, quem tá nesse ramo faz tempo tem certas vantagens, já é mais conhecido". (D. Marta)

NO ESPAÇO DAS REDES

Existe a presença das redes entre os migrantes que atuam no comércio de retalhos. Póvoa Neto mostra com clareza como essas redes sociais atuam no processo migratório:

"A presença destas redes de contato, cristalizadas ao longo de décadas de migrações, contribui para explicar a inten-

tidade dos deslocamentos populacionais mesmo numa situação social em que os diferenciais de renda e de condição de vida se tornam pouco perceptíveis. Tais redes se tornam forças sociais vivas, a estabelecer 'pontes' entre lugares e a permitir o fluxo de informações e pessoas que fizeram da mobilidade geográfica a sua principal estratégia de sobrevivência." (Póvoa Neto: 1997, p.22).

Os primeiros nordestinos utilizaram-se dessas redes para a sua inserção. Inicialmente, como estratégia de sobrevivência e, à medida que a circulação rápida da mercadoria foi possibilitando um rápido acúmulo de capital, também como uma forma de ascensão social, o que reforçou a atração de parentes e amigos conterrâneos para trabalhar no comércio de retalhos.

Em seus depoimentos, os retalheiros apresentavam pessoas, citavam amigos e parentes. Os primeiros retalheiros inseriram seus irmãos, filhos, cunhados, primos. Observamos a circulação de pessoas na atividade comercial a todo instante.

As lojas apresentam um misto de formalidade e informalidade e são um ponto de apoio para os iniciantes. Os antigos retalheiros já estão estabelecidos e trabalham mais com os retalhos, e até mesmo com peças inteiras; esses, com suas lojas, abrem espaços para os recém-iniciados que trabalham com os resíduos. Há uma troca: o antigo retalheiro cede para o recém-chegado, o espaço da loja, informações, contatos, ensinando-o também a trabalhar e, em troca, recebe uma porcentagem sobre as vendas. De acordo com Ramella, os migrantes são atores racionais que perseguem objetivos e mobilizam para tais fins os recursos que têm à sua disposição:

"Estos han sido considerados, a menudo, como recursos relacionales, es decir aquellas relaciones personales que sirven para conseguir información, elegir el destino, insertarse en el mercado de trabajo de la sociedad receptora, etc..." (Ramella, 1995, p.9).

Observamos que a rede social é um mecanismo de mobilização, pois o antigo retalheiro aciona o novo, este por sua vez, aciona o antigo retalheiro para se estabelecer. Esses últimos são mobilizados pelo sonho de ascensão social e de ter a sua pró-



Os caminhões que levam, diariamente, toneladas de resíduos e retalhos para Santa Cruz do Capibaribe/PE, serviram, também, como meio de transporte para os novos migrantes dessa região.

pria loja. É uma cadeia hierárquica de solidariedade e concorrência que organiza essa atividade comercial.

O conceito de cadeia migratória (Ramella, 1995) é uma parte dos instrumentos metodológicos dos estudos históricos da migração. Durham (1973), na sua obra *À caminho da cidade*, também aborda essa questão, assim como Woortmann (1984) que traz à luz a perspectiva da unidade familiar e o trabalho no trato dessa questão. Baptista (1998) também utiliza esse conceito da seguinte maneira:

"... são vistas como relações simbólicas de afeto, parentesco, solidariedade, violência. Servem de apoio para o movimento da migração, assim como para o assentamento, engajamento e apropriação do espaço urbano" (p. 11).

Essas redes criam novas formas de sociabilização que, para a autora, podem vir a ser canal de mobilização e enfrentamento das questões sociais emergentes enfrentadas pelos migrantes no competitivo mundo urbano. Baptista vê as

redes sociais de solidariedade como tática de resistência e sobrevivência. Em nossa pesquisa, constatamos outra vertente do enfoque das redes que mobilizam, também, para a exploração da mão-de-obra e para o acúmulo de capital individual, além de serem um recurso que o próprio capital mobiliza para a sua reprodução.

Os antigos migrantes que têm um movimento maior em suas lojas contratam como funcionários, migrantes nordestinos com pouco tempo em São Paulo. Em outras unidades encontramos uma relação familiar para o trabalho na loja. Constata-se que algumas lojas são usadas como moradia de famílias inteiras. Esses migrantes têm como trabalho a atividade de separar as peças de retalhos, pelas características que essas apresentam (tamanho, cor, etc.). O trabalho é contínuo e não tem hora para ser realizado, mesmo fechando as portas do horário comercial, eles passam a noite separando os retalhos, sendo que muitas vezes, esse tipo de trabalho não é regulamentado. A relação entre os conterrâneos

apresenta uma duplicidade, pois ao mesmo tempo em que aparece a solidariedade e a inserção de parentes e amigos nesse mercado de trabalho, abre-se a possibilidade aos migrantes antigos que estão no topo, de um maior acúmulo de capital, com a *mais-valia* gerada pelo novos migrantes. É a lógica da acumulação capitalista.

São os dois lados da mesma moeda. Na pesquisa de Baptista, em um outro universo de análise, focalizado nas relações de vizinhança, o estudo das redes sociais de nordestinos na favela de Paraisópolis em São Paulo, privilegia aspectos ligados a:

"A matriz dessas relações são pessoas enredadas por origem, parentesco, dificuldades, amizade, afetividade, desafios, compadrio. Explicitam-se aspectos que mostram o funcionamento e efetividade das redes de atração e inserção no urbano e como elas reproduzem e alimentam o fluxo migratório, assim como a solidariedade entre os chegados, atuação com os que chegam, como e quem atua junto aos migrantes. As redes sociais apresentam-

se, então, como táticas de produção e re-produção, econômica e cultural que unificam a vida anterior e atual. ...” (Baptista, 1998, p.24)

Para a autora, os migrantes são atores interconectados, que possuem uma identidade comum (cultura, classe social, temporalidades). Eles se apóiam no passado (área de origem), no presente (o convívio) e no futuro (seus sonhos). Ocupam os mesmos espaços e se socializam. As redes sociais são elos fortes que se manifestam de diferentes formas: solidárias, conflituosas, visíveis, latentes e estratégicas.

No universo de análise do mundo dos retalhos esses aspectos evidenciam-se dialeticamente relacionados à competição no centro urbano permeado pelas relações capitalistas de produção.

OS LIMITES DA REDE: ENTRE A SOLIDARIEDADE E A CONCORRÊNCIA

A pesquisa sobre o comércio de retalhos pôde constatar nos depoimentos, conflitos que ocorrem nas relações de negociações entre os migrantes retalheiros. Observamos que, em alguns aspectos, a conterraneidade perde o seu significado e a rede de solidariedade ocupa uma posição secundária. Uma das formas de mostrar a desconfiança, nessas relações, entre os nordestinos, é a exigência na forma de pagamento pela mercadoria, que é, sempre, à vista. Normalmente, o negócio a ser realizado envolve um pequeno valor, outra justificativa para essa forma de pagamento. A confiança somente aparece entre os antigos conhecidos de um mesmo local de origem e seus parentes; fora isso, a negociação ocorre com cautela; não é a origem que define a confiança, mas o tempo de amizade entre as partes, podendo, essa também, ser abalada:

“Já me roubaram muito aqui nesse São Paulo, é um lugar..., cheque sem fundo, ladrão aqui. Chegou um aqui da minha terra, que morava aqui há muito tempo, comprou umas dúzias e me enganou... E outro ladrão aqui me roubou aqui naquela rua ali. Comprava um retalhozinho a ele – ‘Zeca tem um retalhozinho? E o infeliz, dono de loja, ainda, chegou aqui

né, ladrão, que nem nosso Senhor se livrou da falsidade, como diz o povo... Eu conhecia o homem há muito tempo, eu pegava resíduo na loja dele, um ladrão, conheço o nome daquela peste”. (Sr. Zeca).

Miguez (1995) avalia os estudos das redes sociais como uma recuperação valiosa porque é capaz de “mostrar as brechas e espaços abertos pelas completas incoerências de todo o sistema”. Essas “incoerências”, ao denominarmos de contradições, aparecem nas relações dos retalheiros que, ao mesmo tempo, são o ponto de apoio de outros migrantes que se inserem na atividade de uma forma solidária. Essa relação também é uma forma de acúmulo da *mais valia* produzida pelo conterrâneo. Assim, há os dois viéses dessa condição que, em alguns momentos, são rompidos por conflitos que, muitas vezes, não foram explicitados nessa trama de relações. Muitas pesquisas tratam essas redes com estigmas de família modelo, ou o conterrâneo solidário, esquecendo as relações conflituosas em que a conterraneidade nem sempre é sinônimo de solidariedade.

CONCLUSÃO

O comércio de retalhos amplia-se à medida em que as redes sociais atuam, servindo de apoio, principalmente, com as informações próprias desse mercado. Então, para o grupo de migrantes que estudamos, as redes têm servido para definir os seus itinerários e a sua inserção no urbano e no mercado de trabalho. Desse modo, a ampliação do comércio de retalhos redefine a configuração espacial, na qual uma rede de mercadorias e de pessoas se confundem. Podemos perceber como o processo econômico incorpora as redes sociais para a produção e ampliação do capital.

* *Sueli de Castro Gomes é Mestranda em Geografia Humana – Departamento de Geografia da FFLCH-USP.*

NOTAS

1. Este artigo é parte da pesquisa em andamento sobre o comércio de retalhos como uma estratégia de inserção do migrante em São Paulo, que está sendo desenvolvida no curso de mestrado em Geografia Humana do Departamento de Geografia da USP.

2. Esse comércio acaba se tornando uma das formas de representação da interdependência econômica entre as regiões Nordeste e Centro-Sul, tratada por Oliveira (1981) e Singer (1974) em seus estudos.

3. Todos os nomes usados nos depoimentos são fictícios.

4. Correntista é uma denominação dada pelos retalheiros aos intermediários, os quais compõem uma categoria que se formou no comércio de retalhos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAPTISTA, Dulce M. T.
(1998) *Nas Terras do “Deus Dará”- Nordestinos e suas redes sociais em São Paulo*. Tese de Doutorado em Ciências Sociais. São Paulo, PUC (mimeo).
- DEMATTEIS, G.
(1992) *Les systèmes urbains en réseau: temps du développement. Colóquio Le temps des villes*. Paris, EHESS. (datil.)
- DURHAN, Eunice
(1973) *À Caminho da Cidade*. São Paulo, Ed. Perspectiva.
- HAESBAERT COSTA, Rogério
(1995) “Desterritorialização: entre as redes e os aglomerados de exclusão”. In: *Geografia: Conceitos e Temas*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, p.165-205.
- MARTINS, José de Souza
(1998) “O problema das migrações no limiar do Terceiro Milênio”. In: *O Fenômeno Migratório no Limiar do 3º Milênio*. Petrópolis, Ed. Vozes, p.19-34.
- MIGUEZ, Eduardo
(1995) “Microhistoria, Redes Sociales e Historia de Las Migraciones: Ideas Sugestivas y Fuentes Parcas”. In: BJERG, María y OTERO, Hernán (org.) *Inmigracion y Redes Sociales en La Argentina Moderna*. Tandil: CEMLA-IEHS, p.23-34.
- OLIVEIRA, Francisco de
(1981) *Elegia para uma Re(li)gião*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 3ª edição.
- PÓVOA NETO, Helion
(1997) “Migrações internas e mobilidade do trabalho no Brasil atual - Novos desafios para a análise”. In: *Experimental*, nº 2, pp. 11-24.
- RAMELLA, Franco
(1995) “Por un uso Fuerte Del Concepto de Red en Los Estudios Migratorios”. In: BJERG, María y OTERO, Hernán (org.) *Inmigracion y Redes Sociales en La Argentina Moderna*. Tandil: CEMLA-IEHS, pp. 9-21.
- SINGER, Paul
(1974) *Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana*. Companhia Editora Nacional, São Paulo, pp.19-79.
- WOORTMANN, Klaas A. A. W.
(1984) “A Família Trabalhadora”. *Série Antropologia*, nº 40, Brasília, (mimeo).

RELATO DE
EXPERIÊNCIA

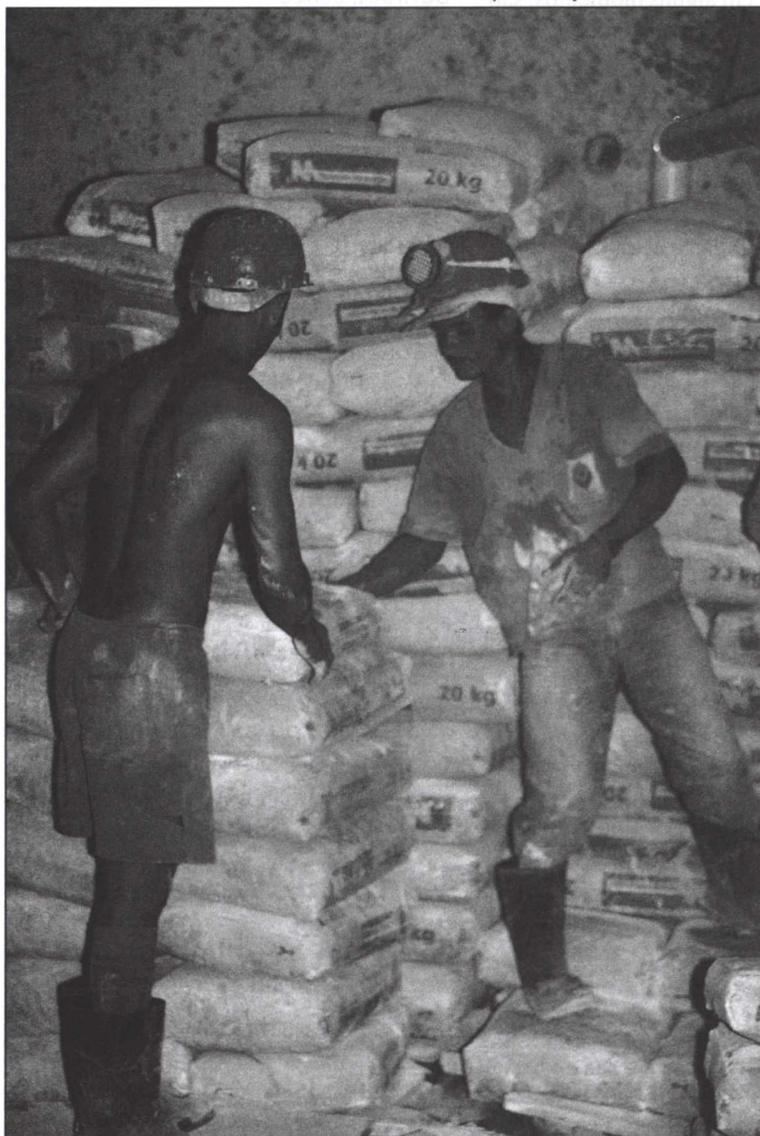
Migrantes da construção civil em João Pessoa

Arivaldo J. Sezyshta*

Verônica Pessoa**

O Serviço Pastoral dos Migrantes (SPM) e o Projeto Escola “Zé Peão” desenvolvem, em parceria, um trabalho junto aos operários da Construção Civil na capital da Paraíba, João Pessoa. Estes, em sua grande maioria, são migrantes, muitos dos quais temporários. Intencionamos relatar aqui, de forma breve, em que consiste o Projeto Escola “Zé Peão”, bem como apontar para a existência de importantes redes de solidariedade detectadas entre os migrantes, as quais tecem e dão sentido às suas existências. Antes, porém, visitaremos um canteiro de obras, mergulhando na história de um personagem chamado Benedito.

Foto: Arquivo Projeto Escola Zé Peão



Benedito: um homem da construção¹

“Meu nome é Benedito.

Sou do interior.

Moro na capital”.

“No interior o trabalho era pouco”,

As cercas eram muitas,

A seca era grande.

“Às vezes, trabalhava na cana.

Às vezes, trabalhava de servente.

Às vezes, fazia bico brocando mato.

Eu não tinha terra”.

“Vim para a capital.

Aqui trabalho na construção civil.

Levanto edifícios,

Levanto casas,

Levanto pontes e cavo galerias.

A minha mão faz a cidade maior.

Sonho construir uma boa casa.

A casa da minha família”.

Aqui, não estou sozinho.

Depois de mim veio meu compadre Gino,

Meu vizinho Guido

E meu primo Miro.

Mais tarde vieram Fabiano, Zezinho e outros,

Migrantes que viraram pedreiros, pintores, ajudantes.

Todos saíram atrás de mim.

Dizem que eu puxei a fila.

Aqui, dormimos na obra,

Dividimos as tarefas.

Um faz a comida,

Outro limpa o chão,

Um outro faz a feira.

Amanhã revezaremos.

E vamos levando, se escapando.

Quando não posso viajar para o interior
Um companheiro leva o dinheiro da
feira de minha família.
E traz as notícias que espantam a
saúde
E acalmam o espírito.

"Toda semana, trabalho de segunda a
sexta.

Às vezes, preciso trabalhar até nos
sábados e nos feriados.

Todo dia pego bem cedo no trabalho,
Largo ao anoitecer.

Às vezes, faço serão.

Durmo moído de cansaço".

"De noite, jogo conversa fora.

Um companheiro toca violão.

Outro conta um caso.

Outro conta os tostões.

Bate a saudade da minha casa.

Bate a saudade da minha menina.

Bate a saudade até do meu lugar".

Nessa hora, tudo fica mais difícil.

Ainda bem que os amigos estão por
perto.

Com eles as dificuldades diminuem.

Neles eu confio.

Pra eles eu falo da minha saudade.

Pra eles eu falo dos meus sonhos.

Às vezes chego a chorar.

"O clac-clac do dominó anima a noite.

O jogo de palito também.

Miro sai para namorar.

Gino e Guido vão tomar uma
cachacinha".

Chega o sono,

Ajeito meu colchão,

Durmo em paz.

Levanto cedo e vou à luta.

"Trabalho por produção.

A obra pede pressa.

A massa seca rápido e faz minha mão
correr.

Com a colher, assento tijolo sobre tijolo.
O mestre reclama: 'Olha o tijolo
dançando, homem!'

Calado, conserto o que fiz.

A parede vai crescendo e me faz
pequeno".

O sol castiga.

O suor escorre pelo meu corpo.

Minhas mãos estão cheias de calo,

Mas ainda são ágeis.

O prédio já está ficando alto.

Permite enxergar o mar,

Ali, próximo, depois dos coqueiros.

O almoço como com alegria.

Carne-de-sol, farinha, macaxeira e
feijão.

Um bom copo d'água dá a sensação de
que comi mais.

Tiro um cochilo rápido.

E o trabalho recomeça

E segue em frente até a boca da noite.

Depois do trabalho tomo um banho,

Arrumo o de cumê

E vou estudar.

A sala de aula é aqui mesmo na obra.

Meus companheiros também estudam.

Alguns já lêem e escrevem cartas.

Um dia eu também chego lá.

Outro dia recomeça.

"Miro prepara o traço.

Fabiano reboca a parede.

A massa corta as mãos e os pés da gente.

Um companheiro, de rosto suado,
assobia.

Outro grita lá de cima: 'E o café,
pessoal?'"

"Meu companheiro pinta a parede.

A tinta na parede é bonita de dar gosto!

A tinta faz beleza e me deixa tonto".

"A tinta esconde a massa.

A massa esconde o tijolo.

O tijolo ocupa o vazio.

A massa, a tinta, o tijolo escondem a
minha mão.

Escondem a mão do meu companheiro
pintor.

Escondem a mão do meu companheiro
pedreiro.

O edifício aparece naquela rua.

Alto, bonito, apumado..."

"Não se escuta mais o zum-zum da
construção".

Os companheiros já arrumaram suas
sacolas.

"Junto as minhas ferramentas.

Saio dali.

Vou começar tudo de novo".

Meus companheiros também vão.

A ESCOLA "ZÉ PEÃO"

O caso de Benedito e de seus compa-
nheiros não é exceção. São quase cinco
milhões de trabalhadores na construção
civil no Brasil. Destes, 30,8% trabalham
sem carteira assinada e 41% trabalham
por conta própria. Dados do IBGE, refe-
rente ao final da década de 90, demons-
tram que a construção civil é responsá-
vel por 10,3% do Produto Interno Bruto
nacional e por 6,6% das ocupações no
mercado de trabalho. Além disso, para
cada cem empregos diretos, outros du-
zentos e oitenta e cinco postos de traba-
lho são abertos em atividades ligadas a
este macro setor².

Na construção civil a terceirização já
é uma realidade e, além de aumentar as
dificuldades de fiscalização por parte dos
sindicatos, tem significado precarização,
diminuição da renda dos operários e per-
da dos direitos trabalhistas historicamente
adquiridos.

Em João Pessoa, são aproximada-
mente 13 mil trabalhadores na constru-
ção civil³. Em muitas obras se observa a
existência de uma verdadeira rede de so-
lidariedade, atenuando as dificuldades
dos operários que, na grande maioria,
provêm do interior do estado da Paraíba.
Esses migrantes buscam na capital uma
possibilidade de alimentar suas famílias,
que seguem a árdua luta no roçado en-
quanto rezam para que a chuva caia ge-
nerosa e a pouca terra que têm permita o
broto. Longe de suas casas, os "homens-
peões" erguem a cidade, constroem bo-
nitos apartamentos para outros e arran-
cam o suado salário que afugenta a fome
e a morte.

Muitos trabalhadores da construção
civil, além do salário, buscam alfabeti-
zar-se através do Projeto Escola Zé Peão.
Esse Projeto é resultado de uma parceria
entre a Universidade Federal da Paraíba/
Programa de Pós-Graduação em Educa-
ção e o Sindicato dos Trabalhadores nas
Indústrias da Construção e do Mobiliá-
rio de João Pessoa, e se caracteriza como
um Projeto de extensão. Tem como ob-
jetivo primordial promover a
escolarização dos operários que traba-

lham nesta indústria. Neste processo, faz uso do próprio local de trabalho dos operários (canteiros de obras) como espaço de realização de suas atividades pedagógicas. Entendendo alfabetização como possibilidade de ampliação da compreensão da realidade social por parte do operário via a aquisição da linguagem, da matemática e dos conhecimentos gerais e tendo em vista sua melhor capacitação para a reivindicação de seus direitos enquanto trabalhador e cidadão, o Projeto Escola Zé Peão busca alfabetizar

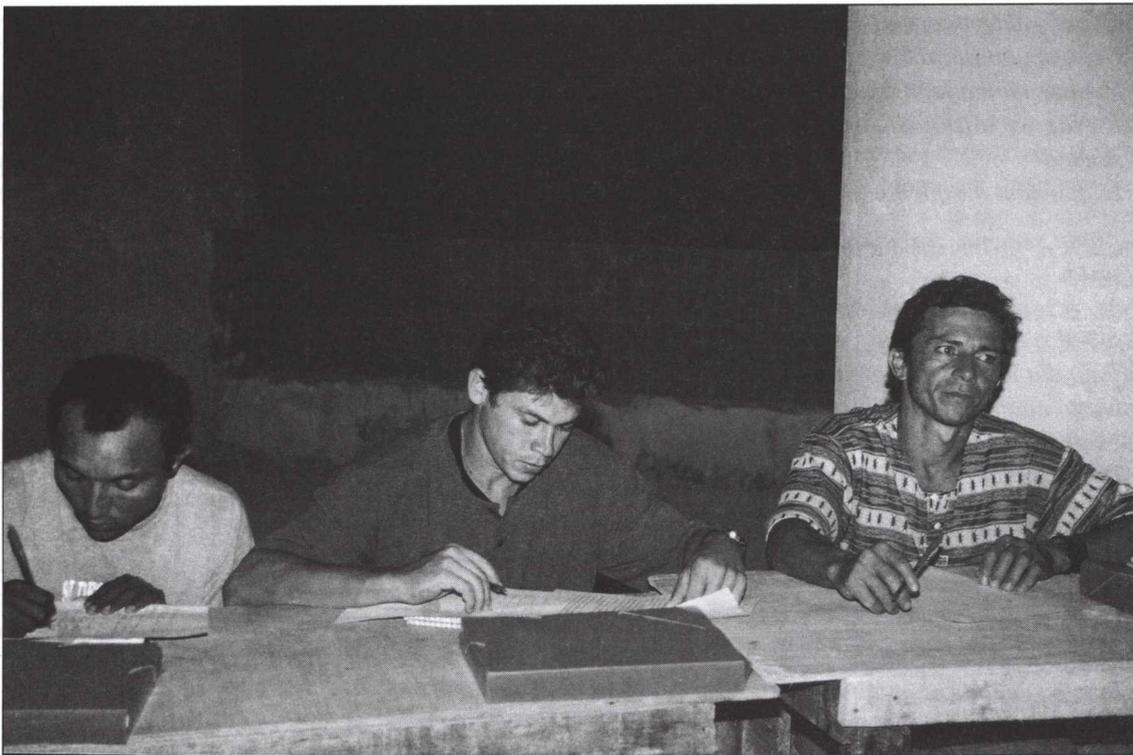


Foto: Arquivo Projeto Escola Zé Peão

o maior número possível dos trabalhadores da construção civil. Em onze anos de atividade aproximadamente três mil e cem operários foram alfabetizados⁴.

Esse Projeto foi criado em 1990, por meio de um dissídio coletivo da categoria que assegura que, em alojamentos com mais de 20 trabalhadores é obrigatória a instalação de salas de aulas destinadas aos operários-alunos. Esta cláusula, conquistada em novembro de 1990, tem sido mesmo efetivada na prática nos locais onde a Escola passou a ser assumida enquanto uma necessidade de extrema relevância⁵.

Os alunos-operários que freqüentam a Escola Zé Peão, são trabalhadores da construção civil de João Pessoa, em sua maioria homens⁶, cuja idade varia entre 18 e 55 anos, dos quais a maior parte deles tem origem rural. Muitos moram na periferia da Grande João Pessoa, outros permanecem durante toda a semana alojados no canteiro da obra onde trabalham, só retornando para as suas cidades de origem, para junto de suas famílias, no final de semana, no período entre oito a quinze dias.

O índice de analfabetismo que assola

a categoria é muito alto. Isto se deve, por um lado, pelo grande número de migrantes rurais que não tiveram a oportunidade de freqüentar escolas. Por outro lado, a natureza instável da indústria da construção civil, o caráter temporário de uma obra, o alto nível de rotatividade que não se registra em outros setores da economia urbana e o uso intensivo da mão-de-obra não qualificada, acaba por dificultar a inserção do trabalhador nos programas oficiais de educação de jovens e adultos. Por isso, a população analfabeta de operários da indústria da construção civil se concentra, particularmente, entre os serventes migrantes vindos do campo: os migrantes temporários ou sazonais que daí procedem, freqüentemente chegam a mais de 60% da força de trabalho em qualquer obra⁷. Dada a sua ligação temporária com a indústria e a cidade, são eles, predominantemente, os ocupantes dos alojamentos nos canteiros de obra, não por opção, mas por força da inviabilidade econômica de outras alternativas. A Escola visa atender principalmente este segmento social e educacionalmente mais discriminado da categoria. E foi, precisamente, entre es-

ses trabalhadores migrantes que pudemos observar a existência de um grande número de *pequenas* redes de solidariedade⁸.

AS REDES DE SOLIDARIEDADE

Basicamente, existe um primeiro migrante que se arrisca em uma nova empreitada. Na construção civil não é diferente. Um migrante, como Benedito, deixa seu município e sua gente e vai tentar a sorte na capital. Encontra emprego como pedreiro. Depois de algum tempo surgem novas vagas que serão preenchidas por novos trabalhadores, contactados através dos próprios migrantes. Não encontramos, na construção civil, alguém que *caça* trabalhadores, a exemplo do *gato* na cana-de-açúcar. Esse papel, redimensionado, acaba sendo feito pela boca do próprio operário que, ao voltar para junto dos seus, fala do surgimento de novas vagas, com o principal interesse de ajudar um vizinho, um amigo, um parente.

Essa rede acaba facilitando a vida de muitos trabalhadores que não sabem escrever. A simples tarefa de preencher uma

ficha pode excluir alguns de um novo emprego. Mas, quando vêm indicados por um conterrâneo, para trabalhar na mesma obra, não necessitam preencher uma ficha, que é substituída pelo conhecimento, pela indicação e pela confiança que outro trabalhador já adquiriu na obra. Quem vem, já vem com a vaga certa e não precisará passar pela torturante etapa de cadastramento e de espera⁹.

Josafá Juvino da Rocha, 45 anos, morador do Sítio Ilha Grande, da cidade de Juazeirinho, interior da Paraíba, explica melhor esse processo de conseguir uma vaga: "A gente pega conhecimento, aí quando abre uma vaga a gente diz: tem meu sobrinho que está parado, tem meu irmão que está parado, vou trazer eles pra trabalhar. Aí eles vêm, começam a trabalhar e a gente fica tudo junto, morando no mesmo lugar".

Assim, com o tempo, o número de conterrâneos vai crescendo, na mesma obra, no mesmo canteiro. Encontramos, por exemplo, em um canteiro com cinquenta e nove operários-alunos, onze do município de Juarez Távora. Em outro canteiro, com sessenta trabalhadores, quatorze do município de Juazeirinho e dez de Alagoa Grande. Outros seis trabalhadores de Alagoa Grande estão em outro canteiro de vinte e nove operários. Esta *subdivisão da rede* se repete com doze trabalhadores de Alagoinha, divididos sete em um canteiro e outros cinco em outro, o que chama a atenção e aponta para o fato de que a existência da rede, além da mesma procedência, requer outros elementos como parentesco, compadrio, amizade.

Dentro do mesmo canteiro a existência dessa rede será muito útil aos migrantes. A intimidade existente entre eles permitirá uma organização distinta em relação aos outros trabalhadores. Isso se pode captar com certa facilidade, ainda que tudo esteja presente de forma dissimulada. Senão vejamos, na fala de um deles sobre o fato de serem todos do mesmo município: "é bom, porque a gente tem o que conversar. Não é como desconhecido, a gente confia mais, por ser tudo meio família, tudo do mesmo lugar".

Isso cria um clima de confiança, de fidelidade, facilitando até a articulação na luta e reivindicação pelos direitos. Em vez de cada um fazer sua comida, como normalmente acontece, fazem um revezamento diário ou semanal e um cozinha para todos. Outro gesto que mostra a solidariedade é quanto à *feira*: a comida que cada um traz de casa ou compra no mercado acaba sendo colocada numa despensa comum, para servir a todos. Essa mesma solidariedade acontece na limpeza do ambiente, no lavar dos pratos, no levar notícias para a família. Nesse caso, a confiança permite que um migrante que porventura não possa ir à sua casa, envie por meio de um amigo ou parente o seu dinheiro para a feira quinzenal da família que está no interior.

Assim, as redes possibilitam uma melhoria significativa na convivência dentro de um alojamento. Ao dividirem as tarefas e responsabilidades estes migrantes encontram mais tempo para o estudo ou para o descanso. Ao criarem um ambiente de confiança, partilham sentimentos, constroem uma identidade mais coletiva. Desta forma, saem do isolamento e constituem uma maior relação social.

A Escola, à noite, mesmo depois de um dia inteiro de trabalho árduo, acaba sendo um lugar de socialização. Dos já mencionados quatorze trabalhadores de Juazeirinho, todos estão estudando, o que só é compreensível pela cumplicidade existente entre eles. Nosso amigo Josafá nos explica: "Um vai e anima o outro: rapaz, vamos estudar, que a gente estudando vai desenrolando mais, melhorando mais".

Essa relação existente entre os trabalhadores desencadeia uma série de novos compromissos de cada um para com todo o grupo.

É nessa perspectiva, de ampliação e potencialização das redes de solidariedade entre os *migrantes-alunos-operários*, que o Projeto Escola Zé Peão se interpõe.

* Arivaldo J. Sezyshya é padre Escalabriniano e um dos coordenadores do Serviço Pastoral dos Migrantes da Paraíba.

** Verônica Pessoa é mestranda em Educação Popular pela UFPB e uma das coordenadoras do Projeto Escola Zé Peão.

NOTAS

1. Este texto foi originalmente criado por Maria de Lourdes Barreto de Oliveira. Para este nosso artigo fizemos algumas alterações e elaboramos algumas estrofes a mais, que estão inseridas no texto original. Para distinguir, usamos aspas no texto de Maria de Lourdes.

2. Estes dados são do Sindicato das Indústrias da Construção Civil do Estado de São Paulo.

3. Destes 13 mil, aproximadamente 10 mil são os trabalhadores permanentes da construção civil. Cerca de 3 mil são trabalhadores temporários, terceirizados, que estão na construção civil por um tempo, mas acabam trocando de trabalho com muita frequência. O número que o Sindicato acompanha é de aproximadamente 7 mil trabalhadores na grande João Pessoa.

4. Esse número foi obtido a partir da soma das matrículas efetuadas. Há que se descontar o número de desistências, que são baixas, e outros que acabam frequentando o projeto por mais de um ano.

5. O texto original, aprovado desde novembro/94 consta do seguinte:

"CLÁUSULA DÉCIMA OITAVA - DA EDUCAÇÃO BÁSICA DO TRABALHADOR"

Nos canteiros de obras com mais de 20 (vinte) trabalhadores alojados, as empresas de construção civil se obrigam, dentro dos 60 (sessenta) dias contados a partir da assinatura do presente acordo, a implantar cursos de alfabetização no canteiro de obra, ministrado pelo Sindicato Laboral, após o término do horário de trabalho do segundo turno, cabendo à empresa fornecer as condições mínimas necessárias à viabilização daquelas aulas.

Parágrafo único: Os operários alunos serão dispensados do serão, quando houver".

6. Algumas mulheres que trabalham em empregos domésticos na orla marítima de João Pessoa também estudam na Escola Zé Peão.

7. De 84 entrevistados, 56 vieram do campo, o que nos dá um percentual de 66,6%.

8. Não nos parece adequada essa terminologia *pequenas* redes de solidariedade. O termo *pequenas* é usado aqui em comparação com outras redes maiores, existente, por exemplo, entre os migrantes do interior da Paraíba que, agrupados pelo *gato* aventuram-se no corte da cana-de-açúcar na Zona da Mata de Pernambuco ou no distante estado do Maranhão. Há, ainda, uma rede maior e mais perceptível entre os *migrantes redeiros*, que, por cinco ou seis meses, deixam o sertão para vender as famosas redes paraibanas no sul ou sudeste do Brasil.

9. Frequentemente migrantes preenchem fichas para trabalhar na construção civil e têm que esperar meses seguidos para serem chamados. Há casos, inclusive, de alguém que preencheu a ficha e acabou perdendo a vaga para outro que veio por indicação de um trabalhador que já estava há algum tempo na obra.

REDES DE MOVIMENTOS SOCIAIS

Ilse Scherer-Warren

(1993) Loyola, São Paulo, 143 p.

Retrata aspectos relevantes da trajetória histórica das formas de organização da sociedade civil na América Latina e, em particular no Brasil, principalmente dos movimentos sociais. O foco maior recai sobre os aspectos concretos da trajetória das organizações populares e suas mediações ao longo da década de 1980. Finaliza trazendo uma síntese do percurso do pensamento analítico das ciências sociais em relação a esta temática.

Uso potencial das redes de parentesco como alternativa metodológica para o estudo da migração na América Latina

In: III Encontro Nacional de Estudos Populacionais

Luís Eduardo Aragon

(1982) ABEP, Vitória, 12 p.

Trata da possibilidade de reconstruir, em parte, fluxos migratórios totais utilizando informações fornecidas por chefes de família sobre as suas próprias histórias migratórias, bem como a de seus parentes genealógicamente mais próximos.

NAS TERRAS DO "DEUS DARÁ": Nordestinos e suas Redes Sociais em São Paulo

Dulce Maria Tourinho Baptista

(1998) Tese de Doutorado, PUC/SP, 324 p.

Busca entender a dinâmica das redes sociais construídas pelos migrantes nordestinos em São Paulo, moradores da favela Jdim. Colombo, através do seu cotidiano. São redes que atuam nas suas vidas desde o local de origem, viabilizando a migração, até o meio urbano. Articulam-se no cotidiano frente aos desafios que os migrantes nordestinos enfrentam pela perda de direitos e pela situação de carência e pobreza em que vivem. A autora também se pergunta se as redes sociais submersas na vida do migrante, na grande cidade, representam apenas uma estratégia de sobrevivência ou se não integram uma ação coletiva na perspectiva de um engajamento em um processo de emancipação social.

INMIGRACIÓN Y REDES SOCIALES EN LA ARGENTINA MODERNA

María Bjerg y Hernán Otero (compiladores)

(1995) CEMLA - IEHS, Tandil, 241 p.

Volume que reúne uma série de trabalhos históricos e sociológicos que, partindo do conceito de rede social, buscam compreender processos-chaves como a criação de instituições étnicas, a integração matrimonial e a mobilidade social e espacial dos imigrantes. Fazemos menção especial ao artigo de *Franco Ramella* sobre o conceito de rede social nos estudos sobre migrações.

DESTERRITORIALIZAÇÃO E IDENTIDADE:

A Rede Gaúcha no Nordeste

Rogério Haesbaert

(1997) EDUFF - Niterói, 293 p.

Trata da presença de migrantes gaúchos no Oeste da Bahia, região de Barreiras e Mimoso, onde se instalaram como grandes produtores de soja. Partindo do confronto entre gaúchos e nordestinos, o autor levanta as seguintes questões: Diante do processo inclemente da globalização e dos efeitos complexos das grandes migrações modernizadoras, como se definem, hoje, as categorias entrelaçadas de identidade, territorialização e desterritorialização? Nesse sentido, o autor estuda a formação de uma rede social que sustentaria uma certa identidade gaúcha, apoiada sobretudo nos CTGs (Centros de Tradições Gaúchas).

A NOÇÃO DE REDE REGIONAL E A MIGRAÇÃO GAÚCHA NO BRASIL

Rogério Haesbaert

In: O Fenômeno Migratório no Limiar do Terceiro Milênio: Desafios Pastorais

(1998) Vozes - Petrópolis, 21 p.

O texto busca esclarecer uma noção surgida durante pesquisa realizada acerca da presença de sulistas no Nordeste. Após a discussão dos conceitos de território e rede, propõe a noção de rede regional, a qual, imbricada em várias outras redes, aparece como um dos componentes fundamentais dos processos de construção-destruição e reconstrução de territórios no espaço brasileiro contemporâneo.

SEJA UM COLABORADOR

Travessia está aberta à publicação de artigos de pesquisadores e estudiosos que analisam a realidade em que o migrante está envolvido, a partir dos diferentes ramos do conhecimento: social, político, cultural, econômico, antropológico, educacional, etc.

A revista destina-se, fundamentalmente, a um público intermediário; quer ser uma ponte entre a produção acadêmica e a produção popular. Se for do seu interesse, envie artigos para a redação, seguindo as orientações abaixo elencadas:

- * De preferência, artigos que se enquadrem dentro dos temas previamente anunciados, conforme consta ao lado;
- * Título: Evitar títulos longos. Lembre-se, trata-se de artigo para revista e não dissertação e/ou tese.
- * Tamanho: 350 linhas, fonte Times, corpo 12;
- * Intercalar o texto com alguns intertítulos;
- * Clareza de linguagem e simplificação dos conceitos;
- * Na medida do possível, enviar algumas fotos com os respectivos créditos, as quais serão posteriormente devolvidas;
- * Os artigos devem ser inéditos;
- * Fazer constar breve identificação do autor, endereço postal, e-mail e telefone;
- * Notas: utilizar apenas nos casos em que o texto requer alguma explicação relevante; não utilize nota no título e no nome do autor; referência bibliográfica não é nota;
- * Referências Bibliográficas: devem constar no interior do texto, entre parênteses, com o nome, ano e quando específicas, a página. Ex.: (Silva, 1996, p.3);
- * Bibliografia - Ater-se à referida no texto, seguindo o padrão abaixo:
 - a) Livros: nome do autor; ano entre parênteses; título do artigo em itálico; local da publicação; nome da editora. Exemplo: FERNANDES, Florestan (1977) *A Sociologia no Brasil*. Petrópolis, Vozes.
 - b) Artigos: nome do autor; ano entre parênteses; título do artigo entre aspas; nome do periódico em itálico; volume (se houver) e nº; mês(es); nº da página. Exemplo: SARTI, Cynthia Andersen (1995) "São os Migrantes Tradicionais?". *Travessia-Revista do Migrante*, nº 23, setembro-dezembro, p.11.

O autor de artigo publicado receberá dez exemplares da revista.

O Conselho Editorial reserva-se o direito de submeter os artigos à sua apreciação.

PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

**TRAVESSIA
Nº 41**

**MIGRAÇÃO
LABORAL**

(Set-Dez/02)

**Prazo para
envio**

**dos artigos:
(30/09/01)**

**TRAVESSIA
Nº 42**

**LINGUAGENS
E SÍMBOLOS**

(Jan-Abr/02)

**Prazo para
envio**

**dos artigos:
(31/12/01)**

**TRAVESSIA
Nº 43**

**OS MIGRANTES
NA IMPRENSA E
NA LITERATURA**

(Mai-Ago/02)

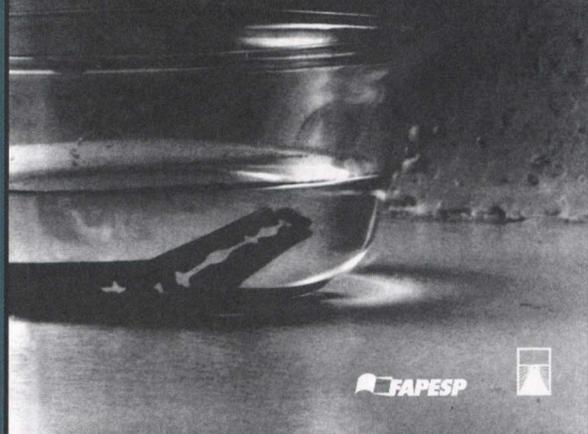
**Prazo para
envio**

**dos artigos:
(15/04/02)**

Sair para o Mundo

Trabalho,
família e
lazer na
vida de
excluídos

Ana Cristina Arantes Nasser



A autora, Ana Cristina Arantes Nasser - doutora em sociologia pela USP - é, atualmente, pesquisadora do CEM (Centro de Estudos Migratórios).

“Desde as primeiras páginas fui envolvida pelo relato das histórias de vida de pessoas com as quais dificilmente entramos em contato, apesar de vislumbrá-las, nas ruas da cidade. Para mim, elas eram, até então, pessoas sem nome e rosto. Aos poucos, Peter, Lázaro, os vários Luiz e José, Paulo, Júlio, Reginaldo, Mário, Antonio, Noel, Jaciro, Dejair e tantos outros, foram sendo delineados como pessoas, a partir do relato vivo e doloroso da vida desses moradores de albergue.

Através desses sujeitos sociais, tomados como objeto empírico, Ana Cristina Arantes Nasser discute com precisão uma das mais importantes questões da sociologia do Trabalho, qual seja, a da representação do trabalho. Mas, ao invés de tomar como referência os trabalhadores inseridos no mercado de trabalho, prefere analisar a questão em sua negatividade, ou seja, escolhe homens excluídos desse mercado. E, portanto, analisa as representações sobre o trabalho elaboradas a partir da ausência concreta do trabalho. Além deste, outro aspecto inovador da pesquisa é o enfoque do problema na perspectiva da vida cotidiana, segundo Henri Lefebvre. Assim, o processo de exclusão é analisado tomando a relação dialética entre trabalho, família e lazer, de forma a reconstruir seus múltiplos e contraditórios âmbitos.”

(Extraído da Apresentação do livro, feita por Heloisa Helena T. de Souza Martins)

ATENÇÃO

A partir de 20/10/01 o prefixo telefônico do CEM sofrerá alteração.

Fone: De (011) 278-6227 para (11) 3208.6227

(idem o Fax, 3208-2284)

Aproveite e Confira a nova Home Page do CEM

WWW.cemsp.cjb.net